OS MARAVILHOSOS SEGREDOS

DO

PEQUENO ALBERTO

ÍNDICE

OS SEGREDOS

ADVERTÊNCIA QUE DEVE SER LIDA

Eis uma nova edição do *Livro dos Maravilhosos Segredos do Pequeno Alberto*, conhecido em latim sob o título *Alberti Parvi Lucii Libellus Mirabilibus Naturae Arcanis*. O autor a que é atribuído foi um desses grandes homens acusados de magia pelo povo ignorante. Ser tratado de mágico era outrora o destino de todos os grandes espíritos que possuíam qualquer conhecimento extraordinário das ciências. Talvez por essa razão este pequeno tesouro se tenha tornado tão raro, porque os supersticiosos tiveram escrúpulos em usá-lo; e quase se perdeu totalmente, pois uma distinta personagem do mundo teve a curiosidade (segundo me asseguraram) de oferecer mais de mil florins por um só exemplar, e, mesmo assim, não foi possível encontrá-lo senão depois de ter permanecido algum tempo na biblioteca de um homem muito importante, que o deu de boa vontade para não privar mais o público de um tão rico tesouro. Agora é possível utilizá-lo com pouca despesa, com utilidade e muito proveito. Os curiosos não devem deter-se na linguagem velha e pouco polida deste livro. Preferiu-se deixá-lo como foi encontrado, do que mudar-lhe fosse o que fosse, com medo de alterar o verdadeiro sentido. Quanto ao resto, ninguém se zangará por se ter acrescentado no fim deste tesouro mais alguns segredos maravilhosos, dados por uma pessoa de grande experiência, e como se fala muitas vezes nesta coletânea da preparação de segredos nas horas dos planetas, encontrar-se-ão, no fim deste livro, umas Tábuas que marcam a hora do levantar do Sol para todos os dias do ano, para que não sejam cometidos erros acerca das horas que cada planeta governa, porque deve-se saber que se conta a primeira hora desde o levantar do Sol e não a partir da meia-noite, como pretenderam alguns por erro.

O TESOURO DOS MARAVILHOSOS SEGREDOS

O verdadeiro curioso, que deseja aproveitar os mais raros e mais escondidos segredos da natureza, deve de coração desperto abrir os olhos do seu entendimento sobre o que lhe reuni, com muito cuidado e exatidão, neste pequeno volume.

Pode ele ser com propriedade chamado um tesouro universal, porque, na sua pequenez, encerra maravilhas capazes de agradar a todo o gênero humano. Tanto o pobre como o plebeu, o negociante da cidade como o trabalhador do campo, o homem de guerra como o pacífico, o donzel como a donzela, a mulher grávida como a virgem, e, sobretudo, o bom condutor da sua família, todos tirarão proveito do que as minhas experiências experimentaram para satisfazer as suas mais vivas inclinações e os seus mais ardentes desejos.

Ora, para manter certa ordem metódica nesta minha obra, e para a tornar mais útil e mais agradável aos meus leitores, distinguirei separadamente cada uma das matérias, para que a mistura indiscreta não provoque confusões embaraçosas, isto é: quando tratar dos segredos do amor ou da guerra, exporei imediatamente e sem interrupção o que quiser dizer sobre esses assuntos; ou se, por uma ligação natural, tratar noutro local de alguns segredos que convenham ao amor ou à guerra, advertirei os meus leitores, indicando-lhes os lugares onde poderão encontrar esses segredos.

É também conveniente advertir de que, por mais surpreendentes que possam parecer os segredos que lhes proponho neste pequeno volume, eles de maneira nenhuma excedem as forças ocultas da natureza, isto é, de todos os seres criados que estão dispersos neste vasto Universo, quer nos Céus, nos ares, sobre a Terra ou nas águas. Porque assim como está escrito que o sábio dominará os astros pela sua prudência, do mesmo modo se deve estar persuadido de que os astros, pelas suas

amáveis influências, aproveitarão ao sábio, que ficará instruído sobre os seus ascendentes.

Ora, deve-se saber que por ascendente dos astros se entende as suas favoráveis disposições entre si, como são os seus aspectos ou aparências, as suas conjunções ou encontros, as suas entradas e estadas nos signos celestes. Pela palavra "astro" entende-se geralmente os planetas que têm o seu dia próprio no decurso da semana: o Sol, para o Domingo; a Lua, para a Segunda-Feira; Marte, para Terça; Mercúrio, para Quarta; Júpiter, para Quinta; Vênus, para Sexta; e Saturno, para o Sábado.

Aqueles que não estudaram as ciências sublimes da Filosofia e da Astronomia poderão ou consultar os astrólogos, ou utilizar um bom almanaque quando quiserem pôr em prática qualquer segredo que dependa dos aspectos ou conjunções dos astros, para que a exatidão utilizada na operação realizada torne a tentativa boa, útil e favorável.

Que não se atribua à magia ou à arte de demônios o fato de alguns dos maravilhosos segredos que descrevo utilizarem certas palavras ou figuras, porque elas têm virtude e eficácia independentemente da magia e os antigos sábios hebreus serviram-se delas com muita religião: e a Crônica de França diz-nos que Carlos Magno recebeu de um papa um pequeno livrinho, que não se compunha senão de figuras e palavras misteriosas, de que este príncipe se serviu com muita felicidade numa infinidade de ocasiões, e esse pequeno livro tem por título: *Enchiridion Leonis Papae*. As maravilhas que este pequeno livrinho produziu a favor dos que as utilizaram tornaram-no recomendado, apesar daqueles que quiseram desacreditá-lo como supersticioso.

Enfim, advirto os meus leitores de que nada encontrarão de comum nem de trivial nesta minha pequena obra; é como que um extrato e um elixir do que a Natureza, aperfeiçoada e ajudada pela arte, tem de mais maravilhoso nas suas virtudes ocultas. De modo algum me deixo seduzir pela vaidade de as apresentar como se fossem de mim próprio e da minha competência: confesso, ingenuamente, que as tirei dos escritos dos mais famosos filósofos, que com admirável aplicação penetraram tudo o que a Natureza tem de mais curioso e de mais escondido. É verdade que não os apresento aqui com temeridade, visto que de quase todos tive o prazer de fazer eu próprio a experiência.

DO AMOR RECÍPROCO DO HOMEM E DA MULHER

Como nada há de mais natural ao homem do que amar e ser amado, começarei a abertura do meu pequeno tesouro pelos segredos que conduzem a este fim e, sem me divertir a invocar Vênus e Cupido, que são as duas divindades dominantes sobre esta nobre paixão do homem, direi que a Senhora natureza, que faz todas as coisas para o homem, produz todos os dias grande número de criaturas que se lhe tornam favoráveis nos sucessos dos seus amores. Encontra-se bastantes vezes na fronte do potro da égua um pedaço de carne, de que mostro aqui o aspecto, que é de um uso maravilhoso no que respeita ao amor, porque se conseguir esse pedaço de carne, a que os antigos chamaram *hippomanes*, deixando-o secar num recipiente novo de argila, envernizado num forno depois de o pão ter sido retirado, quem o trouxer consigo e o fizer ser tocado pela pessoa de quem quer ser amado obterá êxito: se puder conseguir a comodidade de o fazer engolir, apenas na grossura de duas ervilhas, em qualquer licor, compota ou assado, o efeito será também infalível. E como Sexta-Feira é o dia consagrado a Vênus, que preside aos mistérios do amor, será conveniente fazer a experiência nesse dia. Veja-se o que diz o célebre Jean Baptiste Porta das surpreendentes propriedades do *hippomanes* para causar amor.

OUTRO PARA O AMOR

A pessoa interessada deve extrair sangue de si própria numa sexta-feira de primavera e pô-lo a secar no forno, num pequeno recipiente, como acima se disse. Misture-se com os dois testículos de uma lebre e o fígado de uma pomba e reduza-se tudo a um pó fino, que se faz engolir, em quantidade de meia dracma, à pessoa acerca de quem se tem algum desígnio; se o efeito, não resultar da primeira vez, repita-se até três vezes e ser-se-á amado.

OUTRO PARA O AMOR

Viva-se castamente pelo menos cinco ou seis dias, e no sétimo, que será uma sexta-feira (se for possível), coma-se e beba-se alimentos de natureza quente, que excitem para o amor, e, quando se tiver atingido esse estádio, procure-se ter uma conversa familiar com o objeto da paixão e proceda-se de maneira que olhem fixamente um para o outro, só o tempo de uma Ave-Maria. Porque os raios visuais, encontrando-se mutuamente, serão veículos tão poderosos do amor que penetrarão até ao coração e o maior orgulho e a maior insensibilidade não poderão resistir-lhes. É bastante difícil conseguir que uma rapariga que tenha pudor olhe fixamente um jovem durante algum espaço de tempo, mas poder-se-á obrigá-la a isso dizendo-lhe, na brincadeira, que se aprendeu um segredo para adivinhar pelos olhos se irá casar em breve, se viverá muito tempo, se será feliz no casamento ou qualquer outra coisa de semelhante que desperte a curiosidade da pessoa e que a faça resolver-se a olhar fixamente.

OUTRO PARA O AMOR

Arranje-se um anel de ouro, guarnecido com um pequeno diamante, que não tenha sido usado desde que saiu das mãos do artífice, envolva-se num pequeno pedaço de tecido de seda e use-se durante nove dias e nove noites entre a camisa e a carne, em oposição ao coração. No nono dia, antes do sol, gravar-se-á com um buril novo, no interior do anel, esta palavra: "*Scheva*". Depois procure-se conseguir por algum meio três cabelos da pessoa de que se pretende ser amado, que se devem acopular com três da própria pessoa, dizendo: "O corpo! Possas tu amar-me e que o teu desejo triunfe tão ardentemente como o meu, pela virtude eficaz de *Scheva*." Deve-se ligar os cabelos em laços de amor, de modo que o anel fique praticamente enlaçado no meio do laço e, depois de envolvido no tecido de seda, deve começar imediatamente a ser usado sobre o coração outros seis dias e, no sétimo dia, liberta-se o anel dos laços de amor e faz-se por a pessoa amada o receber. Toda esta operação deve fazer-se antes do nascer do Sol e em jejum.

OUTRO PARA O AMOR

Para nada dizer que choque a decência, não copiarei aqui o que li num médico muito hábil acerca da virtude sem igual do esperma ou semente humana para induzir ao amor, tanto mais que a experiência não pode fazer-se sem violentar a natureza, que nos fornece bastantes outros meios. Recorra-se, portanto, antes à erva que se chama *Enula campana*, de que apresento aqui o desenho.

Deve-se colhê-la em jejum, na véspera de São João, no mês de Junho, antes do nascer do Sol, deixá-la secar, reduzi-la a pó com âmbar pardo e, depois de ter sido usada nove dias sobre o coração, deve-se conseguir que seja engolida pela pessoa de que se deseja ser amado e o efeito produzir-se-á. O coração de andorinha, de pomba, de pardal, misturado com o próprio sangue da pessoa que quer ser amada, tem o mesmo efeito.

OUTRO PARA O AMOR

Pode-se triunfar com muito sucesso nesta empresa pelo socorro a talismãs feitos sob a constelação de Vênus.

Darei, na continuação desta pequena obra, modelos gravados em talha-doce dos sete talismãs que se podem fazer e falarei da maneira metódica de os fazer e das virtudes que eles encerram. Poder-se-á ver, pelo assunto, que me refiro ao de Vênus. Estes talismãs foram compostos pelos mais sábios cabalistas e são executados sobre números misteriosos e figuras hieroglíficas convenientes aos planetas a quem devem as suas propriedades. Chamaram-lhes eles os segredos ou os sinetes dos planetas ou Inteligências Celestes.

OUTRO PARA O AMOR

Há o segredo que se chama, entre os sábios cabalistas, Maçãs de amor, e pratica-

se desta maneira: numa sexta-feira de manhã, antes do nascer do Sol, vai-se a um pomar e colhe-se de uma árvore a mais bela maçã que se encontre. Depois escrevem-se com o próprio sangue, num pedacinho de papel branco, os seus próprios nome e sobrenome e, numa outra linha, o nome e o sobrenome da pessoa de que se deseja ser amado e procura-se arranjar três dos seus cabelos, que se juntam com três da própria pessoa, que servirão para atar o pequeno bilhete, que terá sido escrito com um outro, no qual se encontra a palavra *Scheva*, também escrita com o próprio sangue, depois fende-se a maçã em duas, retiram-se as sementes e no seu lugar colocam-se os bilhetes ligados com os cabelos, e, com duas pequenas agulhas aguçadas de ramos de mirta verde, ligam-se com precisão as duas metades da maçã, que se deixa secar bem no forno, de modo a ficar dura e sem umidade, como as maçãs secas da Quaresma. Em seguida, envolver-se-á em folhas de loureiro e tenta-se colocar sob a cabeceira do leito onde dorme a pessoa amada, sem que ela se aperceba disso, e pouco tempo depois ela dará sinais de amor.

OUTRO PARA O AMOR

Não basta ao homem ser amado pela mulher passageiramente e uma vez apenas, é preciso que isso se mantenha e que seja indissolúvel. E, por isso, tem necessidade de possuir segredos para conseguir que a mulher não mude ou diminua o seu amor. Para este fim, arranje-se o tutano que se encontrará no pé esquerdo de um lobo, faça-se com ele uma espécie de pomada, que se dará a cheirar de tempos a tempos à mulher, que amará cada vez mais a pessoa em causa.

OUTRO PARA O AMOR

Como pode acontecer que a mulher se desgoste do homem, se este não for robusto na ação de Vênus, ele deverá acautelar-se não só com bons alimentos, mas ainda com segredos que os antigos e modernos investigadores das maravilhas da Natureza experimentaram. É preciso, dizem eles, compor uma espécie de bálsamo de

cinza de estilião, de óleo de milfurada e de almíscar e com eles untar o dedo grande do pé esquerdo e os rins, uma hora antes de entrar no combate e sair-se-á com honra e satisfação da parte dela.

OUTRO PARA O AMOR

A pomada composta de gordura de bode novo com âmbar pardo e almíscar produz o mesmo efeito, se esfregar a glândula do membro viril, porque provoca uma espécie de cócegas que dão um maravilhoso prazer à mulher na ação do coito.

OUTRO PARA O AMOR

Se o marido achar que a sua mulher é de compleição frígida e não tem prazer com o divertimento, que a faça comer os testículos de um ganso e o ventre de uma lebre, temperados com finas especiarias, e, de tempos a tempos, saladas onde haja muito saramago e aipo com vinagre rosado.

CONTRA O ENCANTO DO FEITIÇO PARA IMPEDIR O CASAMENTO

Os nossos antigos asseguram que o pássaro a que se chama picanço é um soberano remédio contra o sortilégio para impedir o casamento, se for comido, assado, em jejum, com sal bento. Quem respirar o fumo do dente queimado de um homem que tenha morrido há pouco tempo ficará igualmente liberto do encantamento. O mesmo efeito se produz se puser mercúrio num canudinho de palha de aveia ou de palha de frumento e se colocar esse canudinho de palha de frumento sob a cabeceira do leito em que dorme aquele que está atingido por esse

malefício. Se o homem e a mulher sofrem esse encantamento, é preciso, para que se curem, que o homem urine através do anel nupcial, que a mulher estenderá enquanto ele urina.

PARA IMPEDIR O CASAMENTO

Arranje-se o pênis de um lobo morto há pouco tempo e, próximo da porta daquele que se quer atingir, grita-se o seu nome próprio e, assim que ele tiver respondido, liga-se o dito pênis de lobo com um laço de fio branco e ele ficará de tal modo impotente para o ato de Vênus que não o seria mais se fosse castrado. Boas experiências fizeram saber que, para remediar esta espécie de encantamento, basta que se use um anel em que esteja embutido o olho direito de uma doninha.

PARA MODERAR O DESEJO EXCESSIVO DA AÇÃO DE VÊNUS NA MULHER

Reduza-se a pó o membro genital de um touro ruivo e dê-se o peso de um escudo deste pó num caldo composto de vitela, de beldroega e de lentilhas à mulher demasiado desejosa e não se será mais importunado, mas, pelo contrário, ela terá aversão à ação veneriana.

CONTRA OS DESEJOS DA CARNE E PARA VIVER CASTAMENTE

Ainda que os alimentos temperados com lentilhas e beldroega sejam muito úteis para amortecer o ardor da concupiscência, como estas não se encontram em todas as estações e se poderia ficar enjoado desses sabores, à imitação dos israelitas,

que se enjoaram do maná do deserto, a natureza providenciou diversos outros remédios: arranje-se, pois, pó de ágata, que se coloca numa faixa de tecido temperado em gordura de lobo e envolvam-se os rins com essa faixa. Além disso, o homem deverá usar o coração de uma codorniz fêmea, e terá mais resultado se envolver numa pele de lobo.

PARA SABER SE UMA RAPARIGA É CASTA OU SE ELA FOI CORROMPIDA E ENGENDROU

Arranje-se azeviche, que se reduz a um pó impalpável, e faz-se a rapariga tomar o peso de um escudo desse pó: se estiver corrompida, ser-lhe-á absolutamente impossível reter a urina, e terá de urinar imediatamente; se, pelo contrário, for casta, reterá a sua urina mais do que o costume. O âmbar amarelo ou branco, com que se faz colares e rosários, produz a mesma prova, se for usado com a mesma preparação que o azeviche. A semente da porcelana, a folha e a raiz de cato, reduzidas a pó e dadas a beber num caldo ou outro licor, servem muito bem para a mesma prova.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Arranje-se uma fiada de fio branco, meça-se com esse fio a grossura do pescoço da rapariga, dobre-se depois essa medida e faça-se a rapariga segurar com os dentes as duas pontas e estenda-se a dita medida para fazer passar por ela a cabeça: se a cabeça passa muito à vontade, ela está corrompida; se passa com dificuldade, é seguro que é virgem.

PARA REPARAR A VIRGINDADE PERDIDA

Arranje-se meia onça de terra benta de Veneza, um pouco de leite das folhas de espargo, um quarto de onça de cristal mineral infuso em sumo de limão ou sumo de ameixas verdes, uma clara de ovo fresco com um pouco de farinha e aveia. Com tudo isto faça-se um bolo, que tenha um pouco de consistência, que se põe na parte natural da rapariga desflorada depois de se ter seringado com leite de cabra e untado com pomada de Rasis branco. Basta que se pratique este segredo quatro ou cinco vezes para que a rapariga volte ao estado de enganar a matrona que quisesse visitá-la.

A água de Despargoutte, destilada com sumo de limão, sendo seringada vários dias seguidos na natureza da rapariga, produz o mesmo efeito, untando a parte com pomada, como se disse acima.

PARA IMPEDIR QUE A MULHER POSSA ENTREGAR-SE À LUXÚRIA COM QUALQUER UM

Aqueles que são obrigados a ausentar-se durante muito tempo da sua casa e que têm mulheres suspeitas e sujeitas a caução poderão, para sua segurança, praticar o que se segue. Têm de arranjar-se alguns cabelos da mulher e cortá-los finos como poeira; depois de ter untado o membro viril com um pouco de bom mel e deitado por cima o pó dos cabelos, proceder-se-á ao ato veneriano com a mulher, ficando ela com grande enjôo do prazer. Se o marido lhe quiser tirar esse enjoo, que tome um tufo dos seus próprios cabelos, que os corte em pó, como fez com os da mulher, e, depois de ter untado o seu membro viril com mel e almíscar e de tê-lo salpicado com os seus cabelos, procederá ao ato, com contentamento da mulher.

PARA RESTABELECER A PELE ENRUGADA DO VENTRE DAS MULHERES JOVENS DEPOIS DE VÁRIOS PARTOS

Compor-se-á uma pomada com terebintina de Veneza, leite de folhas de espargo, queijo branco de vaca que esteja azedo e cristal mineral; depois, tendo esfregado o ventre com uma pequena esponja embebida em sumo de limão, aplicar-se-á um emplastro da dita pomada pobre o ventre e repete-se este segredo diversas vezes, obtendo-se bom resultado.

PARA FAZER VER ÀS RAPARIGAS OU VIÚVAS DURANTE A NOITE O MARIDO QUE IRÃO DESPOSAR

É preciso que arranjem um pequeno ramo de uma árvore que se chama choupo. Que o atem com uma fita de fio branco com as próprias calças e, depois de os ter posto sob a cabeceira da cama em que devem dormir, esfregarão as têmporas com um pouco de sangue de um pássaro que se chama poupa e dirão, ao deitar-se, a oração seguinte, à intenção do que querem saber:

ORAÇÃO

"Kyrios clementissime qui Abraham servo tuo dedisti uxorem Saram et filio ejus obedientissimo per admirabile signum indicati Rebeccam uxorem; indica mihi ancillae tuae quem sim nuptura virum per ministerium tuorum spirituum Balideth, Assaibi, Abumalith. Amen."

Deve-se, na manhã seguinte, logo ao acordar, recordar o que se sonhou durante a noite e se, durante o sono, não se viu aparência alguma de homem, deve-se continuar durante a noite de três sextas-feiras seguintes e se a rapariga não tiver nenhuma representação de homem durante as três noites, pode acreditar que não se casará. As viúvas podem também fazer a experiência tal como as raparigas, com a

diferença de que, enquanto as raparigas se deitam do lado da cabeceira, as viúvas devem deitar-se do lado dos pés da cama, mudando para aí a cabeceira.

PARA OS RAPAZES E HOMENS VIÚVOS QUE QUEIRAM VER EM SONHO AS MULHERES COM QUEM CASARÃO

É preciso que arranje coral pulverizado, pó de magnete, que diluirão, em conjunto, com sangue de um pombo branco. Farão uma pequena quantidade de pasta, que devem guardar num grande figo e, depois de o terem envolvido num pedaço de tafetá azul, devem pendurá-lo ao pescoço e pôr sob a coberta da cabeceira um ramo de murta, dizendo, ao deitar, a oração acima indicada, mudando apenas as palavras: "*Ancillae tuae quem sim nuptura, virum*", nestas, que lhes convêm, "*servo tuo quam nupturus sim uxorem*".

PARA SE GARANTIR CONTRA A INFIDELIDADE DA MULHER

Arranje-se a ponta do membro genital de um lobo, o pelo dos seus olhos e aquele que se forma na garganta em forma de barba, reduza-se tudo a pó por calcinação e faça-se engoli-lo à mulher sem que ela o saiba, podendo-se ficar seguro da sua fidelidade. O tutano da espinha do dorso do lobo tem o mesmo efeito.

PARA FAZER DANÇAR UMA RAPARIGA EM CAMISA

Arranje-se manjerona selvagem, manjerona de semente, tomilho selvagem, verbena, folhas de mirto com três folhas de nogueira e três pequenos rebentos de funcho; tudo isto deve ser colhido na véspera de São João, no mês de Junho, antes do

levantar do Sol. Devem-se deixar secar à sombra, reduzi-los a pó e passá-los por uma fina peneira de seda e, quando se quiser executar esta alegre brincadeira, deve-se soprar deste pó para o ar, na direção onde está a rapariga, de modo que ela possa respirá-los, ou dar-lhes sob forma de tabaco e o efeito produzir-se-á logo. Um famoso autor acrescenta que o efeito será ainda mais infalível se esta engraçada experiência se fizer num lugar onde haja lâmpadas acesas com gordura de lebre e de bode novo.

PARA SER AFORTUNADO NOS JOGOS DE DESTREZA E DE AZAR

Arranje-se uma enguia morta por falta de água, o fel de um touro que tenha sido morto pelo furor dos cães, ponha-se este na pele da enguia com um dracma de sangue de abutre, ligue-se a pele da enguia, pelas duas pontas, com corda de enforcado e guarde-se em esterco quente durante quinze dias, e depois deixe-se secar num forno aquecido com fetos colhidos na véspera de São João, faça-se em seguida com ela uma bracelete sobre a qual se escreve, com uma pluma de corvo e com o próprio sangue, estas quatro letras: H V T Y; usando essa bracelete no braço, conseguir-se-á fortuna em todos os jogos.

PARA ENRIQUECER COM A PESCA DE PEIXES

Consegue-se reunir uma infinidade de peixe, num lugar onde possa ser facilmente apanhado, se lançar nele a composição seguinte: arranje-se sangue de boi, sangue de cabra negra, sangue de ovelha que se encontra nas entranhas pequenas, tomilho, orégano, farinha, manjerona, alho, borra de vinho e gordura ou tutano dos mesmos animais. Pilam-se todos estes ingredientes e fazem-se pequenas bolas, que se lançam no lugar escolhido do rio ou do tanque e ver-se-ão maravilhas.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Pilem-se urtigas com quinquefólio e acrescente-se suco de saião com trigo cozido em água de manjerona e tomilho; ponha-se esta composição numa rede para apanhar peixe e em pouco tempo ela ficará cheia.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Arranje-se um galo do Levante, cominhos, queijo velho, farinha de frumento e boa borra de vinho, esmague-se tudo junto e formem-se pequenas pílulas da grossura de uma ervilha, que se lançam nos rios onde haja abundância de peixe e, desde que a água esteja tranquila, todos os peixes que tocarem essa composição ficarão embriagados e encaminhar-se-ão para as margens, de modo que se podem apanhar à mão; pouco tempo depois, porém, em passando a embriaguez, voltarão a ser tão ágeis como eram antes de terem comido aquele isco.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

A flor de maravilha-bastarda, com manjerona, farinha de frumento, manteiga envelhecida, gordura de vaca com vermes da terra, esmagados em conjunto, servem maravilhosamente para atrair todas as espécies de peixes em cestos ou redes.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Para fazer reunir os peixes num lugar do mar, arranjam-se três conchas das que crescem nos rochedos e, tendo tirado o peixe que se encontra dentro delas, escrevem-se com o próprio sangue, sobre essas conchas, as duas palavras seguintes: *"Ja*

Sabaoth". E, tendo lançado essas conchas para o lugar onde se pretende que os peixes se reúnam, ver-se-á aí, em menos de nada, um número infinito deles.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Para apanhar um grande número de caranguejos: quando se tiverem descoberto os lugares onde se encontram, põem-se aí cestos em que se tenham colocado pedaços de tripas de cabra ou algumas rãs esfoladas e, por este meio, conseguir-se-á um número prodigioso dos maiores.

PARA IMPEDIR OS PÁSSAROS DE ESTRAGAREM AS SEMENTEIRAS COMENDO OS GRÃOS

Deve arranjar-se o maior sapo que se conseguir e fechá-lo, num vaso novo de barro, com um morcego, escrevendo-se no interior da tampa "*Achizech*", com sangue de corvo, e enterrando-se este vaso no campo semeado. E não se receie mais que os pássaros se aproximem. Quando os grãos começarem a amadurecer, deve-se retirar o vaso e lançá-lo, longe do campo, em qualquer monturo.

PARA APANHAR UM GRANDE NÚMERO DE PÁSSAROS

Arranje-se um corvo ou uma coruja, que durante a noite se deve atar a uma árvore da floresta ou mata, acendendo-se, próximo, uma grande candeia, que dê uma boa luz. Depois, duas ou três pessoas farão barulho à volta da árvore, com tambores. Os pássaros virão em bando inclinar-se junto do corvo para lhe fazerem guerra e será fácil matar tantos quantos se queira com chumbo miúdo.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Faça-se temperar em boa aguardente grão que serve de alimento aos pássaros, com um pouco de heléboro branco, e aqueles que comerem esses grãos ficarão atordoados, de modo que poderão ser apanhados à mão.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Quem quiser apanhar gralhas e corvos vivos, faça cartuchos de papel forte, cinzento ou azul, que se esfregam, por dentro, com visco, e onde se coloca um pedaço de carne podre para atraí-los. De modo que, introduzindo as cabeças nesses cartuchos, o visco pegar-se-á às penas, ficando cobertos com uma espécie de capuz, que lhes tapará a vista; quando pretenderem fugir não poderão e será fácil apanhá-los.

OUTRO SOBRE O MESMO ASSUNTO

Pode-se misturar noz vômica na comida dos pássaros, que, assim que a comerem, cairão desfalecidos e será à vontade que se apanharão.

PARA CONSERVAR E MULTIPLICAR OS POMBOS

Se for suspenso no interior de um pombal o crânio de um velhote, com o leite de uma mulher que amamente uma menina de dois anos, pode-se ter a certeza que os pássaros se irão acasalar no pombal, multiplicando-se abundantemente, quer pelos filhotes que farão quer pelos estrangeiros que conseguirão atrair, e todos viverão aí pacificamente e sem ódio.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Quem tiver um grande pombal onde faça uma grande criação de pombos, prepare-lhes a composição seguinte, para impedir a fuga de algum e para atrair outros. Arranjem-se três libras de milho-miúdo, três libras de cominhos, cinco libras de mel, uma meia libra de nigela, outro tanto de costo, duas libras de semente de agnocasto, coza-se tudo em água de rio até ao desaparecimento desta e deite-se, depois, dentro, três ou quatro potes de bom vinho e cerca de oito libras de cimento velho bem pulverizado. Deixe-se cozer também durante uma meia hora em fogo lento e faça-se uma massa com todas essas drogas, que endurecerão, e coloque-se a dita massa no meio do pombal e em pouco tempo se será recompensado da despesa feita.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Li nos escritos de um antigo cabalista que, para impedir que as serpentes ou outros animais venenosos venham, de dia ou de noite, molestar os pombos, deve-se escrever com sangue de texugo, nos quatro cantos do pombal e nas janelas, a palavra *"Adam"* e deve fazer-se um perfume de tucilagem. Julga-se que a cabeça de lobo, suspensa no pombal, produz um efeito semelhante.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

O livro da casa rústica ensina boas práticas para bem criar os pombos e a experiência prova que nada há de melhor para fazê-los engordar do que pasta de favas guisadas com cominhos e mel.

CONTRA OS INCÔMODOS QUE OS CÃES PODEM PROVOCAR

Impede-se que eles ladrem importunamente à volta das pessoas usando o coração e os olhos dessecados de um lobo. A grande antipatia que existe entre o cão e o lobo causa este efeito, que foi muitas vezes experimentado.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Como a mordedura de um cão enraivecido é infinitamente perigosa, é bom possuírem-se remédios prontos, para prevenção contra as consequências desta maligna mordedura. Pile-se semente de couve com *laserpitium* e bom vinagre, faça-se um emplastro que se aplica sobre a chaga, que deve ter sido anteriormente untada com óleo de bálsamo. A raiz fresca de roseira brava, que cheira bem, pilada e aplicada, é, na opinião de Plínio, um pronto remédio contra a mordedura dos cães... Bons autores naturalistas asseguram que um pelo do animal enraivecido, queimado e bebido em bom vinho, produz a cura... Os caranguejos de rio, sendo queimados durante os dias caniculares, a 14 da Lua, quando o Sol entre no signo do Leão, e reduzidos a pó, de que se dará uma meia dracma num caldo ao doente, a noite e de manhã, durante quinze dias, curam o mesmo mal. Galeno assegura que este remédio nunca o comprometeu. Aconselho, no entanto, os leitores não se fiarem demasiado nestes remédios, não deixando de ir banhar-se ao mar, que é o remédio mais seguro e mais experimentado, podendo, ainda, praticar todos estes remédios durante o caminho.

CONTRA OS INCÔMODOS QUE SE PODEM RECEBER DOS LOBOS

Quem trouxer consigo os olhos e o coração de um dogue que tenha morrido

violentamente, não receie que um lobo se aproxime, porque, pelo contrário, ele fugirá como um tímido coelho... Quem suspender a cauda de um lobo que tenha sido morto em combate, no estábulo de gado grosso ou miúdo, nenhum lobo o abordará... O mesmo acontece com toda a aldeia se, nas avenidas, se enterrarem pedaços de lobo... Li nos escritos de um sábio naturalista uma maneira muito surpreendente de apanhar lobos em grande número, até mesmo de despovoar toda uma região que esteja infestada por eles: deve-se arranjar uma boa quantidade de peixes que se chamam lobos-marinhos. Esventram-se, guardando-se o sangue à parte, e depois de bem escamados e limpos, são pilados num almofariz com carne de cordeiro e levar-se-á esta composição para a região onde se sabe que há lobos. Acende-se uma grande fogueira, com carvão, contra o vento, quer dizer que o vento deve soprar na direção dos lobos, para que espalhe o fumo que fará a composição de carne e de peixe que se pôs sobre os carvões. Esse fumo, impressionando o odor dos lobos, atraí-los-á para o local, e por pouco que eles comam daquela isca assada, ficarão atordoados e adormecerão, sendo então fácil matá-los.

Há tantos livros que estão cheios de segredos para prevenção contra os incômodos dos animais prejudiciais que não julgo conveniente engrossar inutilmente este meu pequeno tesouro das maravilhas da natureza com estas espécies de segredos que se tornaram demasiado comuns para poderem ser ignorados por alguém. Passarei, portanto, a coisas mais curiosas e que satisfarão mais os meus leitores.

CONTRA A BEBEDEIRA DO VINHO

Como o homem nada tem de mais estimável do que a sua razão e como lhe acontece muitas vezes perdê-la pelo excesso do vinho, é conveniente dar-lhe um preservativo para se garantir contra tal excesso. Quando se é convidado para qualquer refeição em que se receie sucumbir à doce violência de Baco, deve-se beber, antes de ir para a mesa, duas colheradas de água de betônia e uma colherada de bom azeite e poder-se-á beber vinho com toda a segurança... Ter-se-á cuidado de reparar se o copo ou a taça em que o vinho for servido não cheira a segurelha ou a raspa de unhas, porque estes dois ingredientes contribuem bastante para a embriaguez...

Quem se deixou surpreender pelo vinho deve, se é homem, envolver os seus genitais num pano embebido em vinagre forte; se for a mulher que tenha sucumbido à embriaguez, que ponha um pano semelhante sobre as mamas, e um e outro voltarão ao bom estado.

PARA RESTABELECER O VINHO ESTRAGADO

Experimentei mais de cem vezes que o vinho estragado se restabelece da maneira seguinte: se é tempo de vindimas e que as uvas começam a amadurecer, arranjem-se cerca de cem grandes cachos dos mais maduros. Limpa-se bem um tonel, no qual se põem duas braçadas de cavacos de boa madeira, que se regam com o sumo dos cachos de uva, que se espremem com a mão, e lançam-se em seguida todos os cachos sobre os cavacos e, depois de se ter fechado bem e posto no seu lugar o tonel, decanta-se o vinho estragado e despeja-se sobre o preparado. Não terão passado três dias e já ele está com bom aspecto e bom para beber.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Faça-se uma decocção de ervas finas, a saber, um punhado de cada uma das seguintes: manjerona, tomilho, loureiro, murta, bagas de zimbro, duas cascas de limão e outro tanto de laranja. Deixa-se fervê-las bem em vinte pintas de água, até reduzir a cerca de quinze pintas, na proporção do tamanho do tonel que se terá, entretanto, limpo, para receber o vinho estragado. Lava-se bem o dito tonel com a decocção ainda fervente e deixa-se que a embeba. Depois lançam-se nela duas braçadas de cavacos, que se regam também com a mesma decocção; decanta-se o vinho turvo, deixa-se repousar durante oito dias sobre essa composição de cavacos e ficará melhor do que era antes de ter ficado turvo.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Aprendi com um chefe de mesa de um príncipe alemão esta outra maneira de recompor o vinho turvo e estragado: deixam-se secar no forno cinquenta cachos de boa uva e um meio alqueire de cascas de amêndoas doces, de modo que essas cascas fiquem um pouco tostadas. Entretanto, devem bater-se bem doze claras de ovos até as reduzir quase a espuma e deitá-las no tonel onde está o vinho estragado e agitá-lo durante algum tempo. Depois lançam-se dentro as cascas de amêndoas e as uvas ainda quentes e deixa-se repousar durante oito dias e ter-se-á belo e bom vinho... Quando o vinho se tornou amargo, restabelece-se com trigo, que se deixa cozer até desfazer-se. A medida ou quantidade é a centésima parte do conteúdo do tonel.

PARA FAZER RAPIDAMENTE EXCELENTE VINAGRE

É preciso bom vinho forte, no qual se põe pimentão e fermento do pão de centeio que seja bem acre. Ao fim de seis horas de exposição ao sol forte ou próximo do fogo, ficará bom para uso... Pode-se fazer vinagre sem vinho desta maneira: arranje-se a carga de um cavalo de peras selvagens; pilam-se bem e deixam-se fermentar durante três dias dentro de um tonel. Depois, durante trinta dias, regam-se com dois potes de água por dia, água em que se havia fervido gengibre e pimentão. Ao fim de trinta dias, espremem-se as peras piladas e ter-se-á bom vinagre.

PARA FAZER VINHOS DE LICOR

Passemos do útil ao deleitável e alegremos o homem com agradáveis licores... Para fazer excelente vinho grego, em cada cem potes de bom vinho forte, mistura-se a decocção seguinte: seis libras de bom açúcar, gengibre, galanga, grão do paraíso, grãos de cravinho, quatro onças de cada com duas cascas de limão. Deixa-se ferver em seis pintas de água da fonte, até redução a metade, e, depois de clarificada, põe-se

esta composição num tonel onde estão os cem potes de bom vinho e ter-se-á excelente vinho grego... Para o vinho moscatel, arranje-se alcaçuz, polipódio, anis, noz-moscada, *calamus aromaticus,* duas dracmas de cada um, pila-se tudo ligeiramente e guarda-se num saco de tecido fino que se suspende no tonel de vinho branco, de modo que o saco fique até meio do tonel durante dez ou doze dias e ter-se-á bom vinho moscatel. Para a quantidade das drogas indicadas, o tonel deve apenas ter um *muid*[1] ou três *ânées*[2]. Para o vinho de malvasia, que se deve beber prontamente: num tonel de um *muid* ou de três *ânées*, põe-se a composição seguinte: quatro libras de bom mel natural e não sofisticado, uma dracma de grãos de cravinho pulverizados, outro tanto de gengibre e de macis, quatro pintas de água de fonte. Deixe-se ferver tudo junto durante duas horas e ter-se-á o cuidado de se ir retirando a espuma. Juntam-se os grãos de cravinho, o gengibre e o macis pulverizados num pano branco e quando esta composição estiver feita põe-se meia morna no tonel e deixa-se repousar durante oito dias e ter-se-á boa malvasia... Se quiser uma mais refinada, arranje-se uma dracma de almíscar e de madeira de aloés, duas dracmas de canela, grãos do paraíso e de cravinho, com duas libras de bom açúcar para a quantidade de cem potes de vinho bom. Tudo fervido em quatro pintas de água.

PARA FAZER EM POUCO TEMPO HIPOCRAZ EXCELENTE

Para quatro pintas de vinho, preparam-se as drogas que seguem: uma libra de bom açúcar fino, duas onças de boa canela moída grosseiramente, uma onça de grãos do paraíso, outro tanto de cardamomo e dois grãos de âmbar pardo do mais delicado, esmagado no almofariz com açúcar cristalizado. Com todas estas drogas faz-se um xarope claro, que se purifica passando-o duas ou três vezes por uma peneira para farinha, e mistura-se o dito xarope com quatro pintas de excelente vinho e ter-se-á o melhor hipocraz que se possa encontrar.

---

1 Muid: antiga medida para líquidos, variável consoante os locais. Em Paris equivalia a 628 litros.
2 Ânée: peso de um burro.

PARA FAZER A VERDADEIRA AGUARDENTE COM AÇÚCAR DA ARMÊNIA QUE TEM TÃO MARAVILHOSAS PROPRIEDADES CONTRA AS ENFERMIDADES DO CORAÇÃO, DA CABEÇA E DO ESTÔMAGO

Arranjam-se seis libras das mais belas ginjas garrafais que se possam encontrar. Depois de se lhes tirar o pé e a semente, põem-se ao lume numa bacia bem limpa, com uma pinta de água de fonte e deixam-se ferver durante uma boa hora. Depois passam-se pelo coador ou pela peneira, esmagando-as, e do sumo que delas sair faz-se um xarope, acrescentando-lhe três libras de açúcar fino, quatro onças de canela, uma onça de grãos de cravinho, uma boa noz moscada, uma onça de grão do paraíso, uma onça de cardamomo, quatro grãos de almíscar, outro tanto de âmbar pardo esmagado no almofariz com açúcar cristalizado, tudo ligeiramente moído. Quando o xarope estiver feito e bem clarificado, mistura-se com quatro pintas de boa aguardente num grande bocal que se agita bem, expondo-o depois ao sol forte, durante quinze dias, e ter-se-á excelente aguardente açucarada. O resíduo que ficar destas drogas é bom para fazer hipocraz comum, acrescentando-lhe açúcar da maneira que acima dissemos.

PARA TER MELÕES DOCES, AÇUCARADOS E COM BOM ODOR

Arranja-se semente de melão de boa qualidade, que se deixa infusa, durante dois dias, num xarope composto de framboesas, de canela, de cardamomo e dois grãos de almíscar e outro tanto de âmbar pardo. É preciso que o xarope não esteja espesso nem morno quando nele se põe a semente em infusão. A terra em que se vai semear deve estar bem preparada com uma camada de bom esterco de cavalo, e ter-se-á o cuidado de não regar demasiado e protegê-lo das chuvas abundantes. Se cumprirem todas estas coisas, ter-se-ão melões dignos da boca de um rei.

PARA TER BELAS UVAS MADURAS NA PRIMAVERA

É preciso ter uma cerejeira plantada em latada, com uma boa exposição ao sol e em bom terreno, e que um hábil jardineiro enxerte dextramente dois ou três rebentos de boa vinha na dita cerejeira, tendo-se muito cuidado em protegê-la das intempéries do fim do inverno e do começo da primavera, não se lhe poupando nem bom estrume, nem água, quando for necessária, e ver-se-á algo de maravilhoso, no tempo em que as cerejas amadurecem.

PARA FAZER CRESCER E MULTIPLICAR O FRUMENTO

Arranja-se uma libra de sal vegetal, que é composto artisticamente de flores de enxofre, de salitre e de nitro (os bons droguistas têm sal deste); deixa-se fervê-lo em seis pintas de água com duas libras de bom frumento novo, até que o frumento comece a desfazer-se. Depois se passa esta composição por um pano muito claro e proporciona-se ao frumento cozido toda a umidade. Depois se põe em infusão neste licor a quantidade que for possível de bom frumento, durante vinte e quatro horas. Quando a terra estiver preparada, semeia-se este frumento em infusão, e depois de deixar secar o resíduo da composição, reduz-se a pó e lança-se sobre essa terra; ver-se-á, pela experiência, que o trigo que foi assim semeado produz vinte vezes mais que o trigo comum. É verdade que não se deve repetir isto duas vezes seguidas sobre a mesma terra, porque consome tanta gordura que ela não poderá produzir se não for bem estrumada.

PARA IMPEDIR AS SEMENTEIRAS E AS SEARAS DE SEREM ESTRAGADAS PELOS ANIMAIS

Arranjam-se dez grandes caranguejos, que se põem num recipiente cheio de água e se expõem ao sol durante dez dias; depois se aspergem com esta água as

sementeiras, durante oito dias, e, quando elas crescerem, aspergem-se outra vez durante oito dias e ver-se-á que elas prosperam maravilhosamente e que nenhum animal, nem ratos, doninhas ou outros se poderão aproximar.

PARA SABER SE AS SEMENTES SERÃO ABUNDANTES NO ANO PRÓXIMO

Zoroastro dá um segredo infalível para conhecer a abundância da colheita para o ano seguinte: é preciso, por meados do mês de junho, preparar um pequeno pedaço de terreno, da maneira que se costuma preparar para ser semeado. Semear-se-ão aí toda a espécie de se- mentes e observa-se depois qual delas se desenvolveu melhor, e aquelas que não aproveitaram a preparação que se lhes fez serão estéreis. Assim, o cultivador diligente tomará então as suas medidas para ter uma abundante colheita.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Observe-se na primavera o estado das nogueiras, porque se aparecem carregadas de folhas com poucas flores, pode-se ficar certo de que a natureza será avara na distribuição das suas riquezas. Se, pelo contrário, se vir grande abundância de flores nas nogueiras e que a sua quantidade ultrapasse a das folhas, tire-se um augúrio de fertilidade: os antigos fizeram o mesmo prognóstico com a amendoeira.

CONTRA AS DOENÇAS E OUTROS ACIDENTES QUE PREJUDICAM A VIDA DO HOMEM

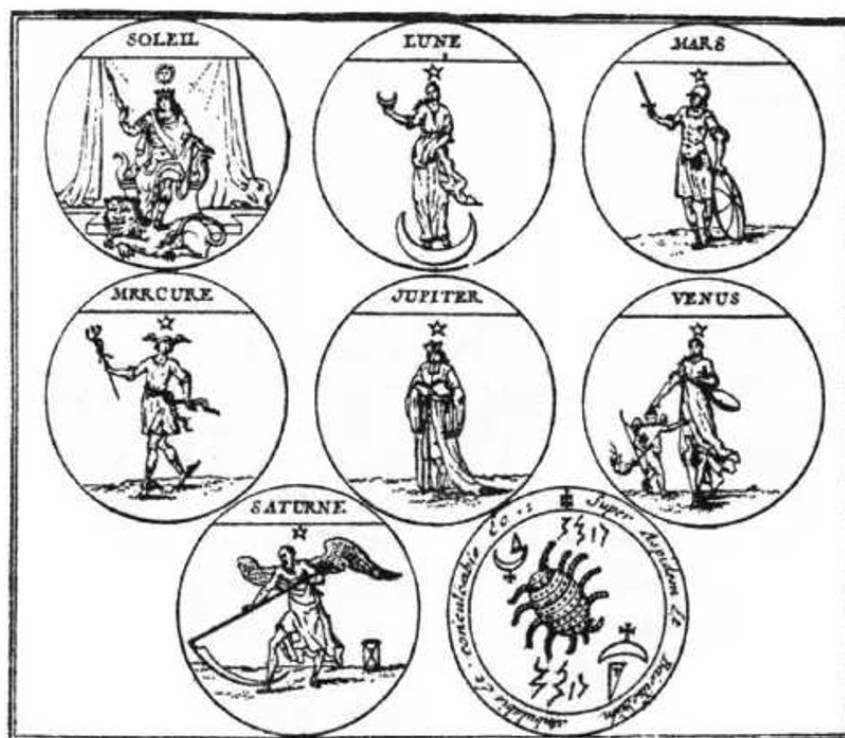
O mau cheiro é naturalmente contrário à saúde do homem e é por vezes mortal, testemunha o que escreveu Fioraventus, que diz que, se pegar na sujidade do sangue

humano que fica depois de se retirarem as águas e as serosidades, deixando-a secar e em seguida misturando-a com estoraque, queimada num quarto, o mau cheiro que exalará é mortal. Para se estar pois garantido contra estas mortais infecções, vou propor um soberano antídoto, que triunfará de todas as espécies de venenos e de peçonhas.

Apanham-se na época folhas de milfurada, antes que as flores tenham arrebentado, tantas quantas se conseguir segurar com as duas mãos. Ponham-se em infusão ao sol, em quatro libras de azeite durante dez dias, depois levem-se ao lume em banho-maria, em água quente, e em seguida esprema-se o suco, que se recolhe num recipiente ou garrafa ou bocal de vidro forte, e quando a milfurada estiver florida e em grão, lança-se um punhado desta semente e destas flores no bocal e deixa-se ferver ao lume em banho-maria durante uma hora; acrescentam-se trinta escorpiões, uma víbora e uma rã verde, retirando-lhes as cabeças e os pés, e depois de se deixar ferver ainda um pouco, acrescentam-se duas onças de cada uma das drogas seguintes, piladas ou picadas: raiz de genciana, díctano branco, trigo mourisco pequeno e grande ou a sua raiz, tormentilha, ruibarbo, bolo da Armênia preparado, boa teriaga, um pouco de esmeralda pulverizada. Expõe-se ao sol tudo isto durante os dias caniculares, depois de ter tapado bem o bocal, e, finalmente, põe-se em digestão durante três meses em esterco quente. E, passado esse tempo, passa-se esta composição por um coador e guarda-se preciosamente num vaso de estanho ou de vidro forte para se usar. O uso é esfregar à volta do coração, nas têmporas, nas narinas, nos flancos e ao longo da espinha do dorso, e ver-se-á que é um antídoto contra toda a espécie de venenos. É também bom para curar as mordeduras dos animais venenosos.

OS TALISMÃS DE PARACELSO

A grande reputação que Paracelso adquiriu no mundo, pela sua profunda ciência, dá muita autoridade ao que ele deixou escrito. Assegura ele como uma coisa indubitável que, se fizerem talismãs segundo o seu método, estes produzirão efeitos surpreendentes para aqueles que os experimentarem e foi o que eu próprio verifiquei com grande admiração e bom sucesso. Eis, portanto, o que ele diz sobre o assunto, no

seu *Archidoxe* mágico.

Não é possível, sem temeridade, pôr em dúvida que os astros e os planetas celestes desempenham influências dominantes em tudo o que existe neste baixo universo. Porque, se observa e se experimenta sensivelmente que os planetas pelas suas influências dominam sobre o homem, que é feito à imagem de Deus e superior em razão, com muito mais razão se deve acreditar que eles dominam e influenciam os metais, as pedras e tudo o que a natureza e a arte podem produzir, pois que todas estas coisas são menores que o homem e mais sujeitas a receber sem resistência as suas influências, por serem privadas de razão e de livre arbítrio e que o homem tem a vantagem de poder utilizar estas coisas materiais para atrair em seu favor as influências dos astros.

Mas o que é digno de ser sabido e bem observado é que os sete planetas produzem mais eficazmente as suas influências por intermédio dos sete metais que lhes são próprios, isto é, têm simpatia com a sua substância e, a este respeito, os

sábios cabalistas, tendo conhecido, pela sublime penetração da sua ciência, quais são os metais próprios a cada planeta, determinaram o ouro para o Sol, no dia de domingo; a prata para a Lua, à segunda-feira; o ferro para Marte, à terça: o mercúrio para Mercúrio, à quarta; o estanho para Júpiter, à quinta; o cobre ou bronze para Vênus, à sexta, e o chumbo para Saturno, ao sábado. Sobre este fundamento, vamos dar aqui a maneira de fazer talismãs, a que os antigos sábios chamaram os sinetes dos planetas.

TALISMÃ OU SINETE DO SOL

Este talismã deve ser composto com o ouro mais refinado e mais duro, que é o da Arábia ou da Hungria. Forma-se com ele uma placa redonda, bem polida dos dois lados, e, num dos lados, traça-se um quadrado composto por seis linhas de algarismos, de modo que, numerando esses algarismos de um canto para o outro, em forma de cruz de Santo André, se encontrem cento e onze. E o que constitui o mistério disto e sobre o que se deve estar informado é que os números que se marcarão em todos os talismãs ou sinetes dos planetas são os números das grandes estrelas, que estão sob o domínio de cada planeta e que Deus lhes atribui como seus súbditos, e é por isso que quem é versado em astrologia chama aos planetas precursores, ou estrelas primeiras, concluindo que elas têm as outras sob a sua direção para a distribuição das suas influências. Sobre o outro lado da placa deve-se gravar a figura hieroglífica do planeta, que representa um rei coroado no seu trono real, tendo na mão direita um cetro, sobre a cabeça o Sol e o nome de Júpiter e mostrando com o seu cetro um leão jazendo a seus pés.

6	32	3	34	45	1
7	11	27	28	8	30
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
25	29	10	9	26	2
36	5	33	4	2	31

E para que esta operação se faça com exatidão e nas circunstâncias convenientes, devem-se ter gravados dois ferros próprios para imprimir em ouro, com tudo o que eu disse, para não se perder o momento favorável da constelação, pois é preciso que a impressão se faça no tempo em que se observe que o Sol está em conjunção com a Lua no primeiro grau do signo do Leão, e quando a placa de ouro estiver marcada dos dois lados com os ditos ferros, deve-se envolver rapidamente num tecido fino. O que acabei de dizer sobre os dois ferros gravados deve considerar-se igualmente para o fabrico dos talismãs dos outros planetas. Para que, como se disse, a impressão se faça no instante favorável da constelação, porque, como se deve saber, é nesse mesmo instante que o planeta derrama e imprime as suas benignas influências sobre o talismã, de uma maneira sobrenatural e completamente misteriosa. As propriedades deste talismã do Sol consistem em permitirem que a pessoa que o use com confiança e reverência se torne agradável às potências da Terra, aos reis, aos príncipes, aos grandes senhores de quem se queira obter a proteção. Ter-se-á abundância de riquezas e de honras e ser-se-á estimado por toda a gente.

TALISMÃ OU SINETE DA LUA

Este talismã deve ser composto com a prata mais pura que for possível encontrar, de que se fará uma placa redonda bem polida e, de um lado, gravar-se-ão nove linhas de algarismos, cada uma das quais deve conter o número misterioso de trezentos e sessenta e nove, como está representado no quadrado seguinte; do outro lado da placa, imprimir-se-á a imagem hieroglífica do planeta, que será uma mulher coberta com uma túnica ampla e larga, tendo os dois pés sobre o meio do crescente da Lua e outro crescente na sua mão direita e uma estrela brilhante sobre a cabeça com a palavra "Lua".

A operação deve fazer-se numa segunda-feira de Primavera, quando se tiver no primeiro grau do Capricórnio ou da Virgem, um aspecto favorável de Júpiter ou de Vênus. Será também preciso envolver este talismã num tecido branco. E ele será muito útil como precaução contra as doenças populares. Preservará os viajantes dos perigos e dos insultos dos ladrões. Será favorável aos agricultores e aos negociantes.

37	78	29	70	21	62	13	54	5
6	38	79	30	71	22	63	14	46
47	7	39	80	31	72	23	55	15
16	48	8	40	81	32	64	24	56
57	17	49	9	41	73	33	65	25
26	58	18	50	1	42	74	34	66
67	27	59	10	51	2	43	75	35
36	68	19	60	11	52	3	44	76
77	28	69	20	61	12	53	4	45

TALISMÃ OU SINETE DE MARTE

Este talismã deve ser formado sobre uma placa redonda e polida do melhor ferro da Caríntia, os números misteriosos serão sessenta e cinco e, do outro lado da placa, formar-se-á a figura hieroglífica do planeta, que representa um soldado armado, tendo na mão esquerda um escudo, na direita, uma espada nua, e uma estrela sobre a cabeça com o nome de Marte. É preciso que os instrumentos utilizados para imprimir este talismã sejam de bom aço temperado e que a impressão se faça no momento em que se observar que, estando a Lua em aspecto benigno com qualquer outro planeta favorável, entre no primeiro grau do signo do Carneiro ou do Sagitário e será mesmo conveniente que a placa do talismã seja posta num lume quente, para que se encontre mais adequada para receber a gravura das figuras misteriosas.

8	58	59	5	4	62	63	1
49	15	14	52	53	11	10	56
41	23	22	44	45	19	18	48
32	34	35	29	28	38	39	25
40	26	27	37	36	30	31	33
57	47	46	20	21	33	42	24
9	55	54	12	13	51	50	16
64	2	3	61	60	6	7	57

E quando tiver arrefecido, envolver-se-á num pedaço de tafetá vermelho. Este talismã terá a propriedade de tornar invulnerável aquele que o use com reverência. Dar-lhe-á uma força e um vigor extraordinários. Quem o usar vencerá nos combates em que participar. O planeta Marte influencia tão maravilhosamente este talismã... quando ele é feito com exatidão... que, se for enterrado nos alicerces de uma fortaleza, esta será inexpugnável e os que pretenderem atacá-la serão facilmente derrotados. E, se for fabricado quando a constelação de Marte está em oposição com os planetas favoráveis e retrógrados, causará infelicidade em todo o lado onde for posto; causará dissensões, revoltas e guerras intestinas. Sei que um grande homem de Estado levou um semelhante para Inglaterra, no tempo da revolução de Cromwell.

TALISMÃ DE MERCÚRIO

Este talismã deve ser formado sobre uma placa redonda de mercúrio fixo (darei, a seguir, a maneira de fixar o mercúrio para os talismãs, segundo a minha própria experiência). Quando a placa está pronta e polida, imprime-se com as ferramentas, sobre um dos lados, o número misterioso duzentos e sessenta, distribuído por oito linhas, como se vê aqui representado. E, do outro lado da placa, imprimir-se-á a figura hieroglífica do planeta de Mercúrio, que representará um anjo com asas nas costas e nos calcanhares, segurando na mão direita uma vara em forma de cetro e tendo uma estrela sobre a cabeça com o nome de Mercúrio. Será necessário imprimir as figuras no momento favorável da constelação, como se tiver observado antes de iniciar o trabalho. E, quando estiver terminado, envolver-se-á este talismã num pedaço de tecido de seda de cor púrpura.

Este talismã terá a propriedade de tornar discreto e eloquente aquele que o usar com reverência e de predispô-lo admiravelmente para se tornar sábio em todas as espécies de ciências. E, posto em infusão, apenas durante uma hora, num copo de malvasia, torna a memória tão apta que se fixará tudo com facilidade. Ele pode até curar todas as espécies de febres. E, posto sob a cabeceira da cama, proporciona sonhos verdadeiros, nos quais se vê o que se deseja saber.

TALISMÃ DE JÚPITER

Este talismã deve ser formado sobre uma placa redonda do mais puro estanho da Inglaterra. Imprimir-se-á sobre um dos lados o número misterioso do planeta, que conta trinta e quatro algarismos, como se vê pela disposição que se segue. E, do outro lado da placa, imprimir-se-á a figura hieroglífica do planeta, que será um homem vestido de eclesiástico, segurando nas mãos um livro no qual parece ler e, por cima da cabeça, uma estrela brilhante com a palavra "Júpiter".

22	47	16	41	10	35	4
5	23	48	17	42	11	29
30	6	24	49	18	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45
46	15	40	9	34	3	28

16	3	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
[illegible]	15	14	1

Começar-se-ão a imprimir as misteriosas figuras sobre a placa, com os ferros, no momento em que se observe que a constelação do planeta é favorável, estando a Lua a entrar no primeiro grau do signo da Balança, e estando Júpiter cm boa correspondência com o Sol. Terminada a operação, envolve-se o talismã num pedaço de tecido de seda de cor azul celeste. Este talismã proporcionará, a quem o usar com reverência o amor e a estima de quem se desejar. Terá a virtude de multiplicar e aumentar as coisas nas quais for envolvido. Dará fortuna no negócio e em todos os outros empreendimentos. Dissipará os desgostos, os cuidados importunos e os terrores pânicos.

TALISMÃ DE VÊNUS

Este talismã deve ser formado sobre uma placa redonda de cobre bem purificado e polido. Imprimir-se-á sobre um dos lados o número misterioso de cento e setenta e cinco, distribuído por sete linhas, como está aqui indicado. E, do outro lado da placa, imprimir-se-á a figura hieroglífica do planeta, que será uma mulher lascivamente vestida, tendo próximo da coxa direita um cúpido segurando um arco e uma flecha inflamada; e, na sua mão esquerda, a mulher segurará um instrumento de música como uma guitarra e, por cima da cabeça, apresentará uma estrela brilhante com a palavra "Vênus". A impressão far-se-á, com ferros, no momento em que se tiver previsto que a constelação de Vênus estará em correspondência com qualquer planeta favorável e Tendo a Lua entrado no primeiro grau do signo do Touro ou da Virgem. Terminada a operação, envolver-se-á o talismã num pedaço de tecido verde. E quem usar com reverência este talismã pode estar certo de conseguir as boas graças de quem desejar e de ser amado ardentemente tanto pelas mulheres como pelos homens. Tem também a virtude de reconciliar as inimizades mortais, ao beber-se um licor no qual tenha sido posto, de modo que as pessoas se tornam amigos íntimos. Ele torna também as pessoas muito industriosas e hábeis na arte da música.

TALISMÃ DE SATURNO

Este talismã deve ser formado sobre uma placa de chumbo bem afinado e purificado e imprimir-se-á sobre um dos lados o número misterioso de quinze, distribuído por linhas.

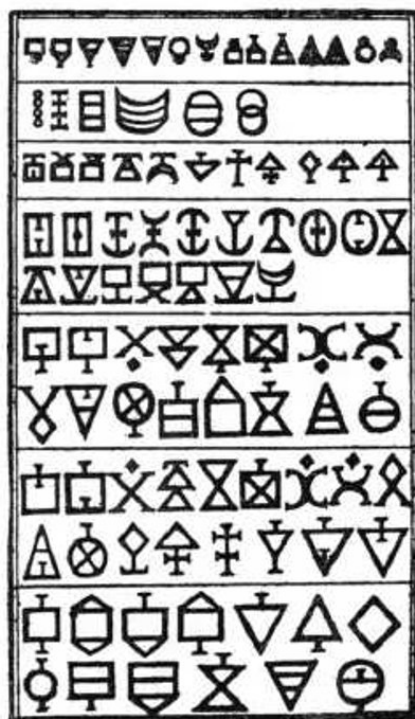
E, do outro lado da placa, imprimir-se-á a figura hieroglífica do planeta, que será um homem velho barbudo, tendo na mão uma espécie de enxada, na postura de um homem que cava a terra, e, por cima da cabeça, uma estrela com a palavra "Saturno". Começar-se-á a impressão das figuras misteriosas, com os ferros, no momento em que se tiver previsto que a constelação de Saturno se apresentará favorável, estando a Lua a entrar no primeiro grau do signo do Touro ou de Capricórnio. E, quando a operação estiver terminada, envolver-se-á o talismã num pedaço de tecido de seda preta. Este talismã é de grande socorro, em primeiro lugar,

para as mulheres que estejam com dores de parto, porque com ele quase que nada sofrem. Foi o que experimentaram diversas vezes com feliz sucesso pessoas de grande qualidade, que costumavam ter maus partos. Ele também multiplica e aumenta as coisas com que for misturado. Se um cavaleiro o trouxer na sua bota esquerda, o seu cavalo jamais poderá ser ferido. Tem todos os efeitos contrários aos que foram ditos quando é formado no tempo em que a constelação de Saturno se apresenta numa situação funesta e a Lua retrocede nos sobreditos signos.

MANEIRA DE FIXAR O MERCÚRIO PARA COM ELE FORMAR PLACAS PARA FAZER TALISMÃS

É preciso escolher um dia de quarta-feira de Primavera, em que se saiba que a constelação de Mercúrio está em relação benigna com o Sol e Vênus e, depois de se ter conjurado e invocado os espíritos e os gênios diretores das influências destes planetas, preparar-se-ão drogas necessárias, da seguinte maneira: sal amoníaco, verdete, vitríolo romano... duas onças de cada, bem pulverizados.

Põe-se tudo junto, numa panela de ferro ou de fundição recente, com três pintas de água de forja e deixa-se ferver até redução de uma pinta, depois juntam-se duas onças de bom mercúrio, que se mexe com uma espátula, enquanto se deixa ferver tudo junto, até que as matérias se tornem espessas. Em seguida, deixa-se arrefecer e faz-se evacuar por filtração o pouco de água que restar e ficar-se-á no fundo da panela com uma massa ou terra cinzenta, que se lavará com água comum, duas ou três vezes, fazendo sempre evacuar a água por filtração. Estende-se depois a dita massa sobre uma tábua de carvalho bem polida e deixa-se secar ao sol; depois juntam-se duas onças de terra *merita* e outro tanto de tutia de Alexandria em pó e põe-se tudo numa proveta fechada hermeticamente com uma outra proveta, de modo que as duas pareçam ser um só recipiente sem abertura, e que nada se possa evaporar, quando estiver ao fogo de retificação. Estas duas provetas vedam-se com uma pasta de terra gordurosa, excremento de cavalo, pó fino de limalha de ferro. E não se deve pôr a proveta betumada ao forno antes desta composição, que faz a juntura, estar bem seca. Quando a proveta já estiver há uma hora com lume forte, aumentar-se-á o fogo até que a proveta se avermelhe. À terceira hora, aumentar-se-á

o fogo soprando sempre, depois deixa-se arrefecer a proveta. Desbetuma-se e encontrar-se-á no fundo o mercúrio granulado. Recolhe-se até aos mais pequenos grãos e põe-se numa outra proveta, com um pouco de bórax para o fundir. Feito isto, obter-se-á um muito belo mercúrio, lixo, muito adequado, pela sua pureza, para formar talismãs e elos misteriosos, que terão a propriedade de atrair as benignas influências do planeta Mercúrio, desde que se seja exato no seu manuseio, segundo as regras da arte.

PARA CONSTRUIR OUTROS TALISMÃS COM OS CARACTERES QUE OS ANTIGOS CABALISTAS APROPRIARAM AOS SETE PLANETAS

Utilizar-se-ão as placas do metal de que se falou acima e iniciar-se-á a operação às horas e momentos convenientes às influências benignas. Sobre um lado da placa imprimem-se, em forma de quadrado, os caracteres que acima se marcaram, por

exemplo, para o Sol, os que se encontram na primeira linha. Para a Lua, os que se encontram na segunda linha. Para Marte, os que se encontram na terceira linha. Para Mercúrio, os que se encontram na quarta linha. Para Júpiter, os que se encontram na quinta linha. Para Vênus, os que se encontram na sexta linha. Para Saturno, os que se encontram na sétima linha. Poder-se-ão gravar, no reverso da placa, as mesmas figuras hieroglíficas de que falamos, e ter-se-ão efeitos maravilhosos. Não tenho dúvida alguma de que, se o meu pequeno livro cai em mãos de pessoas de espírito tacanho e pouco saber, será considerado supersticioso, porque imaginarão que as admiráveis maravilhas que refiro se fazem pelo ministério de espíritos maus. Porque, dirão eles, como se pode compreender que uma placa de metal, adornada com alguns caracteres e desenhos, opere coisas que ultrapassam as forças ordinárias da natureza? Argumentarei facilmente contra esta espécie de pessoas, e dir-lhes-ei: acreditam então que esses maus espíritos podem fazer coisas que ultrapassam a ordem ordinária da natureza? Mas porque não hão de então acreditar que o Criador do Universo seja suficientemente poderoso para ter imprimido nas criaturas segredos cujas consequências só se manifestam desta e daquela maneira? Porque hão de mostrar dificuldade em reconhecer que quem deu ao magnete a virtude secreta de atrair para si uma pesada massa de ferro, de um lugar para outro, é suficientemente poderoso para dar aos astros, que são criaturas infinitamente mais perfeitas do que o magnete e do que tudo o que há de mais precioso na Terra, propriedades e virtudes secretas que ultrapassam a capacidade dos nossos espíritos, tanto mais que tais astros são regidos por inteligências celestes que regulam os seus movimentos? Mas que dificuldade poderá haver em acreditar que certos caracteres ou certos desenhos, alinhados sobre uma placa de metal, possam produzir algum efeito surpreendente, quando se crê e se vê evidentemente que no magnete certas pequenas partes de matérias esféricas, agudas ou triangulares, ordenadas pela natureza numa certa ordem, produzem efeitos tão admiráveis, não somente o de atrair uma massa de ferro mas voltar sempre a agulha das bússolas para o lado da Estrela Polar e regular os quadrantes do Sol, etc.

Gostaria ainda de perguntar a essas pessoas escrupulosas, o porquê de na Suíça e no país dos Suevos, onde há grande número de serpentes, por causa das montanhas, essas serpentes perceberem o grego e recearem tanto a virtude eficaz destas três palavras: *Osy, Osya, Osy,* tapando prontamente uma das suas orelhas com a ponta da cauda e encostando a outra ao chão, para não ouvirem essas palavras, que as tornam imóveis e completamente estupefatas e incapazes de prejudicarem os

homens; dizem-me que foi a natureza que produziu nelas este instinto, porque seria a natureza menos engenhosa nas outras criaturas, etc. Talvez revolte muitas pessoas contra mim se disser que há criaturas nos quatro elementos que não são nem puros animais, nem homens, porque ainda que tenham o aspecto e raciocínio deste, não têm a alma racional. O celeste Paracelso refere-se-lhes ainda mais claramente dizendo que esses povos dos elementos não são da estirpe de Adão, ainda que pareçam verdadeiros homens; mas que são um gênero e urna espécie de criaturas completamente diferentes da nossa. Porfírio, argumentando sobre Paracelso, diz que estas criaturas são não só razoáveis, mas que até adoram e reconhecem Deus por um culto de religião, e, como prova da sua afirmação, apresenta uma oração muito sublime e muito misteriosa de uma dessas criaturas que habitam no elemento do fogo, sob o nome de salamandras. Talvez agrade aos meus leitores proporcionando-lhes uma cópia dela, que será útil depois.

ORAÇÃO DAS SALAMANDRAS

Imortal, Eterno. Inefável e Sagrado Pai de todas as coisas, que és transportado sobre a Ursa Maior rolando incessantemente por mundos que giram permanentemente; dominador dos campos etéreos onde se ergue o trono da Tua potência, do alto do qual os Teus olhos temíveis descobrem, tudo e as Tuas santas orelhas escutam tudo, atende os Teus filhos que sempre amaste desde o nascimento dos séculos! Porque a Tua permanência, e grande e eterna Majestade, resplandece sobre o mundo e o céu das estrelas. Ergueste-Te sobre elas, ó fogo resplandecente, e acendeste-Te e alimentaste-Te a Ti próprio pelo Teu esplendor e da Tua essência saem rios infindáveis de luzes que alimentam o Teu espírito in finito. Este espírito infinito produz todas as coisas e produz esse tesouro inesgotável de matéria, que não pode faltar à geração que envolve permanentemente, por causa das inumeráveis formas que ela reveste, e de que a encheste no começo. Desse espírito tiram também a sua origem esses tão santos Reis que estão de pé à volta do Teu trono e que compõem a Tua corte. Ó Pai universal, ó único Pai dos bem-aventurados mortais e imortais! Tu criaste particularmente potências que são maravilhosamente semelhantes à Tua adorável essência. Estabeleceste-as superiores aos anjos que

anunciam ao mundo as Tuas vontades. Enfim, criaste-nos uma terceira espécie de soberanos nos Elementos. O nosso contínuo exercício é louvar-Te e adorar os Teus desejos. Ardemos no desejo de possuir-Te. Ó Pai! Ó Mãe, a mais terna das mães! Ó exemplar admirável dos sentimentos e da ternura das mães! Ó Filho, a flor de todos os filhos! Ó forma de todas as formas! Alma, Espírito, Harmonia e número de todas as coisas, conserva-nos e sê-nos propício. Amém.

Ora, todos os antigos e modernos filósofos dos nossos últimos séculos, que estão persuadidos que os quatro Elementos são povoados por criaturas razoáveis, os distribuem desta maneira: o elemento do fogo é habitado pelas salamandras; o elemento da água habitado pelos gnomos ou pigmeus. E creem que essas criaturas foram feitas pelo Criador para desempenharem serviços importantes aos homens, e puni-los quando se mostram rebeldes às suas vontades.

Pretende-se que essas criaturas extraordinárias são de uma natureza espiritual, não de uma espiritualidade que exclua toda a matéria, mas de uma espiritualidade que não admite por fundamento substancial senão uma matéria infinita, leve e tão imperceptível como o ar. E, sobre este princípio, os sábios cabalistas, que conheceram bem o natural destas criaturas, disseram que, acima de qualquer outra qualidade, possuem a da agilidade e da penetrabilidade, de modo que num momento podem vir de muito longe em socorro dos homens que tenham necessidade do seu ministério e podem penetrar, sem arrombamento, nos lugares onde os homens se encontram detidos.

Quanto aos seus costumes, estes povos são muito regrados segundo as leis da natureza, grandes inimigos dos homens que vivem no desregramento e contra as luzes da razão. E foi sobre este princípio que os sábios cabalistas, que deram ensinamentos para se atingir a descoberta dos mistérios da filosofia oculta, recomendaram, sobretudo, aos espectadores desta sublime ciência que vivessem como pessoas de bem, isentos de todo o deboche e de tudo o que se afasta da razão, tanto mais que as maiores maravilhas que dependem da ciência oculta se operam pelo ministério destes povos elementares, que são como que os canais ou, melhor dizendo, os ecônomos das influências benignas dos astros.

Nos séculos passados, em que se vivia com maior moderação das paixões e com menos corrupção da natureza, estes povos elementares tinham muitos mais contatos com os homens do que nos nossos últimos séculos, e assistia-se a prodígios que causavam admiração, porque pareciam ultrapassar a ordem natural. Mas, se não

reinava a corrupção da natureza, a ignorância era nesses tempos tão grande que a maioria dos homens atribuía à magia ou à bruxaria tudo o que se realizava pelo ministério desses povos elementares. É o que se pode observar nos capitulares de Carlos Magno e nas ordenanças que foram feitas no reinado de Pepino e nas maravilhas a que as histórias dos antigos tempos fazem menção e que passam agora por contos de fadas. Recomendo os sábios escritos de Paracelso aos meus leitores que desejem instruir-se mais profundamente sobre estes povos elementares e os comércios secretos que têm com os homens. Quem viajou pelos países setentrionais e, sobretudo, pela Lapônia não pode ignorar os serviços que aí são prestados pelos gnomos aos habitantes dessas regiões, quer para adverti-los, enquanto trabalham, dos perigos dos próximos tremores de terra quer dando-lhes a conhecer os locais onde as minas são mais abundantes em metais preciosos.

Os Lapões tão habituados estão às aparições dos gnomos que, bem longe de ficarem aterrorizados, quando trabalham nas minas, se entristecem com a sua ausência, porque é um sinal de que essas minas são estéreis em metais. E é crença popular que o Criador lhes confiou a guarda dos tesouros subterrâneos e que eles têm a faculdade de distribuí-los conforme queiram.

Quem se ocupa da descoberta de minas de ouro e de prata cumpre certas cerimônias, a fim de alcançar a simpatia dos gnomos, para que não lhes sejam contrários nos seus empreendimentos. A experiência ensinou-lhes que eles apreciam muito os perfumes, e foi por isso que os sábios cabalistas indicaram alguns, próprios para cada dia da semana, em relação aos sete planetas. E como sei, por experiência, que muitas pessoas alcançaram êxito na descoberta de tesouros por meio desses perfumes, estou disposto, para vantagem dos meus leitores, a dar aqui a verdadeira maneira de os preparar, para que possam ser agra- dáveis aos gnomos, guardiões desses tesouros. Porque deve saber-se que, de todas as criaturas que habitam os quatro Elementos, não há outra que seja mais engenhosa a prejudicar ou a favorecer os homens, segundo as razões que se lhes deem.

PERFUME DE DOMINGO, SOB OS AUSPÍCIOS DO SOL

Todos os perfumes devem ser feitos num pequeno recipiente de barro novo,

sobre carvão de madeira de aveleira ou de loureiro. Para queimar o perfume (mas o fogo que se faz expressamente deve ser aceso com a pedra de um pequeno fuzil; é mesmo bom ter a precaução de se usar uma pedra, uma mecha, um fósforo e urna vela novos e que não tenham servido para nenhum uso profano, porque os gnomos são extremamente difíceis e pouca coisa os irrita), preparam-se, pois, para o perfume do domingo as seguintes drogas, a saber: a quarta parte de uma onça de açafrão, outro tanto de madeira de aloés, outro tanto de madeira de bálsamo, outro tanto de semente de loureiro, outro tanto de grãos de cravinho, outro tanto de mirra, outro tanto de bom incenso, um grão de almíscar e um grão de âmbar pardo. Devem-se pulverizar e misturar todas estas drogas e formarem-se pequenos grãos com um pouco de alcatira, diluída em água-de-rosas, e, quando estiverem bem secos, utilizam-se na ocasião, lançando-os, três a três, sobre os carvões ardentes.

PERFUME DE SEGUNDA-FEIRA, SOB OS AUSPÍCIOS DA LUA

Este perfume deve ser formado das seguintes drogas: arranja-se uma cabeça de rã verde, as pupilas dos olhos de um touro branco, grão de papoula branca, incenso do mais delicado, como o estoraque, benjoim ou olíbano, com um pouco de cânfora. Pulverizam-se todas estas drogas e misturam-se bem, depois forma-se uma massa com elas e o sangue de uma gansa nova ou de uma rola e, com esta massa, formam-se pequenos grãos, que são utilizados, três a três, quando estiverem bem secos.

PERFUME PARA A TERÇA-FEIRA, SOB OS AUSPÍCIOS DE MARTE

Este perfume deve ser composto de eufórbio, de bdélio, de sal amoníaco, de raízes de heléboro, de pó de magnete e de um pouco de flor de enxofre. Pulveriza-se tudo junto e faz-se uma massa com sangue de gato negro e cérebro de corvo e, com

esta massa, formam-se grãos, para serem utilizados, três a três, nas ocasiões.

PERFUME DE QUARTA-FEIRA, SOB OS AUSPÍCIOS DE MERCÚRIO

Este perfume deve ser composto de grãos de freixo, de madeira de aloés, de bom estoraque, de benjoim, de pó de lápis-lazúli e de ponta de penas de pavão. Estas drogas pulverizam-se e incorporam-se com sangue de andorinha e um pouco de cérebro de gamo. Forma-se uma pasta e desta pasta fazem-se pequenos grãos, para se utilizarem, três a três, nas ocasiões, depois de estarem secos.

PERFUME DE SEXTA-FEIRA, SOB OS AUSPÍCIOS DE VÊNUS

Este perfume deve ser de almíscar, de âmbar pardo, de madeira de aloés, de rosas secas, de coral vermelho. Pulverizam-se todas estas drogas e incorporam-se com sangue de pomba ou de rola e cérebro de dois ou três pássaros. Faz-se uma massa e, com esta massa, formam-se pequenos grãos, que se utilizam, três a três, nas ocasiões, depois de bem secos.

PERFUME DE SÁBADO, SOB OS AUSPÍCIOS DE SATURNO

O perfume deve ser composto de grãos de dormideira negra, de grãos de meimendro, de raiz de mandrágora, de pó de magnete e de boa mirra. Pulverizam-se bem todas estas drogas, e incorporam-se com sangue de morcego e cérebro de gato negro. Faz-se uma pasta e com essa pasta formam-se pequenos grãos, para utilizar, três a três, nas ocasiões, depois de bem secos.

Dissemos — antes de dar a maneira de fazer estes perfumes — que os gnomos

são, entre todas as criaturas dos quatro Elementos, as mais engenhosas a fazerem o bem ou a prejudicarem os homens, segundo as razões que se lhes dão. É por isso que, prevenidos disso, quem trabalha com minérios ou na procura de tesouros faz tudo o que pode para ser agradável e precaver-se o mais possível contra os efeitos da sua indignação. E a experiência fez por diversas vezes saber que a verbena e o loureiro são recomendáveis para impedir que os gnomos prejudiquem o trabalho daqueles que procuram tesouros subterrâneos. Eis de que maneira Jamblique e Artabel falam disso, nos seus segredos cabalísticos.

Quando pelos indícios naturais ou sobrenaturais, isto é, pela revelação feita em sonho, se tiver bem a certeza do lugar onde há um tesouro, faz-se sobre tal lugar o perfume adequado ao dia em que se quiser começar a escavar a terra. Depois planta-se, com a mão direita, um ramo de loureiro verde e, com a mão esquerda, um ramo de verbena e faz-se a abertura da terra entre esses dois ramos. E, quando se tiver um buraco da altura da própria pessoa, faz-se uma coroa com aqueles dois ramos, com que se rodeia o chapéu ou boina; e por cima dessa coroa ata-se o talismã de que vou dar aqui o modelo. Se forem várias pessoas é preciso que cada uma tenha uma coroa.

Pode-se fazê-lo sobre uma placa de estanho fino e bem purificado no dia e hora de Júpiter. Estando o tema do céu numa situação favorável, desenha-se aí, de um lado, a figura da fortuna, como está aqui representada, e, do outro lado, estas palavras, em grandes caracteres: *OMOUZIN ALBOMATATOS.*

E se trabalhar durante vários dias antes de atingir o lugar onde está o tesouro, deve renovar-se todos os dias o perfume, que será o adequado ao dia, como explicamos atrás. Estas precauções proporcionarão que os gnomos, guardiões do tesouro, não sejam em nada prejudiciais e que ajudem mesmo no empreendimento. É uma prova de que já fui testemunha ocular, com feliz sucesso, no velho castelo de Orviéte.

Falei acima de indícios naturais pelos quais se pode fazer a descoberta de tesouros e vou explicar-me agora mais claramente. Paracelso, no seu *Tratado da Filosofia Oculta,* página 48, diz que, para se ter indícios seguros dos lugares onde existem tesouros e riquezas escondidas, devem notar-se os locais onde, durante a noite, aparecem fantasmas ou espectros, ou qualquer outra coisa extraordinária que atemorize os transeuntes e aqueles que habitam nesses lugares. E particularmente na noite de sexta para sábado, se forem vistos fogos-fátuos, tumultos e barulhos, ou qualquer coisa semelhante, pode-se razoavelmente conjecturar a existência nesses

lugares de qualquer tesouro escondido.

Mas o homem prudente no se deterá aí. Deve-se procurar parecer surpreendido pela informação de outrem e, sobretudo, de certa gentalha ou mulherezinhas que, a partir de visões quiméricas, levam as pessoas honestas a buscas inúteis. Só se deve, pois proceder a investigações pelo testemunho de pessoas que não sejam suspeitas, isto é, que tenham probidade e que sejam de espírito sólido. E mais seguro seria a própria pessoa experimentar essas espécies de visões, fixando residência nesses locais.

Não se deve, contudo, rejeitar absolutamente quem faça tais relatos, mas examinar prudentemente as circunstâncias. Porque eu sou testemunha de que, se tivesse acreditado em Filipe de Orniano, cirurgião-mor da pequena guarnição do

castelo de Orviéte, ter-se-ia negligenciado o empreendimento que foi levado a cabo com feliz sucesso. Porque, como falava bem e era bastante persuasivo naquilo que dizia, conseguia cobrir de ridículo o que se contava acerca das aparições que vários criados e soldados tinham tido, no lugar onde o tesouro foi encontrado.

Aquele que quiser dedicar-se à procura de um tesouro aparentemente escondido deve examinar a qualidade do local, não só pela situação presente, mas em relação a antigas histórias. Porque deve observar-se que existem duas espécies de tesouro escondidos: a primeira espécie é de ouro e de prata, que foram formados nas entranhas da terra, pela virtude metálica dos astros e do terreno em que se encontram; a segunda espécie é de ouro e de prata em moedas ou transformados em obras de ourivesaria, e que foram depositados na terra por diversas razões, como guerras, pestes e outras. É o que o sábio investigador de tesouros deve examinar, considerando se as circunstâncias convêm ao lugar em questão. Estas espécies de tesouros de ouro, de prata em moedas e de louça de ourivesaria encontram-se geralmente nos destroços e pardieiros das antigas casas de qualidade e castelos ou próximos de velhas igrejas ou capelas arruinadas. É que os gnomos não se apropriam de tal espécie de tesouros, a não ser que, voluntariamente, aqueles que os depuseram ou enterraram em lugares subterrâneos os tenham convidado a tal pela virtude de perfumes e talismãs feitos com essa finalidade, e, nessa conjectura, é preciso desapossá-los por meio de perfumes mais fortes c talismãs, como os que descrevemos: os que se formam sob os auspícios da Lua e de Saturno, estando a Lua a entrar nos signos do Touro, do Capricórnio ou da Virgem, são os mais eficazes.

É preciso, sobretudo, que quem se dedica a esta investigação não se deixe atemorizar. Porque acontece bastante frequentemente que os gnomos guardiães dos tesouros perturbem a imaginação dos trabalhadores com representações e visões hediondas, mas são historietas, para meninos dos tempos passados, afirmar-se que eles estrangulam ou matam aqueles que se aproximam dos tesouros que lhes estão confiados! E se alguns que os procuravam morreram nas cavidades subterrâneas, isso pode ter acontecido ou por infecção desses lugares ou pela imprudência dos trabalhadores, que não apoiam solidamente os locais que escavam, quando se encontram só ruínas. E uma brincadeira dizer-se que se deve observar um profundo silêncio ao escavar! Pelo contrário!... Esse seria o meio mais fácil de nos deixarmos atemorizar por imaginações fantásticas. Pode-se, pois, sem escrúpulos, falar de coisas indiferentes, ou mesmo cantar, desde que nada se diga de dissoluto nem de impuro

que possa irritar os espíritos.

Se, ao avançar-se com o trabalho, se ouvir mais barulho do que anteriormente, que se redobrem os perfumes e que alguém do grupo recite em voz alta a oração das Salamandras, que ensinei atrás, e será o meio de impedir que os espíritos levem o tesouro para mais longe, tornando-se atentos às misteriosas palavras que se recitarão. E, então, deve dobrar-se vigorosamente o trabalho. Nada digo que não tivesse sido experimentado na minha presença e com sucesso. O pequeno livro de *Enchiridion* é bom nestas ocasiões por causa das suas misteriosas orações.

Aconteceu, algumas vezes terem os gnomos transformado os metais preciosos em matérias vis e abjetas, enganando os ignorantes, que não estavam informados das suas subtilezas. Mas o sábio e prudente investigador que encontrar nas entranhas da terra dessas espécies de matérias, que naturalmente não devem estar aí, deve recolhê-las e experimentá-las num fogo composto de madeira de loureiro, de fetos e de verbena: o encanto dissipar-se-á por este meio e os metais voltarão à sua primeira natureza. Um sinal bastante vulgar destas transmutações fantásticas é quando se encontra essas matérias vis e sórdidas em recipientes, de barro cozido, de pedra talhada ou de bronze. E, então, não se deve desprezá-los, mas experimentá-los no fogo, como acabo de dizer.

Terminarei este assunto com o segredo recomendado por Cardan, para se saber se o tesouro se encontra no lugar que se escava. Diz ele que se deve arranjar uma grande candeia, composta de sebo humano e encravada num pedaço de madeira de aveleira, feita como se representa na figura.

E se a candeia, ao ser acendida no lugar subterrâneo, fizer muito barulho, crepitando com estalos, é sinal de que há um tesouro nesse local e quanto mais perto ele estiver mais crepitará a candeia e, enfim, ela apagar-se-á quando se estiver muito próximo. Devem ter-se outras candeias nas lanternas, para se não ficar sem luz. Quando se têm razões sólidas para pensar que são espíritos de homens defuntos que guardam os tesouros, é bom dispor-se de círios benzidos, em vez das candeias comuns, e conjurá-los em nome de Deus, perguntar se pode fazer alguma coisa para lhes dar repouso e nunca se deve deixar de cumprir o que eles tiverem pedido.

EMBUSTE DE MANDRÁGORA ARTIFICIAL

Há embusteiros do povo que, abusando da credulidade e simplicidade das boas gentes, alcançam grande crédito com habilidades que, na aparência, têm qualquer coisa de sobrenatural. É deste gênero a mandrágora artificial, com a qual eles imitam os oráculos divinos. Como passasse por Lille, na Flandres, fui convidado por um dos meus amigos a acompanhá-lo a casa de uma velha mulher que se dedicava a este truque e que passava por grande adivinha. E descobri o seu embuste, que só podia resultar tanto tempo com um povo tão grosseiro como o flamengo. A velha conduziu-nos para um pequeno gabinete obscuro, iluminado apenas por uma lâmpada, com a luz da qual se via, sobre uma mesa coberta com um tecido, uma espécie de pequena estátua ou boneca, sentada sobre um tripé, com o braço esquerdo estendido e segurando — com a mesma mão — um pequeno fio de seda muito esgarçada, na extremidade do qual pendia uma pequena mosca de ferro bem polido e, por baixo, havia um copo com fetos, de modo que a mosca entrava no copo, mais ou menos até altura de dois dedos. E o mistério da velha consistia em mandar a mandrágora bater a mosca contra o copo, para testemunhar o que se queria saber.

A velha dizia, por exemplo: "Ordeno-te, mandrágora, em nome daquele a quem deves obediência, que, se tal senhor for feliz na viagem que vai fazer, faças bater a mosca três vezes contra o copo" e, ao dizer as últimas palavras, ela aproximava a sua mão, segurando um pequeno bastão, mantendo-a erguida mais ou menos à altura da mosca suspensa, que não deixava de bater as três pancadas contra o vidro, ainda que a velha de modo algum tocasse a estátua, ou o cordão, ou a mosca, o que espantava

aqueles que não conheciam os embustes que ela usava. E, para enganar as pessoas com diversidade dos seus oráculos, ela proibia a mandrágora de fazer bater a mosca contra o vidro, se esta ou aquela coisa devesse, ou não devesse. acontecer. Por exemplo: "Proíbo-te, mandrágora, em nome daquele a quem deves obediência, de bateres com a mosca contra o vidro, se tal senhor morrer antes da sua mulher" e, pondo a mão na postura que já descrevi, a mosca não batia contra o vidro.

Eis em que consistia o artifício da mulher, de que me apercebi depois de ter olhado um pouco mais atentamente: a mosca de ferro que estava suspensa no copo, na ponta do cordão de seda, era muito leve e bem magnetizada e, por isso, quando a mulher queria que ela batesse contra o copo, punha num dos seus dedos um anel no qual estava embutido um pedaço bastante grande de excelente magnete, de modo que a virtude magnética da pedra punha em movimento a mosca magnetizada, e fazia-a bater tantas pancadas quantas ela quisesse contra o copo. E quando queria que a mosca não batesse, tirava do seu dedo o anel, sem que ninguém se apercebesse. Aqueles que estavam feitos com ela e que lhe traziam clientes tinham o cuidado de se informarem corretamente dos seus assuntos, e assim era-se facilmente enganado.

OUTRO EMBUSTE PELA CABEÇA DE SÃO JOÃO

A avidez de ganhar dinheiro é uma verdadeira tirania no coração do homem, que o torna engenhoso até à profanação das coisas santas. O poeta antigo tinha razão para se lamentar nestes termos: *Auri sacra fames, quid non mortalia cordis pectora.*

Digo isto a propósito de outro embuste que vi praticar a esta espécie de pessoas de que acabo de falar. Tinham disposto uma mesa quadrada apoiada em cinco colunas — uma em cada canto e uma no meio. A do meio era um grande tubo de cartão espesso, pintado como se fosse madeira. A mesa estava furada no ponto oposto a este tubo e uma bacia de cobre, também furada, estava posta sobre o buraco da mesa, e nesta bacia estava uma cabeça de São João em cartão grosso, pintada ao natural, escavada por dentro e com a boca aberta. Havia um porta-voz que passava através do chão do quarto que ficava por baixo do gabinete onde toda esta montagem se encontrava, e esse porta-voz terminava no pescoço da cabeça, de modo que uma pessoa, falando através do órgão desse porta-voz, do quarto de baixo, era

distintamente ouvida no gabinete, pela boca da cabeça de São João. Assim, o pretenso adivinho ou adivinha afetando realizar uma cerimônia supersticiosa para impressionar aqueles que vinham consultar aquela cabeça, ordenava-lhe, em nome de São João, que respondesse ao que se queria saber e propunha a dificuldade em voz tão alta que era ouvido no quarto de baixo pela pessoa que devia dar a resposta pelo porta-voz — que já estava mais ou menos instruída sobre o que devia dizer.

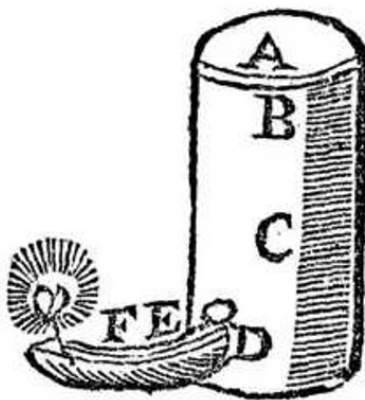
SUBTILEZAS NATURAIS QUE TÊM ALGO QUE PROVOCA ADMIRAÇÃO

Eis a maneira de fazer um círio mágico, por meio do qual aquele que o segurar aceso parecerá sem cabeça. Arranje-se uma pele de serpente recentemente liberta, oiro-pigmento, pez grego, rapôntico, cera virgem e sangue de burro. Esmagam-se em conjunto todas estas coisas e põem-se a cozer em lume brando, durante três ou quatro horas, num velho caldeirão cheio de água de pântano. Depois de terem arrefecido, separa-se a massa das drogas da água e compõe-se um círio, cujo morrão será feito de vários fios de um lençol que tenha amortalhado um morto. E quem acender este círio será por ele iluminado e parecerá sem cabeça.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Se quiser que toda a gente que esteja dentro de um quarto pareça ter a forma de grandes elefantes ou de cavalos, far-se-á um perfume desta maneira: esmaga-se alquequenje com gordura de golfinho e formam-se com essa massa pequenos grãos, da grossura da semente de limão. Arranja-se depois excremento de vaca que já não amamente o novilho. Deixa-se secar bem este excremento, de modo que se possa com ele fazer fogo. E conseguir-se-á o divertimento pretendido, desde que o quarto esteja bem fechado e que o fumo só possa sair pela porta.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Para fazer parecer um quarto cheio de serpentes e de outras figuras que provocam o terror, acende-se nele uma limpada que esteja guarnecida do que se segue.

Arranje-se gordura de uma serpente negra e a última pele que ela tiver largado. Faz-se ferver esta gordura e esta pele, com verbena, num caldeirão onde tenham sido deitados dois potes de água de forja. E, ao fim de um quarto de hora, tira-se o caldeirão do fogo e côa-se a composição num pedaço de lençol que tenha servido para um morto. Deixa-se arrefecer a composição e retira-se com uma colher a gordura que se apresente congelada sobre a água. Faz-se depois um morrão com fios de um lençol mortuário e, tendo posto no fundo da limpada a pele cozida da serpente, amacia-se o morrão com a gordura, e quando se acender a lâmpada com óleo de âmbar ter-se-á um espetáculo hediondo de serpentes, que aterrorizarão aqueles que não conhecerem o segredo dessa lâmpada.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Experimentei, na Flandres, o efeito de uma lâmpada para fazer calar o importuno coaxar das rãs e para lhes impor subitamente o silêncio. Estava no castelo do senhor Tillemont, cujos fossos estavam tão cheios desses insetos barulhentos que

mal se conseguia repousar durante a noite. Pusemos a fundir cera branca, ao sol, com gordura de crocodilo, que é mais ou menos como óleo de baleia e creio mesmo que este óleo tem o mesmo efeito que a gordura de crocodilo, que é bastante rara na região. Guarnecemos uma lâmpada com esta composição, formando um grosso morrão, e mal se acendeu e se colocou na borda do fosso, as rãs cessaram o seu coaxar.

DA MÃO-DE-GLÓRIA DE QUE SE SERVEM OS CELERADOS LADRÕES PARA ENTRAR DENTRO DAS CASAS DURANTE A NOITE SEM IMPEDIMENTO

Confesso que nunca experimentei o segredo da mão-de-glória, mas assisti três vezes ao julgamento definitivo de certos celerados, que confessaram, na tortura, terem usado a mão-de-glória nos roubos que haviam cometido, e como, durante o interrogatório, se lhes perguntou o que isso era e como a tinham conseguido, eles responderam, em primeiro lugar, que a mão-de-glória tornava estupefatos e imóveis todos aqueles a que era apresentada, de modo que se mexiam tanto como se estivessem mortos. Em segundo lugar, que era a mio de um enforcado. Em terceiro lugar, que se devia prepará-la da seguinte maneira: arranja-se a mão direita, ou a esquerda, de um enforcado exposto num caminho; envolve-se num pedaço de lençol mortuário, no qual se aperta bem, para a fazer libertar o pouco sangue que nela tivesse permanecido, depois põe-se num vaso de barro com zímase, salitre, sal e pimentão — tudo pulverizado. Deixa-se, durante quinze dias, nesse vaso e depois retira-se e expõe-se a um forte sol canicular, até que se tenha tornado bem seca, e, se o sol não bastar, põe-se num forno aquecido com fetos e verbena. Depois compõe-se uma espécie de vela com gordura de enforcado, cera virgem e sésamo da Lapônia e usa-se a mão como um castiçal, para segurar essa vela acesa. E em qualquer lugar em que se entre com tal funesto instrumento, todos os que aí estiverem ficarão imóveis. E como resposta à pergunta que se lhes fez (se não haveria qualquer espécie de remédio como proteção contra esse sortilégio), eles disseram que a mão-de-glória perdia o seu efeito e que os ladrões não podiam servir-se dela se esfregasse a soleira da porta da casa, ou os outros lugares por onde eles pudessem entrar, com um

ungüento composto de fel de gato preto, de gordura de galinha branca e de sangue de coruja, desde que essa confecção fosse feita no tempo da canícula.

PARA TORNAR UM HOMEM OU UMA MULHER INSENSÍVEL À TORTURA DE MODO QUE NADA SE CONSIGA TIRAR DA SUA CONFISSÃO

A propósito do que acabo de dizer da declaração que os celerados tinham feito, ao serem expostos à pergunta, contarei em pormenor o que aprendi com o senhor

Bamberg, famoso juiz criminal de Oxford. Disse-me ele que havia assistido diversas vezes ao julgamento criminal de certos celerados que quase não podiam ser convencidos senão pelo seu depoimento. Visto que os seus crimes tinham sido cometidos tão secretamente e com tais precauções que não se podiam apresentar testemunhos suficientes, ainda que houvesse fortes desconfianças contra eles, e que essas pessoas acreditavam tanto nos segredos que tinham para se tornarem insensíveis às perguntas, que se constituíam voluntariamente prisioneiros para se purgarem dessas pretensas desconfianças. Havia os que se serviam de certas palavras, pronunciadas em voz baixa, e outros de pequenos bilhetes, que escondiam em qualquer parte do corpo. Eis três versos que eles pronunciam na altura em que se lhes aplica a tortura:

"*Imparibus meritis tria pendant corporae ramis.*

Dismas et Gestas in medio est Divina Potestas.

Dismas damnatur, Gestas as astra levatur."

Eis outras palavras que eles pronunciam quando lhes está a ser aplicada a tortura: "Como o leite da bendita e gloriosa Virgem Maria foi doce e suave ao Nosso Senhor Jesus Cristo, assim esta tortura e esta corda sejam doces e suaves aos meus membros!" O primeiro que conheci que utilizava estas espécies de encantos surpreendeu-nos pela sua confiança, que era sobre-humana, porque, depois da primeira dose de tortura que lhe foi dada, parecia dormir tão tranquilamente como se estivesse numa boa cama, sem se lamentar, implorar ou gritar. E quando se continuou a tortura, duas ou três vezes, ele manteve-se imóvel como uma estátua de mármore. O que fez desconfiar de que estava munido de qualquer espécie de encantamento, e, para se esclarecer a questão, mandou-se pô-lo nu como a mão e, depois de uma exata investigação, não se encontrou nada nele senão um pequeno bilhete, onde estavam desenhados os três reis com estas palavras no reverso: "Bela estrela, que libertaste os Magos da perseguição de Herodes, liberta-me de todo o tormento!" Este papel estava agarrado à sua orelha esquerda. Ora, embora se lhe tenha tirado esse papel, ele não deixou de estar, ou pelo menos de parecer, insensível dos tormentos, porque, quando lhe eram aplicados, ele pronunciava em voz baixa, entre dentes, certas palavras que não se podiam ouvir distintamente, e como perseverava constantemente na negativa, foi-se obrigado a mandá-lo libertar da prisão até que se tivessem mais fortes provas contra ele. Diz-se que se pode fazer

cessar o efeito dessas palavras misteriosas pronunciando alguns versículos da Santa Escritura ou das horas canônicas, como os seguintes:

"O meu coração proferiu esta coisa boa, direi todas as minhas ações ao Rei, e declarar-lhe-ei as minhas obras. O Senhor abrirá os meus lábios e a minha boca anunciará a verdade. Que a maldade do pecador seja confundida, perderás, Senhor, todos aqueles que dizem a mentira."

UNGUENTO POR INTERMÉDIO DO QUAL UMA PESSOA SE PODE EXPOR AO FOGO SEM SER QUEIMADO

Há muitos séculos havia o costume de obrigar os criminosos a provar a sua inocência pela prova do fogo. Mas, ou porque se considerou que esta forma de agir não era legítima, porque, de certa maneira, experimentava Deus sobre a inocência das pessoas acusadas; ou, também, porque se tivesse reconhecido que podia haver fraude nessas provas, o costume foi completamente abolido. Efetivamente, havia-se encontrado, nesses tempos, o meio de suspender a atividade, segundo o que dizem os antigos historiadores. Eis o que recolhi como mais provável: é preciso fazer-se um unguento, composto de suco de malvisco, clara de ovo fresco, semente de uma erva que se chama zaragatoa, cal em pó, suco de rábano silvestre. Pila-se e mistura-se bem, esfrega-se por todo o corpo, se quiser fazer a prova completa — ou somente nas mãos, se quiser experimentar o fogo apenas nesta parte — deixa-se secar este unguento e unta-se depois mais três vezes e, em seguida, poder-se-á ousadamente resistir à prova do fogo sem receio de se ser atingido.

PARA A AGUARDENTE QUE SERVE PARA UMA INFINIDADE DE GRANDES OPERAÇÕES

Arranje-se um bom vinho velho, de cor forte e violento, e, para duas pintas, põe-se em infusão uma pedra de boa cal viva, com peso de mais ou menos meia libra;

quarenta onças de enxofre vivo, outro tanto de bom tártaro de Montpellier, outro tanto de sal comum, pila-se e mistura-se tudo num bom alambique bem vedado, destila-se em fogo lento, até três vezes, a aguardente que se conserva para uso num bom bocal de vidro forte. Há quem se contente com a destilação na serpentina, infusa em vinho e cal viva.

PARA FAZER O TERRÍVEL FOGO GREGO

Este fogo é tão violento que queima tudo aquilo a que for aplicado, sem que possa ser apagado, a não ser com urina, vinagre forte ou areia. Compõe-se com enxofre vivo, tártaro, sarcocola, azeitonas miúdas, sal comum recozido, petróleo e azeite comum. Deixam-se cozer bem todas estas drogas até que elas consumam um pedaço de tecido que se lhes deitar dentro. Devem ser mexidas com uma espátula de ferro e ninguém deve expor-se a fazer esta composição num quarto, mas num pátio, porque, se pegasse fogo, seria bem difícil apagá-lo.

PARA TER PAZ

Deixo estes violentos assuntos, para dizer uma palavra sobre a paz. Li, no muito curioso livro de segredos do rei João de Aragão, que se alguém, quando se observar a entrada do Sol no signo da Virgem, tiver o cuidado de colher maravilha bastarda, a que os antigos chamavam esposa-do-sol, e a envolver em folhas de loureiro com um dente de lobo, ninguém poderá falar mal de quem a trouxer consigo e tal pessoa viverá em profunda paz e tranquilidade com toda a gente.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Encontra-se, numa velha memória da História de França do reinado de Carlos VII, que, estando este príncipe extremamente consternado por ver o seu reino destroçado por guerras, recorreu a um santo ermita para se recomendar às suas orações. O santo homem deu-lhe uma imagem de Verônica, com a seguinte oração, que escrevera no reverso da imagem com a sua mão — assegurando que se a trouxesse devotamente e recitasse todos os dias a dita oração, os seus negócios se restabeleceriam rapidamente. O que aconteceu efetivamente pouco tempo depois, de uma maneira que se pode considerar miraculosa, pelo serviço que lhe prestou a Virgem de Orleães. E foi isto que deu origem à devoção de diversas pessoas, que trazem com elas essa imagem e recitam esta oração:

Pax Domini nostri Jesu Christi sic semper mecum; per virtutem Heliae Prophetae, cum potestate et efficacia faciei Domini nostri Salvatoris et dilectissimae Matris ejus Sanctae Mariae Virginis; et per caput Sancti Joannis Baptistae, et per duodecim Apostolos, et per quatuor Evangelistas, et per sanctos omnes Martyres Dei, Confessores, Virgines, Viduas, Arcangelos, Angelos et omnes denique celestes Hierarchias. Amen.

SEGREDO DA LIGA PARA OS VIAJANTES

Colhe-se erva a que se chama artemísia, na altura em que o Sol entra no primeiro grau do signo do Capricórnio deixa-se secar um pouco à sombra e faz-se com ela ligas com a pele de uma lebre nova, isto é, depois de se ter cortado a pele da lebre em correias da largura de dois polegares, faz-se um redobro, no qual se coze a dita erva, que se usará nas pernas: não há nenhum cavalo que possa seguir durante muito tempo um homem a pé que esteja munido de tais ligas... Se fizerdes urinar sobre as vossas pernas uma jovem virgem antes do nascer do sol, não somente ficareis aliviado da fadiga do dia precedente como também conseguireis percorrer nesse dia muito mais caminho que usualmente, sem vos cansardes... Observe-se a altura em que a Lua esteja em conjunção com Mercúrio, se faz numa quarta-feira de Primavera, arranje-se um pedaço de couro de pele de um lobo novo e façam-se com

ele duas ligas, nas quais se escrevem, com o próprio sangue, as seguintes palavras: *Abumalith cades ambulavit in fortitudine cibi illius*; ficar-se-á espantado com a velocidade com que se caminhará, desde que se tenham essas ligas nas pernas. Para que a escrita não se apague, é conveniente forrar essas ligas com uma fita de fio branco, do lado das palavras escritas... Há ainda outra maneira de fazer a fica, que li num velho escrito em letras góticas. Eis a receita: arranjam-se os cabelos de um ladrão enforcado, com que se farão tranças a que se dará a forma de ligas, que se cozem entre dois tecidos da cor que se quiser. Atam-se às pernas traseiras de um frango. Depois, obrigando-o a andar para trás cerca de vinte passos, dir-se-ão as palavras seguintes: *Sicut ambulat Dominus Sabahot super penxas ventorum, sic ambulabo super terram*; deixa-se escapar o frango e obriga-se-lo a correr até perder o fôlego e então poder-se-ão usar com prazer essas ligas.

SEGREDO DO BASTÃO DO BOM VIAJANTE

Colhe-se, no dia seguinte ao dia de Todos-os-Santos, um forte ramo de sabugueiro, com que se fará um bastão, que se aperfeiçoa a gosto. Depois se escava o mesmo retirando-lhe o tutano e, tendo guarnecido a ponta inferior com um aro de ferro, enfia-se-lhe dentro os dois olhos de um lobo novo, a língua e o coração de um cão, três lagartos verdes, três corações de andorinhas e que tudo isto tenha secado ao sol entre dois papéis, anteriormente salpicados de pó fino de salitre. Por cima de tudo isto, põem-se no bastão sete folhas de verbena, colhidas na véspera de São João Batista, com uma pedra de diversas cores que se encontra num ninho de poupa. E veda-se o cimo do bastão com uma maçã de buxo ou qualquer outra matéria que se queira e pode-se ficar certo de que tal bastão protegerá quem o usar contra os perigos e incomodidades que acontecem demasiadas vezes aos viajantes, da parte de brigões ou animais ferozes, cães enraivecidos e animais venenosos. Ele também assegura a boa vontade dos hospedeiros.

SEGREDO PARA FAZER UM CAVALO ANDAR MAIS CAMINHO NUMA HORA DO QUE OUTRO QUALQUER SÓ PODERIA FAZER EM OITO HORAS

Mistura-se na aveia do cavalo um punhado de erva chamada satilião, que se miga bem miúdo. Unta-se o alto das suas quatro pernas, abaixo do ventre, com gordura de veado e, depois de se ter montado, estando prestes para partir, vira-se-lhe a cabeça para o lado do Sol nascente e, inclinando-se o viajante sobre a sua orelha esquerda, pronuncia três vezes, em voz baixa, as palavras seguintes, partindo imediatamente: *Gaspar, Melchior, Baltasar.* Ao que acrescento que, se pendurarem ao pescoço do cavalo os dentes maiores de um lobo que tenha sido morto em corrida, o cavalo não se fatigará no percurso.

PARA ACALMAR UM CAVALO QUE ESTEJA FURIOSO

Encontram-se pequenas pedras redondas e esverdeadas ao pé do monte Cenis, que têm tal virtude que, ao pôr-se uma em cada orelha de um cavalo furioso, fechando depois as orelhas com a mão, o cavalo ficará calmo e tratável, de modo que não só poderá ser facilmente montado como também o ferrador o poderá ferrar sem que ele oponha qualquer resistência. O touro furioso e indomável pode ser aprisionado se for atado a uma figueira e se lhe der a alimentação durante algum tempo debaixo dessa árvore.

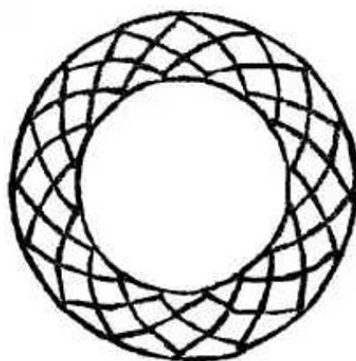
Também se consegue o mesmo se ligar com casca de sabugueiro a perna direita do touro, abaixo do joelho.

PARA FAZER TOMBAR UM CAVALO COMO SE ESTIVESSE MORTO

Arranja-se uma língua de serpente que se envolve em cera virgem e se coloca depois na orelha esquerda de um cavalo, ele cairá por terra como se estivesse morto. E assim que se tiver retirado a dita língua, ele reerguer-se-á, mais enérgico do que estava antes. Não se deve deixá-la muito tempo, para que se não prejudique o cavalo.

PARA SE FICAR INVISÍVEL POR MEIO DE UM ANEL

Conta-se que o famoso Gygés conseguiu chegar ao trono da Lídia por meio de um anel mágico que, tornando-o invisível, lhe permitiu facilmente cometer adultério com a rainha e matar o rei. Os sábios cabalistas deixaram-nos o método de fabricar anéis que tenham do mesmo modo a virtude da invisibilidade. Deve-se empreender esta importante operação numa quarta-feira de Primavera, sob os auspícios de Mercúrio, assim que se saiba que este planeta está em conjunção com um dos outros planetas favoráveis, como: a Lua, Júpiter, Vênus ou o Sol; e, arranjando bom mercúrio, fixo e bem purificado, forma-se com ele um grande anel, que possa facilmente entrar no dedo médio da mão. Embute-se nele uma pequena pedra, que se encontra no ninho da poupa, e gravam-se à volta do anel as seguintes palavras: "Jesus passando — pelo meio deles — partia", depois, tendo pousado o anel sobre uma pequena placa de mercúrio fixo, que deve ter a forma de uma paleta pequena, far-se-á o perfume de Mercúrio, como se ensinou já, e expõe-se, três vezes de seguida, o anel sobre a pequena paleta, no fumo do perfume. E, depois de ter sido envolvido num pedaço de tafetá da cor conveniente ao planeta, coloca-se no ninho da poupa donde se tirara a pedra, deixando-o aí durante nove dias. E, quando se retirar, far-se-á de novo o perfume como da primeira vez, guardando-se depois preciosamente numa pequena caixa feita de mercúrio fixo, para se utilizar nas ocasiões convenientes. A maneira de utilizá-lo é pôr este anel no dedo, fazendo girar a pedra para fora da mão e ela tem a virtude de fascinar de tal modo os olhos dos assistentes que se está na sua presença sem se ser visto. E quando se quiser ser visto, deve-se fazer girar a pedra para o interior da mão e fechá-la em forma de punho...

Porfirius e Jamblique, Pedro de Albano e o seu mestre Agrippa afirmam que um anel, fabricado da maneira que a figura mostra, tem a mesma virtude e propriedade. É preciso arranjar os pelos que estão em cima da cabeça da furiosa hiena. Com eles fazem-se pequenas tranças, com as quais se fabrica um anel, como se vê na figura, que se coloca da mesma forma no ninho de uma poupa durante nove dias, e fazem-se os perfumes como se disse anteriormente, sob os auspícios de Mercúrio.

Utiliza-se como o que foi feito de mercúrio, exceto que se retira absolutamente do dedo quando não se quiser estar invisível.

PARA NÃO SE SER ENGANADO NEM FASCINADO PELO ANEL DA INVISIBILIDADE

Como não há nenhum veneno na natureza que não tenha o seu antídoto, tendo a sábia providência do Criador feito todas as coisas com peso e medida, não é possível haver um sortilégio que não tenha o seu remédio, portanto, quem quiser precaver-se contra o efeito do anel cabalístico de Mercúrio deve arranjar um anel composto da seguinte maneira. Forma-se um anel com chumbo afinado e bem purgado da maneira que se explicou atrás, quando se falou dos talismãs e dos números misteriosos dos planetas. E, nesse anel de chumbo, embute-se um olho de doninha nova que só tenha tido filhotes uma vez e, no contorno do anel, gravar-se-ão as seguintes palavras: *Apparuit Dominus Simoni*. O fabrico deste anel deve fazer-se

num sábado, quando se vir que Saturno está em oposição com Mercúrio. Far-se-á três vezes o perfume de sábado, envolve-se o anel num pedaço de lençol mortuário e enterra-se num cemitério, deixando-o aí durante nove dias. Depois de o ter retirado, far-se-á três vezes o perfume de Saturno, que se usará. Aqueles que inventaram este anel raciocinaram sobre os princípios da antipatia que se encontra entre as matérias que compõem estes dois anéis, que têm efeitos tão opostos. Efetivamente, nada há de mais antipático à hiena do que a doninha. E Saturno caminha quase sempre em sentido inverso ao de Mercúrio e — quando se encontram no domicílio de um dos signos zodiacais — é sempre um sinal funesto e de mau augúrio.

PARA FAZER OUTROS ANÉIS MISTERIOSOS SOB OS AUSPÍCIOS DOS SETE PLANETAS QUE ATRAEM AS SUAS INFLUÊNCIAS ÀQUELES QUE OS USAM

Supôs-se mais atrás que cada planeta tem o seu metal, afetado e apropriado à sua constituição celeste para proceder com ordem ao fabrico dos anéis de que vamos agora falar. Começamos por dizer que não basta utilizar os metais dos planetas, mas que é também preciso conhecer as pedras que se relacionam com a sua constituição para neles serem embutidas e gravadas com a sua misteriosa figura. A pedra de águia ou etite e o jacinto são de natureza solar. A esmeralda é lunar. O magnete é próprio de Marte, tal como a ametista. O topázio e o pórfiro convêm a Mercúrio, o beril é próprio de Júpiter, a coralina convém a Vênus. E a Saturno, a calcedônia e o jaspe. Estando isto sabido, fabricam-se anéis de metal e pedras adequadas a cada um dos planetas. Ter-se-á o cuidado de fabricá-los nos dias e horas próprias da sua constelação favorável e gravar-se-ão sobre as pedras as figuras misteriosas de que demos os modelos gravadas em talha-doce, no local em que falamos dos talismãs, dos números misteriosos dos planetas. E porque não é tão simples gravar prontamente as figuras sobre as pedras como sobre os metais, onde podem ser impressas com ferramentas, deve-se advertir os que pensam realizar estas operações que, desse que iniciem o seu trabalho no primeiro momento da hora favorável do planeta e que continuem sem desistir, o anel terá valor e a influência desejada. Eis um modelo das horas, tanto para o dia como para a noite, que servirá para se saber

em qual começa a influência de cada planeta, em todo o percurso da semana.

A disposição cabalística destas horas planetárias é uma das curiosas produções dos sábios partidários da ciência oculta dos astros: sabe-se, assim, que cada uma das figuras dos planetas se encontra na primeira hora do seu dia, sem que se antecipe uma sobre outra, nem se interrompa a sua ordem em todo o decurso das horas dos dias da semana e observou-se que é geralmente nessas horas que os planetas apresentam aspectos favoráveis. Assim, aqueles que quiserem trabalhar nas figuras misteriosas dos pentáculos e talismãs poderão regular-se por esta ordem e este arranjo das horas, porque é importante não trabalhar uma figura misteriosa de Vênus sob a hora de Saturno, nem uma figura de Saturno sob a hora do Sol e assim por diante.

1	2	3	4	5	6
☉	♀	☿	☾	♄	♃
7	8	9	10	11	12
♂	☉	♀	☿	☾	♄

1	2	3	4	5	6
☾	♄	♃	♂	☉	♀
7	8	9	10	11	12
☿	☾	♄	♃	♂	☉

1	2	3	4	5	6
♂	☉	♀	☿	☾	♄
7	8	9	10	11	12
♃	♂	☉	♀	☿	☾

1	2	3	4	5	6
☿	☾	♄	♃	♂	☉
7	8	9	10	11	12
♀	☿	☾	♄	♃	♂

1	2	3	4	5	6
♃	♂	☉	♀	☿	☾
7	8	9	10	11	12
♄	♃	♂	☉	♀	☿

1	2	3	4	5	6
♀	☿	☾	♄	♃	♂
7	8	9	10	11	12
☉	♀	☿	☾	♄	♃

1	2	3	4	5	6
♄	♃	♂	☉	♀	☿
7	8	9	10	11	12
☾	♄	♃	♂	☉	♀

1	2	3	4	5	6
♃	♂	☉	♀	☿	☾
7	8	9	10	11	12
♄	♃	♂	☉	♀	☿

1	2	3	4	5	6
♀	☿	☾	♄	♃	♂
7	8	9	10	11	12
☉	♀	☿	☾	♄	♃

1	2	3	4	5	6
♄	♃	♂	☉	♀	☿
7	8	9	10	11	12
☾	♄	♃	♂	☉	♀

1	2	3	4	5	6
☉	♀	☿	☾	♄	♃
7	8	9	10	11	12
♂	☉	♀	☿	☾	♄

1	2	3	4	5	6
☾	♄	♃	♂	☉	♀
7	8	6	10	11	12
☿	☾	♄	♃	♂	☉

1	2	3	4	5	6
♂	☉	♀	☿	☾	♄
7	8	9	10	11	12
♃	♂	☉	♀	☿	☾

1	2	3	4	5	6
☿	☾	♄	♃	♂	☉
7	8	9	10	11	12
♀	☿	☾	♄	♃	♂

QUAL FOI O SENTIMENTO DOS SÁBIOS FILÓSOFOS ACERCA DOS TALISMÃS E FIGURAS MISTERIOSAS

Os sábios que se aplicaram a descobrir as origens dos nomes que foram dados às coisas, e, sobretudo, àquelas que encerram qualquer coisa de extraordinário, dizem que a palavra "talismã" é uma palavra hebraica que significa imagem misteriosa. Alguns disseram que esta palavra "talismã" é tirada do grego *τέλεσμα*, que significa grande perfeição. Outros encontram a sua origem em duas palavras latinas, *talis mans*, tanto mais que, quando se é perito na ciência cabalística, se podem fazer talismãs segundo o pensamento, segundo as intenções e como se desejar o que é bem expresso nestas duas palavras latinas. Ora, seja qual for a etimologia desta

palavra, certo é que a origem dos talismãs e o emprego das figuras misteriosas nos vieram dos Egípcios e dos Caldeus, que, sendo muito sábios na especulação dos astros, haviam penetrado todas as virtudes e eficácias das suas influências e haviam constituído, a partir delas, uma ciência prática cujo uso lhes deu grande reputação. E os Hebreus, que foram para o Egito quando José os governava sob o domínio dos Faraós, aprenderam com eles mistérios e aperfeiçoaram-nos pelo convívio que tinham com os Caldeus, que foram os primeiros povos que imaginaram as figuras celestes para atrair as influências dos astros, porque se ocupavam abertamente da observação de seus cursos, da diversidade dos seus aspectos e das suas conjunções para tirarem prognósticos que lhes serviam para regular as vidas e os destinos.

Inventaram um sistema celeste, ordenando os astros sob diversos corpos fantásticos, para fixar os olhos e a imaginação acerca da disposição desses corpos celestes.

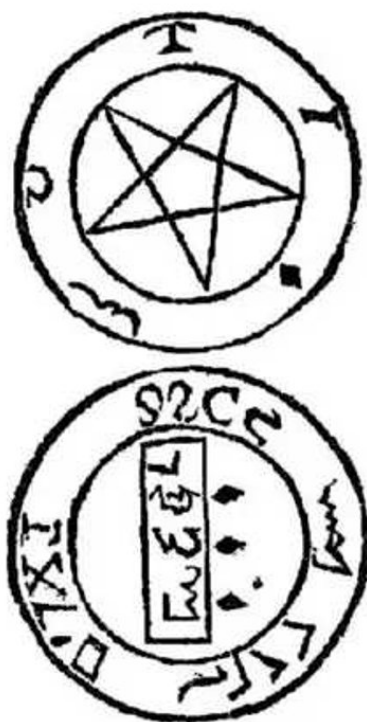
Distribuíram os planetas em vários céus, com uma judieiosa subordinação dos inferiores aos superiores, como se pode ver nesta grande figura que mandei gravar. Fizeram a distinção dos signos que determinaram sob figuras de animais, que tinham a simpatia natural com as influências dos astros. E foi esta a ocasião e a origem da distinção que neles fizeram, sob os nomes do Touro, do Carneiro, do Capricórnio, do Caranguejo, do Leão, do Escorpião, dos Peixes, etc., com os quais marcaram os espaços do céu, que o Sol e a Lua percorrem.

Deu-se, depois, o nome de Zodíaco a todo este espaço assim distinguido, que é uma palavra derivada do grego *Zôon*, que significa animal, por esses animais e essas figuras, tiradas de diversos sujeitos vivos, marcarem os conjuntos de estrelas que compunham esses signos adotados.

Os mais curiosos entre os sábios gregos aplicaram-se a esta ciência misteriosa e tiveram tal êxito que os melhores gênios das outras nações vinham formar-se sob a sua direção, o que é um prenúncio que de há algo de sólido e de provável nas operações desta ciência, tanto mais que a própria natureza parece autorizá-lo por algumas produções maravilhosas que não se podem negar. Refiro-me a essas figuras hieroglíficas que se veem naturalmente gravadas sobre pedras, sobre conchas, sobre animais e que têm relações muito surpreendentes com as figuras que as ornam.

Crollius, que não é um autor a desprezar, observa que a maioria das plantas e pedras metálicas um pouco fora do comum têm, ou na sua cor, ou no seu aspecto, marcas, propriedades e usos aos quais podem ser adequadas, tendo-as o Criador assim disposto para torná-las úteis aos homens, pela simples simpatia que têm com os corpos celestes. Este mesmo autor observa que se os Hebreus não se serviram nos seus talismãs de figuras naturais não foi tanto porque, sendo observadores zelosos da Lei que proibia toda a espécie de imagens, não queriam contrariá-la, mas, sobretudo porque, Moisés havia encontrado nas palavras divinas de *Jehovah,* de *Adonai,* de *Sabaoth,* de *Tetragrammathon,* de *Eloim,* etc., virtudes maravilhosas que substituíam a falta de figuras; e por isso eles compunham os seus talismãs com esses santos nomes e com os oráculos tirados da Lei, e persuadiam-se, pela experiência, que eles tinham a virtude de protegê-los dos males que receavam e de lhes proporcionar as vantagens que desejavam, quando os traziam consigo, gravados sobre os metais que têm conveniência com os astros que exercem as suas influências sobre os corpos sublunares.

Aqueles que quiserem aprofundar esta ciência dos talismãs e figuras misteriosas realizarão grandes progressos se aplicarem à leitura das obras de João, o

Feliz, cônego de Air, no Artois, que foram impressas em Antuérpia, aos cuidados do senhor Chifflet, sob o título de *Disquisitio Antiquaria de gemnis Basilidianis, seu Abraxos Apistophistus.* Encontra-se nele o modelo de um talismã para se ser afortunado no jogo e no negócio. Foi composto pelo célebre Arbatel, que afirma que se deve fazê-lo desta maneira.

Modelo de um talismã de Mercúrio

Arranja-se uma placa redonda de mercúrio fixo e bem polido e escolhe-se, durante toda a estação da Primavera, uma quarta-feira em que se observa a constelação de Mercúrio numa situação favorável, isto é, em conjunção com Júpiter ou Vênus ou em conjunção com o Sol ou a Lua. Imprimir-se-á nela, de um lado, a estrela de Mercúrio, como está aqui representada, e, do outro lado, as palavras hebraicas que se veem também gravadas no desenho. E, depois de se ter perfumado três vezes com o perfume próprio ao dia de Mercúrio, enterra-se num caminho importante, sob uma forca, deixando-o aí durante sete dias, no fim dos quais se retira, guardando-se para uso próprio, depois de ter sido perfumado imediatamente

três vezes com o mesmo perfume. E será conveniente, todas as quartas-feiras, antes do nascer do Sol, tornar a usar o perfume de Mercúrio.

Um autor célebre do nosso tempo disse que não há nenhum talismã que não se relacione ou com a astrologia ou com a medicina ou com a religião ou mesmo com os três. Porque neles se apresentam as figuras, naturalmente, ou em hieróglifos, em relação a constelações diferentes. E estes talismãs têm a virtude de atraír as influências celestes sobre as pessoas e sobre os bens daqueles que os fazem e que deles se servem. Noutros, gravam-se símbolos que se relacionam com as plantas, com os simples e com os minerais e outras coisas que pertencem ao campo da medicina e esses são muito úteis para a cura de doenças e conservação da saúde. Noutros, finalmente, misturam-se os nomes de Deus, dos gênios celestes e palavras do Antigo e do Novo Testamento, contra as tempestades, os naufrágios, os incêndios, as mortes violentas e outros acidentes.

Dei atrás alguns modelos destes talismãs gravados com as suas propriedades e virtudes concernentes aos sete planetas e restam-me ainda outros, de que falarei a seguir, para introduzir um pouco de variedade neste pequeno tesouro de segredos.

MANEIRA DE FAZER A VERDADEIRA ÁGUA CELESTE

Deve ter-se o cuidado de escolher bem as drogas seguintes, de modo que não haja nenhuma estragada ou sofisticada: canela fina, cravinho, noz moscada, gengibre, zedoária, galega, pimenta branca — uma onça de cada; seis sementes de bom limão, dois punhados de uvas de Damasco, outro tanto de jujubeira, um punhado de miolo de engós, quatro punhados de bagas de zimbro que estejam bem maduras, um punhado de sementes de funcho verde, outro tanto de folhas de basilisco, outro tanto de milfurada, outro tanto de flores de rosmaninho, outro tanto de flores de manjerona, de poejo, de pescado, de sabugueiro selvagem, de rosa moscada, de arruda, de escabiosa, de centaúrea, de fumária e de agimônio; duas onças de nardo da Índia, outro tanto de madeira de aloés, outro tanto de grãos de paraíso, outro tanto de *calami aromatici*, outro tanto de bom macis, outro tanto de incenso, outro tanto de sândalo citrino, uma dracma de aloés hepático; âmbar fino, ruibarbo — duas dracmas.

Tendo-se juntado todas estas drogas, pilam-se as que devem ser piladas e pulverizadas, e põem-se tudo bem misturado num grande alambique de vidro forte, de p e meio de altura, e despeja-se boa aguardente sobre as drogas. Depois, tendo-se tapado bem o alambique para que não haja evaporação, é preciso pô-lo a descansar em esterco de cavalo bem quente, durante quinze dias, e, em seguida, põe-se a destilar em banho-maria sempre em ebulição, depois de ter sido munido do seu capacete e do seu recipiente — um e outro bem vedados e selados. Prestar-se-á atenção à destilação, de modo que assim que se vir que o que cai no recipiente muda de cor, deve-se também mudar de recipiente e repor a primeira água que se destilou no alambique, para a purificar da sua fleuma por uma segunda destilação e esta segunda será a verdadeira água celeste. Note-se que quando se vir esta segunda água mudar
ainda de cor, atirando para o ruivo, deve-se pô-la de reserva, bem fechada num bocal de vidro forte. Depois dilui-se uma meia libra de boa teriaga, com outro tanto de fina terebintina de Veneza e óleo de amêndoas doces e misture-se tudo isso com o que restou no alambique e leve-se rapidamente a destilar num fogo forte, para se fazer o verdadeiro óleo de bálsamo, que deve ser claro como mel.

PROPRIEDADES QUASE MIRACULOSAS DA ÁGUA CELESTE

Se esfregar de manhã com esta água a fronte, as pálpebras, a nuca e o pescoço, isso torna a pessoa rápida e hábil em bem aprender, fortifica a memória, agudiza os espíritos e conforta maravilhosamente a vista. Posta, com um pedaço de algodão, nas narinas, é um maravilhoso cefálico para purificar o cérebro de todas as coisas supérfluas, humores frios e catarros. Se beber uma colherada de três em três dias, ela mantém a pessoa vigorosa, em boa forma, de tal modo que a beleza se conserva até à decripitude. É soberana para a falta de fôlego, torna o hálito agradável, suavizando os órgãos do pulmão e curando-o quando está doente. Dada, de tempos a tempos, a um leproso, ela repara tão bem o seu fígado, que o põe em vias de rápida cura. É de tal forma indicada contra os venenos e peçonhas que, se lançarem apenas seis gotas sobre um sapo ou qualquer outro inseto venenoso, este morre repentinamente. Não há nenhum fortificador que iguale a virtude substancial desta água divina. Porque

não só se consegue não beber nem comer quando, de manhã, se tomar uma colher dela como também, posta na boca de um agonizante, se ele a conseguir engolir, restitui-lhe o vigor e o uso da palavra e da razão, se os tiver perdido. Serve para soltar a pedra e as areias, dissipa a retenção da urina e o ardor excessivo do pênis. Alivia visivelmente os tísicos, asmáticos e hidrópicos. Mesmo quem sofre de gota pode usá-la por fomentações. Protege da peste e de todas as febres malignas, quaisquer que sejam; numa palavra, pode-se chamar a esta água celeste uma medicina universal.

PROPRIEDADES DO ÓLEO DE BÁLSAMO QUE É EXTRAÍDO DO RESÍDUO DA ÁGUA CELESTE

Se puserem nos ouvidos de um surdo apenas três gotas deste óleo, de tempos a tempos, fechando as orelhas com um bocado de algodão que esteja embebido no mesmo óleo, a surdez desaparecerá. Ele cura toda a espécie de sarna e de tinha, por inveteradas que sejam, assim como todas as pústulas, chagas, cicatrizes, úlceras antigas ou recentes. E mesmo todas as espécies de mordeduras venenosas de serpentes, escorpiões, etc., ou qualquer palpitação de coração e dos outros membros, por fomentações e emplastros. Crollius estima-o tanto que lhe chama óleo mie de bálsamo por excelência, testemunhando assim que ele é mais excelente do que o próprio bálsamo.

BÁLSAMO EXCELENTE PARA PROTEÇÃO CONTRA A PESTE

Esta receita que vou dar contra a peste e toda a doença contagiosa é um presente do rei de Espanha à sua filha, rainha de França, que recebi do seu primeiro médico e não há ninguém que a não possa fazer, devido à sua grande facilidade.

Raspam-se bem doze raízes de escorcioneira negra, que se põem a cozer em três pintas de vinho branco, de modo que o pote utilizado esteja bem coberto, para que se não dê uma muito grande evaporarão dos espíritos. Depois de bem cozidas, coam-se num pano, espremendo-se um pouco. Acrescenta-se a este licor o sumo de doze limões, gengibre, cravinho, cárdamo, madeira de aloés — meia onça de cada — tudo bem triturado, acrescenta-se depois cerca de uma onça de cada uma das seguintes ervas: folhas de arruda, de sabugueiro, de silva e de salva. Deixa-se cozer tudo junto em fogo lento, até redução a um quarto, e depois se côa rapidamente num tecido dobrado ou num jacto de água e guarda-se num bocal de vidro bem fechado, bebe-se em jejum, todas as manhãs, durante nove dias, o terço de um quarto de litro. E, por este meio, estar-se-á prevenido contra o mau ar, ainda que se conviva com pessoas que tenham peste. Quem estiver atingido pelo mal contagioso acrescenta a esta beberagem o suco de uma raiz de buglossa e de escabiosa, que se deve diluir em boa teriaga e assim se ficará purgado de um veneno mortífero. E quem tiver tumores em evidência deve pilar folhas de silva, de sabugueiro, com grão de mostarda, e fazer com estas drogas uma espécie de cataplasma sobre o tumor e, com a ajuda de Deus, ficarão curados.

PARA FAZER CAIR OS DENTES PODRES SEM DOR

Põem-se em infusão em vinagre forte pequenas raízes de amoreira negra. Depois de bem trituradas, acrescenta-se a grossura de uma pequena fava de vitríolo romano e expõe-se ao sol de Verão, durante quinze dias, num bocal de vidro forte. Depois se retiram e põe-se a secar num vaso de barro envernizado que contenha um lagarto verde, num forno mediocremente quente, com o pote bem coberto, e faz-se com elas um pó que se põe no dente estragado e este desenraizar-se-á e cairá em pouco tempo.

PARA CURAR ARCABUZADAS E OUTRAS CHAGAS, TANTO ANTIGAS COMO RECENTES, SEM UNGUENTOS NEM LIGADURAS

Faz-se uma decocção com o que vou indicar a seguir; arranje-se aristóloquia redonda, o peso de dois escudos de sementes de loureiro, outro tanto de caranguejos de água doce, secos no forno e que tenham sido apanhados durante a Lua cheia, a erva chamada abrunho bravo, ou bugulano, no peso de quatro escudos. E preciso que esta erva seja colhida com as suas flores e que seque a sombra entre dois panos. Reduzem-se a pó todas estas drogas e, depois de bem misturadas, guardam-se num saquinho de pano que esteja cozido ou ligado com um fio; arranja-se depois um vaso de barro novo envernizado, no qual se coloca o saquinho com uma vintena de raminhos de pervinca e três meios litros do melhor vinho branco que for possível arranjar. Depois de se ter tapado o vaso com três ou quatro folhas de papel, de modo que o vapor não possa sair, põe-se num lume de carvão e deixa-se cozer, até que se ache que a decocção está reduzida a um terço. Tira-se então do fogo e, depois de arrefecida, côa-se num pano fino dobrado e guarda-se num bocal de vidro forte, para ser usada conforme a necessidade. Tenha-se cuidado em fechar bem o frasco, de modo que não possa formar-se vento.

Eis a maneira de utilizá-la para a cura de chagas: arranja-se uma pequena seringa de prata, que deve estar sempre pura e nítida, que se utilizará para as chagas profundas, as quais devem ser pensadas três vezes por dia, desta maneira: se limpa docemente a chaga com um pequeno pano branco lavado, embebido na decocção, depois seringa-se três ou quatro vezes a decoc4o na chaga, que se cobre com um paninho fino que esteja embebido nela e cobre-se com um pedaço de folha de couve vermelha e põe-se também sobre esta folha um tecido molhado com a decocção em forma de compressa, ligue-se ligeiramente a chaga e a cura virá em pouco tempo. Tenha-se o cuidado de limpá-la bem à medida que for fechando, para não se deixar o lobo dentro do curral.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Fui testemunha, com espanto, da maneira pronta como um soldado polaco curou, sem qualquer medicamento, um dos seus camaradas, ferido no corpo com dois golpes de espada que eram mortais. Começou por lavar bem a boca e os dentes com aguardente, depois com água-de-rosas, para ter um hálito suave e sem mau odor, depois, aproximando-se do doente, descobriu a sua ferida, que estava toda ensanguentada, e, depois de limpá-la bem, lavando-a com água de tanchagem, estancou todo o sangue, espremendo-a docemente e limpando-a com um pano embebido em água de tanchagem. Depois, aproximando a boca da ferida, de modo que o seu hálito se podia refletir sobre ela, pronunciou as palavras seguintes, fazendo o sinal da cruz sobre a ferida, como se marca a seguir: "Jesus Cristo nasceu ✠ Jesus Cristo morreu ✠ Jesus Cristo ressuscitou ✠ Jesus Cristo ordena à ferida que estanque o sangue ✠ Jesus Cristo ordena à ferida que se feche Jesus Cristo ordena à ferida que não produza nem dejeção nem mau cheiro ✠ como fizeram as cinco Feridas que recebeu no seu santo Corpo ✠..." Depois, continuou a dizer: "Espada, ordeno-te, em nome e pelo poder d'Aquele a quem todas as criaturas obedecem, que não faças mais mal a esta criatura do que a Lança que trespassou o peito de Jesus Cristo pendurado na árvore da cruz. Em nome do Pai ✠ e do Filho ✠ e do Espírito Santo ✠ Amém."

Se a chaga vai de um lado ao outro, deve fazer-se a mesma cerimônia do outro lado, e cobre-se com uma compressa embebida em água de tanchagem, que se renova de doze em doze horas, e o doente conhece uma pronta cura.

OUTRA RECEITA MARAVILHOSA PARA A ENTORSE DO PÉ

Deve empreender-se esta cura o mais cedo que se possa, não dando tempo à inflamação, e a entorse curar-se-á subitamente. Quem faz a operação deve descalçar o seu pé esquerdo e tocar com ele três vezes o pé doente, fazendo sinal da Cruz com esse mesmo pé esquerdo, pronunciando as palavras seguintes: à primeira vez dirá: "*Antè* ✠"; à segunda: "*Antè te* ✠"; à terceira: "*Super antè te* ✠". O pé doente deve ser tocado por cima da entorse, e a receita serve tanto para curar os cavalos como para

curar os homens. Aqueles que se apressarem a considerar superstição estas maneiras de curar devem saber que pessoas mais hábeis que eles aprovaram segredos de medicina que têm outro tanto de maravilhoso e cujas causas são igualmente desconhecidas. Quem, por exemplo, poderá explicar, por razões claramente físicas, o que li num livro de segredos, impresso em Paris, com aprovação e privilégio, que um remédio infalível para curar a insônia ou o excessivo torpor é arranjar um grande sapo e, de um só golpe, separar a cabeça do corpo, depois fazer secar essa cabeça e como acontece sempre que, dos dois olhos dessa cabeça, depois de ter sido separada, um está fechado e outro aberto, a pessoa que quer dormir deve trazer consigo o olho fechado e a pessoa que se sente sonolenta deve trazer consigo o olho do sapo que esteja aberto. Ou então, que maravilhosa propriedade terá o pó do crânio humano, para curar prontamente as mais antigas úlceras, o que parece até contrário à boa razão e aos princípios da medicina, que dizem que os contrários se devem curar com os contrários. Contudo, este autor, aprovado e privilegiado, pretende que o pó do crânio, que não é senão corrupção, cure outra corrupção e, sobre palavra deste autor, um presidente de Paris, isto é, um homem de espírito e bom discernimento, experimentou estes segredos com bom resultado, sem receio de passar por supersticioso.

Este mesmo autor, aprovado e privilegiado, diz que para desfazer o feitiço contra o casamento é preciso que a pessoa use, num saquinho pendurado ao pescoço, três espécies de ervas: alquermes, artemísia e visco de carvalho — alquermes colhido a vinte e três de Setembro, artemísia e visco de carvalho colhidos a vinte e quatro de Junho, antes do nascer do Sol...

Idem para curar a doença dos olhos: é preciso queimar em carvões ardentes a pele de uma serpente e receber o fumo nos olhos. O que se aproxima da cura maravilhosa do cego no Evangelho, a quem o Salvador pôs lama sobre os olhos, para fazê-lo recuperar a vista... Idem para o grão ou semente de urtiga, que, posta na panela, impede a fervura e a carne de cozer, seja qual for o fogo a que seja exposta. Idem para proteção contra os maus encontros durante as viagens, sendo preciso, segundo este autor, pôr a língua de uma cobra no estojo da espada. Idem para impedir um arcabuz de atirar direito, devendo-se esfregá-lo com suco de cebola nas extremidades. Há neste livro, aprovado, um grande número de outros segredos que de modo algum são autorizados pela razão e, contudo, os sábios não os consideram superstições, atribuindo-os a causas ocultas e desconhecidas. Como o que diz Plínio,

que, para impedir os escorpiões de entrarem numa casa, particularmente nos países e climas onde estes insetos existem em quantidade, deve-se ter o cuidado de suspender por cima da porta um saquinho onde haja avelãs. Este naturalista raciocina sobre a antipatia que existe entre estas serpentes e a aveleira, de que a avelã é o fruto. O rábano silvestre tem também uma grande antipatia com os escorpiões, de tal forma que, ao pô-los por cima de tal erva, eles morrem.

O mesmo Plínio conta que para impedir que as vinhas sejam prejudicadas pelas geadas ou invernias, é preciso que dois jovens arranjem um galo e, postando-se próximo das vinhas, segurem o galo, cada um por uma perna e uma asa, e puxem com toda a força um contra o outro: ele ficará em pedaços. Depois devem os jovens, dar uma volta às vinhas, voltando as costas um ao outro, e aspergindo-as, de espaço a espaço, com o sangue do galo, e no lugar onde se encontrarem, ao completarem a volta, enterrarão os pedaços do galo e tal vale contra as geadas, as tempestades e impede também os animais de irem à vinha. Outros pretendem que, ao queimar-se ou assar-se o fígado do camaleão, num fogo de carvão, num campo ou vinha, esse perfume conjura e dissipa geadas e tempestades.

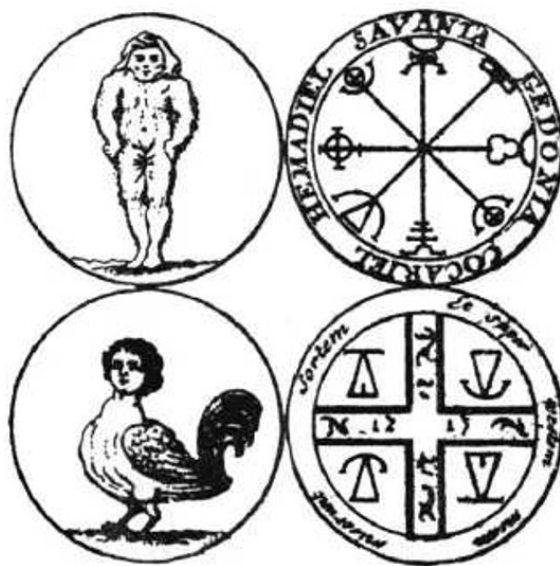
Muitas vezes boa gente dos campos me disse que frequentemente conjuravam e afastavam a geada e a tempestade apresentando um espelho contra a nuvem. O mesmo se consegue ligando, umas às outras, diversas chaves de várias casas com uma pequena corda, e dispondo essas chaves sobre a terra em forma de círculo. Idem, se puser uma tartaruga de pernas para o ar, de modo que não possa nem levantar-se nem andar; seguro é que, enquanto estiver nessa postura, a geada e a tempestade não cairão sobre o campo ou a vinha. São provas que os camponeses fazem diariamente, que aprenderam dos seus antepassados por tradição de pai para filho.

DAS MANDRÁGORAS

Ainda que a maioria dos camponeses viva na ignorância e numa espécie de grosseira estupidez, eles possuem, no entanto, certos conhecimentos e práticas que causam admiração pelos efeitos que se produzem. Recordo-me de me ter hospedado em casa de um rico camponês, que havia sido outrora muito pobre e tão miserável

que era obrigado a trabalhar à jorna para os outros. E como o tinha conhecido nos tempos da sua miséria, aproveitei para lhe perguntar o que tinha ele feito para se tornar rico em tão pouco tempo. Disse-me que tendo impedido que uma cigana fosse batida e maltratada por ter roubado alguns frangos, ela lhe ensinara o segredo para fazer uma mandrágora e que, desde então, prosperara cada vez mais e não havia dia em que não encontrasse alguma coisa.

E eis como a cigana lhe ensinou a fazer a mandrágora. É preciso arranjar-se uma raiz de briônia que se aproxime da figura humana. Tirar-se-á da terra numa segunda-feira de Primavera, quando a Lua estiver numa constelação favorável, em conjunção com Júpiter ou em relação amável com Vênus. Cortam-se as extremidades dessa raiz, como fazem os jardineiros, quando querem transplantar uma planta. Depois deve-se enterrá-la num cemitério, no meio da cova de um homem morto e regá-la antes do nascer do Sol, durante um mês, com soro de leite de vaca, no qual tenham sido afogados três morcegos. Ao fim desse tempo retira-se a raiz da terra e vê-se que se parece mais com a figura humana. Põe-se a secar num forno aquecido com verbena e guarda-se envolvida num pedaço de lençol que tivesse servido para envolver um morto. Enquanto se estiver na posse desta misteriosa raiz, é-se feliz, quer a encontrar algo no caminho, quer a ganhar ao jogo, quer traficando, de tal modo que todos os dias os bens crescem... eis de que maneira o camponês me contou muito ingenuamente como se tornara rico.

Há mandrágoras de outra espécie, e que se julga serem duendes, demônios ou espíritos familiares e que servem para diversos usos. Alguns são visíveis sob a forma de animais e outros invisíveis: encontrei-me num castelo onde havia um, que, desde há seis anos, se havia encarregado de governar um relógio e de almofadar os cavalos. Ele desembaraçava-se destas duas coisas com toda a perfeição que se poderia desejar. E tive a curiosidade de uma manhã assistir a essas habilidades. O meu espanto foi grande ao ver correr a almofada sobre a garupa do cavalo sem ser conduzida por nenhuma mão visível. O palafreneiro disse-me que havia conseguido atrair aquele duende arranjando uma pequena galinha preta, que havia sangrado no cruzamento de um grande caminho e que, com o sangue da galinha, tinha escrito sobre um pedaço de papel:

"Berit fará o meu trabalho durante vinte anos e eu recompensá-lo-ei." E que, tendo enterrado a galinha a um pé de profundidade, no mesmo dia o duende havia tomado a cargo o relógio e os cavalos e que, de tempos a tempos, fazia achados que lhe valiam qualquer coisa. É uma teimosia de diversas pessoas julgarem que o que se chama mandrágora lhes paga certo tributo todos os dias, como um escudo, uma pistola, [3] mais ou menos. Nunca ouvi dizer isso senão a pessoa de pouco discernimento e todos os que delas me falaram com um pouco mais de verossimilhança apenas me disseram que quando se atraem estas espécies de mandrágora se é feliz no jogo, encontra-se nos caminhos dinheiro ou joias e que por vezes, durante o sono, se é inspirado para ir a locais onde se encontra alguma coisa. Acabarei este assunto com a narrativa de uma mandrágora que vi em Metz, entre as mãos de um rico judeu. Era um pequeno monstro, mais ou menos semelhante à figura que aqui apresento gravada. Não era maior do que um punho. Este pequeno monstro apenas vivera cinco semanas e, em tão pouco tempo, havia feito a fortuna desse judeu, que me confessou que, no sétimo dia em que a teve consigo, havia sido inspirado durante a noite, ao dormir, para ir a um velho casebre, onde encontrou uma quantia muito considerável de dinheiro em moeda e muitas joias de ourivesaria escondidas na terra e que, depois, havia sempre prosperado nos seus negócios. Espantou-me muito saber como havia conseguido aquela mandrágora. "Segui, disse-

[3] Pistola, moeda antiga de ouro valendo cerca de 11 francos.

me ele, o que o célebre Avicena escreveu sobre o assunto: que é preciso arranjar uma grande ovo de galinha preta, trespassá-lo, fazer sair um pouco de clara, cerca da grossura de uma fava e, depois de enchê-lo com semente humana, tampar o buraco muito subtilmente, colando-lhe um pedacinho de pergaminho umedecido. Põe-se depois a chocar no primeiro dia da Lua de março numa constelação favorável de Mercúrio e Júpiter e, no fim do tempo conveniente, sai dele um pequeno monstro como o que se vê. Alimenta-se esse monstro, num quarto secreto, com grão de alfazema e vermes da terra. Aquele que vê só viveu um mês e cinco dias. E, para o conservar depois de morto, põe-se num bocal de vidro forte, com bom álcool de vinho e bem tampado."

EXPLICAÇÃO DE DOIS TALISMÃS

Os dois talismãs que se veem gravados por debaixo da mandrágora foram tirados da *Clavícula de Salomão:* veem-se, em original, no gabinete do duque da Lituânia. Foram realizados pelo sábio Rabino Isaac Radiel, os dois sob os auspícios do planeta Mercúrio, como é fácil concluir pelos caracteres que estão marcados no segundo. A sua propriedade estende-se ao negócio, às viagens e ao jogo. A sua matéria é a que convém a Mercúrio. Quem quiser instruir-se a fundo sobre esta ciência cabalística dos talismãs pode ler, com aplicação, as obras de Paracelso, de Cardan, de Jamblique, de Jean Baptiste Porta, de Cambanelle, [4] de Caffarel, Van Helmont, Junctin, Trithéme, Agrippa, Coclenius, [5] Moncejus e Fludd. Todos estes autores tratam estas matérias por princípios astrológicos, cabalísticos e naturais, de modo muito sublime.

[4] Campinelle.

[5] Goclenius.

DO PÓ DE SIMPATIA PARA A CURA DAS CHAGAS

Toda a gente que tratou deste maravilhoso segredo até ao presente se esforçou, através de grandes raciocínios físicos, por provar a sua realidade, pois é difícil falar claramente de uma coisa que é em si mesma extremamente obscura e escondida. Não é espanto nenhum que esses senhores físicos não tenham convertido muitos incrédulos, nem convencido os sábios com os seus raciocínios. O cavaleiro Digby é considerado um dos que falou mais notoriamente sobre o assunto e, contudo, ele não se tornou inteligível para todas as espécies de pessoas, porque supõe aqueles princípios de que se pensa ter o direito de lhe perguntar as razões, mas também o segredo que se estabelece sobre esses supostos princípios.

É preciso arranjar-se bom vitríolo romano, que se calcina, ou melhor, se purifica das suas umidades supérfluas, expondo-o, durante três ou quatro dias, a um sol forte, fechado num frasquinho de vidro bem vedado. Deve-se diluir este vitríolo numa pequena bacia de água de chuva e, se é durante o Verão que se quer obter a cura, não se aproximará de modo algum esta água do fogo, porque é necessário que ela não esteja nem fria, nem quente, mas numa justa temperatura, entre o frio e o quente. Pôr-se-á depois a temperar nesta composição vitriólica um pano embebido cm sangue saído da chaga que se quer curar e que se retirará depois de estar bem molhado.

Se o doente está afastado do lugar em que se realiza a operação, de modo que, depois deste primeiro pano embebido no seu sangue, não se possa facilmente arranjar outro, bastará temperar o mesmo pano, de doze em doze horas, na água vitriolada e manter esse tecido num lugar temperado. O que nisto é admirável é que todas as vezes que se temperar o pano, o doente sentirá na chaga um alívio semelhante ao proporcionado por um hábil cirurgião quando pensa de novo urna chaga, e o doente ficará curado muito pouco tempo depois, pela inestimável virtude do vitríolo, de que teremos ocasião de falar noutro local.

PARA FAZER OURO ARTIFICIALMENTE

Não é somente escavando e procurando nas entranhas da terra que se encontra ouro. A arte pode bem imitar a natureza neste ponto, visto que muito a aperfeiçoa em bastantes outras coisas. Portanto, descreverei aqui o que foi experimentado uma infinidade de vezes e que se tornou muito vulgar nos meios em que se trabalha na pedra filosofal. Arranja-se uma grande proveta, que seja à prova do mais violento fogo, e, pondo-a sobre uma fornalha bem quente, coloca-se no fundo da dita proveta pó de colofônia na espessura de um dedo mínimo, salpicando esta colofônia com pó fino de limalha de ferro na espessura de um dedo. Cobre-se esta limalha com um pouco de enxofre vermelho, aumenta-se o fogo da fornalha até fazer fundir a limalha de ferro, acrescentando-se depois bórax usado pelos ourives para fundir o ouro. Acrescenta-se semelhante quantidade de arsênico vermelho e tanto de prata quanto se havia posto de limalha de ferro, deixa-se cozer esta composição, aumentando o fogo na fornalha, tendo-se o cuidado de não respirar o vapor da proveta por causa do arsênico. Arranja-se outra proveta, na qual se despeja por inclinação a matéria recozida, que anteriormente deverá ter sido bem misturada com uma espátula de ferro, e far-se-á de modo que escorra para esta segunda proveta purificada e sem resíduo. E, através da água de separação, o ouro precipitar-se-á para o fundo. Depois de recolhido, põe-se a fundir numa proveta e obter-se-á belo ouro, que aliviará, quem o tiver, de sofrimentos e despesas. Retirei este segredo do livro que tem por título *O Gabinete Hermético*, e a facilidade do êxito convidou-me a realizar diversas vezes a experiência, com tanto maior boa vontade quanto a achei conforme, na sua execução, ao que diz o muito conceituado sábio Basílio Valentino: que a prova da pedra filosofal se pode fazer em menos de três ou quatro dias, que a despesa não deve ultrapassar a soma de três ou quatro florins e que três ou quatro vasos de barro podem bastar.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

Eis outra maneira que nos deixou Caravana, espanhol das colônias da América. Arranja-se enxofre vivo, sal nitro, salitre... A mesma quantidade de cada um, isto é,

cerca de quatro onças. Pulveriza-se tudo bem e põe-se numa grande retorta de vidro forte, bem fechada e guarnecida de terra gordurosa. Deixa-se junto de um lume lento durante duas horas. Aumenta-se depois o fogo até que não se produza fumo algum. Depois do fumo, sairá uma chama do colo da retorta, ao longo das suas paredes, e, uma vez apagada essa chama, ver-se-á o enxofre precipitado no fundo, de cor esbranquiçada e fixa. Retira-se e junta-se-lhe outro tanto de sal amoníaco, pila-se e pulveriza-se, tudo junto, muito cuidadosamente e põe-se a sublimar, começando com um fogo lento, que se fará depois aumentar, pouco a pouco, até se cumprirem quatro horas. Retira-se então do vaso tudo o que estiver sublimado e também o resíduo que se encontrar no fundo. Incorpora-se tudo e sublima-se imediatamente, continuando esta maneira de sublimação até seis vezes e depois recolhe-se o enxofre que se encontrar no fundo do vaso, que se pila sobre um mármore, num local úmido, e então ele converte-se em óleo, do qual se colocam seis gotas sobre um ducado de ouro, funde-se numa proveta e obtém-se um óleo que, posto sobre o mármore, congelará. Pondo-se uma parte deste óleo para cinquenta de mercúrio, preparado e purgado, obter-se-á um excelente Sol.

SOBRE O MESMO ASSUNTO, EXPERIMENTADO NA INGLATERRA POR RAIMUNDO LULLE, NA PRESENÇA DOS PRINCIPAIS DA CORTE

Como é sabido, os verdadeiros operadores da grande arte filosófica afirmam unanimemente que a Lua, isto é, a prata, é por si e na sua substância o verdadeiro Sol, isto é, o ouro, e que só lhe falta uma perfeita cozedura. Para se obter esta perfeita cozedura proceder-se-á da seguinte maneira, apenas para realizar a prova. Prepara-se uma quantidade de cinzas compostas de madeira de sarmento, de ossos de cavalo ou de boi bem queimados e calcinados, até que fiquem bem brancos. Pulveriza-se esta cinza, que se põe num vaso de barro envernizado, que se enche de água de forja, e acrescenta-se cal viva numa quantidade semelhante à das cinzas. Deixa-se ferver tudo junto, até a água ficar reduzida a metade e, então, acrescentam-se quatro onças de boa prata fina, que se terá batido em pequenas lâminas, mais ou menos da espessura de um soldo. Fazem-se doze lâminas da prata, que se lançam novas o com

a cinza em decocção, e deixa-se continuar a ferver, até redução a metade da metade de água que restava. Retiram-se depois as doze lâminas de prata, que se limpam com um pano branco, e deixa-se repousar a composição que está no vaso e formar-se-á à superfície uma espécie de sal, em forma de cristal, que se deve recolher com uma espátula de estanho e lança-se um pouco de outra água de forja no vaso e põe-se imediatamente a ferver, deixa-se depois arrefecer para retirar de novo o sal que se formará à superfície e continuam-se estas ebulições até que a composição não dê mais sal. Acrescenta-se a este sal filosofal quatro vezes mais de outro sal que se chama sal vegetal, que é composto de enxofre, de salitre e de tártaro, da maneira que os bons artistas sabem fazer (encontra-se em todas as boas boticas). Além disso, arranja-se uma quantidade quatro vezes maior de bom cimento de telhas das mais vermelhas que for possível encontrar. Reduzem-se a pó fino e batem-se tantas laminazinhas de ouro de ducados quantas as lâminas que se haviam preparado de prata, umas e outras do mesmo peso. Arranja-se a melhor proveta possível e, no fundo, dispõem-se os pós que se prepararam com os sais, o cimento de argila vermelho, com um pouco de bórax de que se servem os ourives. Sobre esta primeira camada dispõe-se uma lâmina de ouro, que se cobre com uma segunda camada de sais e cimento. Coloca-se depois uma segunda lâmina de ouro e continua-se assim até a décima segunda, que será coberta como as outras. Põe-se depois a proveta, coberta e vedada com terra gordurosa, num lume forte tanto quanto se presumir necessário para fundir o ouro e precipitá-lo no fundo. Terminado isto, arranja-se outro recipiente em forma de retorta, onde exista uma abertura que se possa abrir e fechar se quiser, enquanto estiver ao fogo. Coloca-se o ouro nesse recipiente, com um pouco de bórax para refundi-lo. E quando se tiver razão para pensar que o ouro está fundido, lança-se pela abertura do recipiente uma das lâminas de prata preparada, para que o ouro a devore e se alimente. Continua-se, de doze em doze horas, a lançar uma lâmina de prata no recipiente, até a última, tendo muito cuidado em alimentar o fogo mantendo-o no mesmo equilíbrio, de modo que a matéria possa continuar a ser fundida. Quando as doze lâminas de prata tiverem sido devoradas, pode-se deixar apagar o lume e arrefecer o recipiente, no qual se encontrará quase o dobro do ouro que nele se havia posto e este será um muito bom processo para aumentar o ouro. Seguindo exatamente o método que acabo de dar, pode-se multiplicá-lo até um milhão de partes.

OUTRA RECEITA SOBRE O MESMO ASSUNTO

Se o grande nome de Aristeu não se tivesse tornado célebre entre os artistas da pedra filosofal, ter-se-ia dificuldade em acreditar no que ele diz num escrito que dirige ao seu filho, para sua instrução na empresa da grande obra filosofal. Descobre-se, através das obscuridades deste escrito, que Aristeu pensou que a pedra misteriosa dos filósofos devia fazer-se com o ar condensado e tornado palpável artisticamente. Eis, então, de que maneira ele instrui o seu filho sobre este importante assunto: [6]

"Meu filho, depois de te ter dado conhecimento de todas as coisas e te ter ensinado a maneira como devias viver e de que maneira devias regular a tua conduta pelas máximas de uma excelente filosofia; depois de te ter instruído também sobre tudo o que diz respeito à ordem e natureza da monarquia do universo, não me resta nada mais a comunicar-te senão as chaves da Natureza, que até agora conservei com um muito grande cuidado. Entre todas essas chaves, aquela que mantém o lugar santo fechado aos mais sublimes sábios deve ocupar o primeiro lugar: é ela a fonte geral de todas as coisas e não se duvida que Deus lhe tenha particularmente atribuído uma propriedade completamente divina.

"Quando se está na posse desta chave, as riquezas tornam-se miseráveis, porque não há nenhum tesouro que se lhe possa comparar. Efetivamente, para que servem as riquezas, quando se é sujeito à aflição das enfermidades humanas? Para quê todos os tesouros, quando se sofrem os terrores da morte? Não há nenhuma riqueza que não seja preciso abandonar quando a morte se apodera de nós. O mesmo não acontece desde que possuo esta chave, porque então vejo a morte longe de mim e tenho a certeza de possuir em meu poder um segredo que me afasta todas as preocupações das misérias desta vida. Comando as riquezas e não me faltam tesouros. A fraqueza foge diante de mim e retardo a aproximação da morte desde que possuo a chave dourada da grande obra.

"É desta chave, meu filho, que quero fazer-te meu herdeiro. Mas conjuro-te, em nome de Deus e do lugar santo em que habito, a mantê-la fechada no gabinete do teu coração e sob o selo do silêncio. Se souberes servir-te dela, ela encher-te-á de bens e quando fores velho ou doente, ela rejuvenescer-te-á, aliviar-te-á e curar-te-á. Porque ela tem a virtude particular de curar todas as doenças, de ilustrar os metais e de

[6] Começo do tratado de Aristeu, na edição de 1686.

tornar felizes aqueles que a possuem. É uma chave que os nossos antepassados muito nos recomendaram, sob o selo do juramento. Aprende pois a conhecê-la e não cesses de fazer bem aos pobres, à viúva e ao órfão e que esse seja o selo e o verdadeiro sinal.

"Sabe, pois, que todos os seres que existem sob o Céu, divididos em espécies diferentes, tiram a sua origem do mesmo princípio e que é ao ar que todos devem o seu nascimento, como seu princípio comum. A alimentação de cada coisa deixa ver qual é o seu princípio: pois que o que mantém a vida é o mesmo que dá o ser. O peixe goza da água e a criança suga a sua mãe. A árvore não produz fruto algum quando o seu tronco deixa de ter umidade. Conhece-se pela vida o princípio das coisas, a vida das coisas é o ar e, por consequência, o ar é o seu princípio. É por isso que o ar corrompe todas as coisas e que, como lhes dá a vida, lhes retira também. A madeira, o ferro, as pedras, atingem o fim pelo fogo e o fogo só pelo ar pode subsistir. Mas se tal é a causa da corrupção, é-a também da geração.

"Quando, por diversas corrupções, acontece que enfim as criaturas sofram, quer pelo tempo quer por falta de sorte, o ar vindo em seu socorro cura-as, sejam elas imperfeitas ou envelhecidas. A terra, a árvore e a erva enfraquecem pelo ardor da secura excessiva, mas todas as coisas se reparam pelo orvalho do ar. Como, todavia, nenhuma criatura pode ser reparada e restabelecida senão na sua própria natureza, sendo o ar a fonte e a origem de todas as coisas, é semelhantemente a origem universal. Vê-se manifestamente que a semente, a morte, a doença e o remédio de todas as coisas se encontram no ar.

"A Natureza pôs nele todos os seus tesouros, concedendo-lhe os princípios da geração e da corrupção de todas as coisas e mantendo-os nele fechados, como sob portas particulares e secretas. Mas é verdadeiramente possuir a chave dourada dessas portas sabê-las abrir para utilizar esse ar. É impossível adquirir o que cura genericamente todas as doenças e que restitui ou conserva a vida aos homens.

"Se tu desejas, portanto, ó meu filho, expulsar todas as enfermidades, é preciso que procures o meio na fonte primitiva e universal. A natureza não produz semelhante senão pelo semelhante, ou conforme a natureza, senão pelo que pode fazer bem à natureza. Aprende, pois, meu filho, a conservar o ar, aprende a conservar a chave da natureza.

"É um grande segredo compreender a virtude que a natureza imprimiu às coisas. Porque as naturezas prendem-se por naturezas semelhantes. Um peixe

prende-se com um peixe, um pássaro com um pássaro e o ar prende-se com outro ar, como uma doce atração. A neve e o gelo são um ar que o frio congelou; a natureza deu-lhes a disposição necessária para conservar o ar. Porás, pois, uma destas duas coisas num vaso de barro ou de metal que seja fechado e bem vedado e recolherás o ar que se congela à volta desse vaso durante um tempo quente, o que destila num vaso profundo e bem estreito pelo colo espesso, forte e límpido, para que possas fazer como te agradar, ou os raios do Sol ou da Lua, quer dizer o ouro e a prata. Quando tiveres o vaso cheio, tapa-o bem, para que esse celeste brilho que nele se concentrou não voe para o ar. Enche com este licor os vasos que quiseres. Escuta em seguida o que deves fazer dele e guarda o silêncio.

"Constrói um pequeno forno e coloca nele um pequeno vaso, meio cheio do ar líquido que tiveres recolhido, e sela e veda o dito vaso cuidadosamente. Acende depois o fogo, de modo que a parte mais leve do seu fumo suba muitas vezes para o alto, que a natureza produza o que continuamente produz o fogo central no meio da terra, onde agita os vapores do ar por uma circulação que jamais cessa. É necessário que esse fogo seja ligeiro, suave e úmido, semelhante ao de um pássaro que choca os seus ovos. Deves continuar o fogo desta maneira e mantê-lo nesse estado, para que ele não queime, mas antes coza os seus frutos aéreos, até que depois de ter sido agitado por um movimento, durante longo tempo, fique inteiramente cozido no fundo do vaso.

"Acrescentarás em seguida a esse ar cozido um novo ar, não em grande quantidade, mas o necessário, isto é, um pouco menos que da primeira vez. Continua assim até que apenas reste um meio bocal de ar líquido que não tenha sido cozido. Procede de maneira a que o que foi cozido se liquefaça suavemente por fermentação em estrume quente, que escureça, que endureça, que se unifique, que se fixe e que se avermelhe. Em seguida, tendo separado a parte pura da impura, através do fogo legítimo e por um artifício plenamente divino, tomarás uma parte do ar cozido, que misturarás com a parte pura que foi endurecida. Terás o cuidado de tudo dissolver e unir, de modo a tornar-se mediocremente escuro, depois branco e, enfim, perfeitamente vermelho. É este o fim da obra e terás produzido esse elixir que produz todas as maravilhas que os nossos sábios antepassados tiveram razão em estimar tanto e, por este meio, possuirás a chave dourada do mais inestimável segredo da natureza, o verdadeiro ouro potável e a medicina universal[7]. Deixo-te uma pequena amostra,

[7] Fim do tratado de Aristeu, na edição de 1686.

cuja bondade te será provada pela perfeita saúde de que gozo, tendo mais de cento e oito anos. Trabalha e serás tão feliz como eu o fui, tanto quanto eu o desejo, em nome e pelo poder do Grande Arquiteto do Universo."

Aqueles que, entre os hábeis artistas da grande obra, fizeram sólidas reflexões sobre estes princípios dados ao filho de Aristeu pensam que não se trabalharia em vão se fizesse uma mistura com o verdadeiro bálsamo de Mercúrio, e eis de que maneira pretendem que se deve proceder para fazer este bálsamo.

Arranja-se uma libra do melhor Mercúrio que se possa conseguir e purga-se três vezes pela pele e uma vez pelo tártaro de Montpellier calcinado. Põe-se depois o mesmo numa retorta de vidro forte, que seja à prova do fogo forte. Acrescenta-se vitríolo, sal nitro e alúmen de rocha e oito onças de bom álcool de vinho. E, tendo fechado hermeticamente a retorta, de modo que nada se possa evaporar, põe-se a mesma em repouso em estrume quente, durante quinze dias. E, ao fim desse tempo, encontra-se a composição transformada em gordura viscosa. É preciso expô-la a um lume forte e aumentar lentamente o fogo, até que se liberte um humor branco como o leite, que cai no recipiente, depois repô-lo na retorta para retificá-lo, a fim de consumir a sua fleuma. Esta segunda destilação faz libertar um óleo branco, suave, que não tem nenhuma corrosão, o qual ultrapassa em excelência todos os outros óleos metálicos e é-o sem dúvida porque, se o juntarmos ao elixir de Aristeu, operar-se-ão todas as maravilhas que se podem esperar de um tão belo trabalho.

Não sei se devo revelar aqui algo sobre o juramento de um árabe, que escreveu sobre estas espécies de matérias. Assegura ele, que juntando estes dois elixires com igual peso do mais fino ouro de vida, ou precipitado de ouro, produz-se sem qualquer dúvida a pedra dos filósofos. Pretende ainda que esta operação se deve realizar num frasquinho de vidro forte, exposto a um lume intenso, e que a calcinação, que fica no fundo do frasquinho, pode multiplicar-se até cem mil partes... E que responde a qualquer prova.

PARA FAZER OURO DE VIDA OU PRECIPITADO DE OURO

Arranjem-se duas onças de mercúrio, purgado e limpo pelo sal e vinagre.

Acrescente-se-lhe uma dracma de ouro fino oriental reduzido a pó e amassem-se bem estas duas matérias num prato de barro envernizado, que esteja um pouco quente, até que fiquem bem misturadas. Esta mistura chama-se comumente amálgama. Despeje-se esta amálgama em água fria. Se ficar algum mercúrio sem se incorporar com o ouro, é preciso passá-lo pelo saco de couro para purificá-lo, juntando-se depois à amálgama, que se lava então com sal e vinagre destilado, até que não fique resíduo algum. Se acontecer que o mercúrio diminua pelos movimentos das misturas e purificações que se fazem, necessário é repará-lo, de modo que para uma dracma de ouro existem oito dracmas de prata fina. Põe-se depois a amálgama num alambique de vidro forte, que esteja bem vedado e bem fechado com terra gordurosa, lançando-se por cima duas onças de água-forte e deixa-se destilar esta composição em lume intenso. Torna-se depois a pôr no alambique o que tiver caído no recipiente. Repete-se até cinco vezes. Depois de concluído, encontrar-se-á no fundo do alambique um pó que se coloca num vaso de barro que suporte o fogo violento, rega-se esse pó com boa água-de-rosas e, tendo-o fechado de modo que nada se possa evaporar, põe-se ao fogo, que se vai aumentando até que o vaso fique vermelho, deixando-se arrefecer no mesmo fogo, e então o ouro precipitado estará feito.

Tem a propriedade de curar a peste, a sífilis, a lepra, a hidropisia e outras doenças difíceis de curar. É soberano contra as opilações, contra as obstruções de fígado. É aconselhável a quem tenha bebido veneno ou comido carnes envenenadas. Utiliza-se para curar as úlceras inveteradas, as inflamações de pele venenosas, quer misturado com qualquer licor quer integrado no unguento dos emplastros. Não deve dar-se mais do que o peso de meio dinheiro diluído em duas colheradas de bom xarope de capilé, para as mulheres e jovens, e o peso de um dinheiro, diluído em meio copo de bom vinho envelhecido, para as pessoas idosas.

PARA DISSOLVER O OURO COM GRANDE FACILIDADE

Aprendi com um monge, químico excelente, na capacidade do qual uma rainha de França tinha tanta fé que as receitas dos seus médicos não eram executadas se esse monge não as autorizava com a sua aprovação; aprendi, dizia eu, com esse monge

que o sangue do veado é um rápido dissolvente do ouro. Eis a receita: arranjam-se duas libras de sangue de um veado acabado de matar, que se destilam em banho-maria por coobação, até cinco vezes, repetindo sempre a destilação a partir do resíduo que restar no alambique e, à quinta vez, guarda-se num frasquinho de vidro forte. E esta quinta essência é um tão adequado e fácil dissolvente do ouro que se poderá fazer a prova na própria mão, sem se ser incomodado.

OUTRA RECEITA SOBRE O MESMO ASSUNTO, MAIS SURPREENDENTE

Arranjam-se duas onças de salitre, uma meia onça de enxofre, uma meia onça de serradura de madeira de nogueira bem seca. Reduz-se tudo a pó impalpável e, com esse pó, enche-se uma grande casca de noz com a máxima quantidade que ela puder conter e sobre esse pó coloca-se uma laminazinha fina de ouro, que se assenta em toda a sua circunferência sobre o pó, cobrindo-se a dita lâmina com o mesmo pó, mais ou menos na espessura de um dedo travesso e ver-se-á por experiência que a lâmina funde no fundo da casca, sem que tal casca fique queimada. Esta experiência faz-se da mesma maneira para os outros metais.

PARA TRANSFORMAR O CHUMBO EM OURO FINO

Há muita gente que rejeita, por considerá-lo incerto, o método que o sábio químico Fallopius deixou nos seus escritos, para transformar o chumbo em ouro fino, porque parece demasiado fácil para uma obra de tanta importância. Contudo, não é ele o único, entre os filósofos iniciados, a falar em termos equivalentes. Basílio Valentino e Odomarus dizem sobre este assunto quase o mesmo que Fallopius. Seja como for, eis a maneira como se deve atuar, segundo o que ele diz. Põe-se uma libra de caparrosa de Chipre em infusão numa libra de água de forja, que se terá bem clarificada por filtração. A infusão deverá ser de vinte e quatro horas, de modo que a caparrosa fique inteiramente liquefeita e incorporada com a água. Destila-se depois

por filtração com pedaços de feltro bem limpo e em seguida pelo alambique em fogo intenso, e conserva-se essa destilação num bocal de vidro forte, bem fechado. Coloca-se depois uma onça de bom mercúrio purificado na proveta, que se cobre para impedir a evaporação. E quando se presumir que começa a ferver, junta-se-lhe uma onça de folhas finas de bom ouro e retira-se imediatamente a proveta do lume. Feito isto, arranja-se uma libra de chumbo fino e muito purificado, da maneira que diremos a seguir, o qual, depois de fundido, se incorpora na composição de ouro e de mercúrio que se havia preparado e, quando tudo estiver bem misturado, acrescenta-se-lhe uma onça da água de caparrosa e deixa-se misturar tudo ao fogo, durante curto espaço de tempo e, quando a composição tiver esfriado, ver-se-á que está transformada em bom ouro. Note-se que o chumbo se prepara e purifica da seguinte maneira: para se ter uma libra purificada deve pôr-se na colher quatro onças acima da libra, para com- pensar os resíduos e a evaporação, e depois, tendo sido fundido uma primeira vez, dissolve-se em bom e forte vinagre clarificado. Funde-se imediatamente e dissolve-se em sumo ou suco de celidônia, funde-se de novo e dissolve-se em água salgada. Enfim, funde-se uma última vez e dissolve-se em vinagre forte, no qual se terá misturado cal viva, e ele ficará bem purificado.

PARA DAR AO ESTANHO O SOM E A DUREZA DA PRATA SEM QUE FIQUE QUEBRADIÇO

Arranjem-se duas libras de estanho fino da Cornualha e uma libra de chumbo purgado e afinado como acabei de explicar. Põe-se o estanho numa retorta que possa suportar o fogo violento. É preciso que o estanho esteja cortado em limalhas e junta-se-lhe quatro onças de mercúrio, na altura em que começar a ferver na retorta e, momentos depois, lança-se na retorta a libra de chumbo afinado, também cortada em limalhas; agita-se então a retorta, de modo a poder-se, sem receio de evaporação súbita do mercúrio, fazê-lo ferver ao fogo de rarefação, até que se veja que o mercúrio se destaca no colo da retorta gota a gota e se consome inteiramente. Encontrar-se-á no fundo da retorta o estanho transmudado. Põe-se então a fundir até três vezes, com uma boa onça de óleo de linho de boa qualidade de cada vez. Depois, à última vez, lança-se, completamente fundido, numa boa barrela fervente de gravela

e ver-se-á que se deposita no fundo do caldeirão, em grãos. Funde-se mais uma vez com o óleo e côa-se para um vaso de barro novo, onde se formará um lingote ou dois, como se quiser, e, depois de todas estas fundições sucessivas, de três libras e um quarto de matéria, que se tinha inicialmente, restará pelo menos duas libras e meia de um metal que poderá passar por boa prata, tendo a sua firmeza e som.

PARA FAZER O BÓRAX PRÓPRIO PARA FUNDIR O OURO

Considerando que o bórax é uma droga extremamente necessária para as operações químicas e do ouro e da prata, creio que não será despropositado indicar aqui a maneira de prepará-lo, de modo a ser de uso proveitoso e não ser de preço elevado para poupar a despesa. Os antigos confundiam o bórax com o crisócalo, e havia um natural e outro artificial, cuja propriedade é dissolver ao fogo um corpo metálico e de agrupar num corpo as partes divididas de ouro e prata; em sumo, serve em qualquer obra em que se precise de uma pronta e súbita fusão. O bórax verdadeiro e natural, se é verdade que existe, vem geralmente de Alexandria e, se nos reportarmos aos escritos dos antigos químicos, ele sempre veio desta região e daí o seu nome de nitro alexandrino. É, contudo, provável que seja trazido das Índias para Alexandria. Li uma relação que explica de que maneira procedem os indianos para o extrair das minas, e para o conservar e pô-lo em estado de ser transportado para onde se quiser. Encontra-se, nas minas de onde se tira o ouro e a prata, uma espécie de água viscosa. Recolhe-se essa água com o lodo sobre o qual se encontra, e põe-se a ferver durante algum tempo, depois côa-se por uma peneira ou num tecido e deixa-se arrefecer e ela congela-se e ganha a forma de pequenas pedras como o sal nitro e como a experiência ensinou que, guardando assim essas pedrinhas durante muito tempo, elas se destroem e se transformam em pó, por isso, para se impedir que tal aconteça, colocam-se e, por assim dizer, alimentam-se em gordura de porco ou de cabra, com o mesmo lodo donde se retirou a água de que são formadas. E eis como se combina esse lodo com a gordura e se faz uma pasta. Faz-se um buraco no chão, proporcional à quantidade que se quer conservar, coloca-se uma primeira camada com essa pasta, que se cobre com as pedras de bórax. Depois se põe sobre elas uma segunda camada da dita pasta, que se cobre do mesmo modo com essas pedras. E

assim consecutivamente, até que se tenham usado todas as pedras enchendo o buraco e, enfim, recobre-se a sua superfície com uma última camada de pasta, que se cobre com tábuas de madeira, com terra por cima, deixando-se assim durante alguns meses e quando se quer transportá-las põem-se, misturadas com a massa, em pequenos barris e é por isso que ele é gorduroso e untoso. As mulheres que sabem destilar corretamente esta pasta gordurosa fazem dela um maravilhoso creme para embelezar o rosto e suavizar a pele.

Eis a maneira de fazer-se com facilidade o bórax artificial, que tem a mesma propriedade que o natural, e até há quem o ache melhor. Arranjar-se-á um pedaço dessa pasta misturada com pedrinhas que não estejam esmagadas, e dilui-se dez libras dela em doze pintas de água fervente com duas libras de azeite. Ter-se-á o cuidado de escumar bem esta mistura que se deixará ferver até que tudo esteja bem cozido, o que se saberá pondo-a sobre um pedaço de madeira polida; se estiver cozida apresentar-se-á consistente, como um xarope espesso. Tira-se então a mistura do fogo, coando-se através de um pano claro. Põem-se as pedrinhas de reserva, que se cobrem e fecham muito cuidadosamente. Deixa-se depois a mistura em repouso, durante dez dias, em esterco de cavalo. Ao fim de algum tempo, descobre-se o recipiente e retira-se uma pequena crosta que se encontra à superfície e se põe de lado. Depois, o resto da sua matéria será como que pequenos vidros, que se devem lavar com água fresca, pondo-os depois a secar sobre uma mesa à sombra. Misturam-se depois com as pedrinhas que se puseram de reserva, fazendo a ligação. Em seguida diluem-se três libras de borra de vinho branco, calcinado, num grande caldeirão, com trinta potes de água de forja bem clarificada. Acrescentem-se oito onças de sal nitro e uma onça de agulhas de hera, as pedrinhas e os vidros secos e deixe-se ferver tudo junto, como se fez em cima. E quando a composição estiver reduzida a um terço, acrescenta-se a crosta que se havia retirado da superfície do vaso de barro e continua-se a deixar ferver até que, pela mesma prova que já se indicou, se saiba que tudo está bem cozido. Guarnece-se depois um pequeno tonel de diversos bastões em cruz, espaçados uns dos outros, de maneira que os primeiros bastões, que se colocam no fundo, estejam afastados dele quatro dedos de altura, para dar lugar aos resíduos que para aí se precipitarão. Feito isto, fecha-se bem o tonel, que se enterra em esterco quente, durante quinze dias, para deixar o bórax ligar-se e congelar-se à volta dos bastões e, desta maneira, ter-se-á multiplicado a matéria quatro vezes e a experiência mostrará que ele é tão bom como o importado de países estrangeiros.

PARA IMITAR AS VERDADEIRAS PÉROLAS DO ORIENTE, DA GROSSURA QUE SE QUISER QUE SEJAM

Arranjem-se quatro onças das mais belas e mais brancas sementes de pérolas que se consigam encontrar. As maiores são as melhores. Trituram-se e dissolvem-se na mais pura e clara água de alúmen. Amassam-se depois, durante um quarto de hora, com uma espátula de marfim e, quando a massa estiver consistente, lava-se suavemente com água da chuva destilada; depois, tendo-se deixado evaporar essa água sobre cinzas quentes, amassam-se de novo com água de flores de fava. Coloca-se, em seguida, esta massa num pequeno recipiente de vidro forte bem tapado e, depois de ter estado quinze dias em repouso em estrume quente, formam-se pérolas com essa massa, num molde de prata. Note-se que o molde deve conter quatro ou cinco compartimentos, para aí se formarem outras tantas pérolas, e que não devem ser todos do mesmo formato, isto é, elas devem ser um pouco mais ou menos redondas, umas mais que as outras, para melhor imitarem as naturais. Enquanto estiverem moles devem ser perfuradas com um pelo ou seda das maiores de cerdo.

Suspendem-se num alambique bem fechado, para que o ar não as altere, e deixam-se cozer assim, pondo o alambique num lume moderado. Quando tiverem passado cerca de seis horas, retiram-se as pérolas e envolvem-se separadamente num pedaço de folha de prata da mais fina e menos alterada; mata-se então um barbo, ao qual se retiram as entranhas e se estanca o sangue colocando dentro dele as pérolas, e faz-se com esse barbo uma pasta, sem manteiga, com farinha de favas e deixa-se cozer no forno.

Quando se retirarem as pérolas do ventre do barbo, se parecerem sem brilho suficiente, lavam-se, cinco ou seis vezes de seguida, com água destilada das seguintes drogas: da erva chamada gratuli, de flores de fava, de alúmen de rocha em pó, litargírio de prata, folhas de tanchagem piladas e um pouco de salitre. Enfim, para endurecê-las como as naturais, far-se-á uma pasta como vou dizer: arranje-se onça e meia de boa calamina, uma onça de vitríolo romano, seis claras de ovos que se batem com água de tanchagem, durante meio quarto de hora, mistura-se tudo junto num alambique, e da água que destilar far-se-á uma pasta com farinha de cevada, passada por uma peneira de seda e, depois de se terem envolvido as pérolas num pequeno pano branco, deixam-se cozer no forro nesta massa. E pode-se estar certo de que se todas as coisas forem exatamente cumpridas se obterão pérolas de elevado

que se todas as coisas forem exatamente cumpridas se obterão pérolas de elevado

preço, que os mais hábeis joelheiros terão dificuldade em distinguir das naturais.

PARA SE FAZER ALMÍSCAR QUE SERÁ CONSIDERADO TÃO REQUINTADO COMO O NATURAL DO ORIENTE

Arranja-se uma gaiola, ou pequeno pombal, bem exposto ao Sol nascente, num lugar alegre. Dentro põem-se seis pombos muito cobertos de penas e dos mais negros que se consigam encontrar e todos machos. E nos três últimos dias da Lua começa-se a dar-lhes semente de alfazema em vez de qualquer outro grão que se dá habitualmente aos pombos. E, em vez de água comum, dar-se-lhe-á a beber água-de-rosas. Depois, no primeiro dia da Lua, dar-se-lhes-á o seguinte alimento: faz-se uma pasta, composta de farinha fina de favas, mais ou menos com seis libras de peso, que se amassa com água-de-rosas e os pós a seguir especificados, a saber, flores de nardo da índia, *calami aromatici* seis dracmas de cada uma, boa canela, bons grãos de cravinho, noz moscada e gengibre — seis dracmas de cada um, tudo reduzido a pó fino. Com esta pasta formam-se grãos, da grossura de um grão-de-bico, que se deixam secar ao sol, para que não se encham de bolor. Dão-se aos pombos quatro vezes por dia, seis de cada vez, durante dezoito dias, a beber dá-se-lhes água-de-rosas e ter-se-á muito cuidado a mantê-los limpos, limpando bem os seus excrementos. Ao fim desse tempo, arranje-se um vaso de barro envernizado e, cortando o pescoço a cada um dos pombos, deixa-se escorrer o sangue para o vaso, que se terá anteriormente pesado, para que se possa saber exatamente quantas onças de sangue se recolhem. E depois de se ter afastado com uma pluma a espuma que se formar sobre o sangue, junta-se-lhe bom almíscar oriental dissolvido num pouco de boa água-de-rosas. É preciso pelo menos uma dracma para três onças de sangue, com seis gotas de fel de boi para o total. Põe-se depois esta mistura num matrás de colo longo bem fechado e deixa-se descansar, durante quinze dias, em esterco de cavalo bem quente. Será contudo melhor efetuar esse descanso ao sol forte de verão e, quando se vir que a matéria está bem destacada no matrás, retira-se, para pô-la com algodão numa caixa de chumbo nova.

Este almíscar será tão forte e tão bom que poderá perfeitamente servir para fazer outro, como se fosse verdadeiro almíscar do Oriente. E, por este meio, pode-se

ter um ganho considerável, repetindo frequentemente esta operação, visto que a multiplicação pode ir até de trinta onças para uma.

PARA FALSIFICAR O ÂMBAR PARDO

Reduzem-se a pó fino as seguintes drogas, que se passarão por uma fina peneira, a saber: uma onça de amido, uma onça de íris de Florença, uma meia onça de *aspalatum,* uma onça de benjoim, uma onça e meia de espermacete e uma dracma de bom almíscar do Oriente, que se farão dissolver em água de canela destilada, onde se dilui uma quantidade suficiente de alcatira, e de tudo isto faz-se uma pasta que se põe em repouso como se disse para o almíscar, e quando se achar que ela está suficientemente seca, guarda-se muito bem fechada para não se recear o vento... Pode-se conservar dez anos com as mesmas qualidades.

COMPOSIÇÃO DE EXCELENTES PASTILHAS PARA PERFUMAR AGRADAVELMENTE UM QUARTO

Arranjam-se quatro onças de benjoim, duas onças de estoraque, um quarto de onça de madeira de aloés. Põem-se a ferver estas drogas em lume lento, durante uma hora, num vaso de barro envernizado com água-de-rosas, de modo que a água-de-rosas ultrapasse em dois dedos traversos as drogas que devem ser trituradas. Côa-se depois a mistura, deixando de lado a água que restar e, depois de deixar secar bem o resíduo, pulveriza-se o mesmo em pó fino, num almofariz quente, com uma libra de bom carvão. Põe-se depois a diluir alcatira, na água que se pusera de reserva. Juntam-se em seguida aos pós uma dracma de bom almíscar do Oriente, dissolvido num pouco de água-de-rosas, faz-se de tudo isto uma massa da qual se formam pastilhas do comprimento e largura do dedo mínimo, pontiagudas numa ponta e achatadas na outra, de modo que se possam manter direitas sobre o seu suporte e, quando estiverem bem secas, acendem-se pela extremidade pontiaguda e ardem até ao fim, lancando um aroma muito suave. Para as tornar ainda melhores acrescentam-

se-lhes seis grãos de bom âmbar pardo.

PARA AMOLECER O MARFIM, TORNANDO-O PRÓPRIO PARA SER MOLDADO

Causa por vezes admiração ver-se vender a preço vil obras de marfim de excelente cinzeladura. Isso não poderia acontecer se não se tivesse descoberto o segredo de amolecer o marfim para ser moldado e, desse modo, fazer numa hora o que no se poderia fazer em oito dias. Eis, pois, o que aprendi com um hábil artesão da cidade de Danzigue. Raspa-se bem um pedaço de marfim, de modo a ficar inteiramente branco, põe-se depois a ferver em água do mar, clarificada por filtração, com seis onças de raiz de mandrágora, e experimenta-se com uma espátula se está suficientemente mole para ser lançado no molde, que deve estar um pouco quente e bem limpo. Quando o molde estiver cheio, deixa-se arrefecer o marfim e depois expõe-se a figura feita ao orvalho durante dois ou três dias de seguida.

PARA ROMPER CORDAS NOVAS COM UMA ERVA

Procura-se sobre uma grande árvore um ninho de pega e ata-se esse ninho com boas cordas novas, de modo que a mãe não possa nele entrar para alimentar os filhotes. Estendem-se depois sobre o chão alguns panos ou toalhas para receber uma erva que a pega vai buscar para romper as cordas que embaraçam o seu ninho, o que o Criador lhe faz conhecer por instinto natural, a qual ela lança fora do seu ninho quando as cordas estão rompidas. E a dita erva, caindo sobre os panos ou toalhas, é apanhada por quem se quiser servir dela; ou então vai-se procurar outra semelhante.

PARA ROMPER FACILMENTE UMA BARRA DE FERRO

Arranja-se sabão reduzido a uma cola um pouco espessa. Unta-se com ele a barra, depois limpa-se o lugar por onde se quer rompê-la e, com um pincel, unta-se cinco ou seis vezes esse local com essência de terebintina, de que já falamos atrás, que esteja retificada e purificada até três vezes e ela roerá tão subitamente a substância de ferro, que em menos de seis horas, conseguir-se-á romper facilmente a barra.

ANEL MISTERIOSO PARA CURAR A EPILEPSIA

Faz-se um anel de prata pura, onde se embute um pedaço de casco de pé de alce. Escolhe-se depois uma segunda-feira de Primavera, na qual a Lua se apresenta com aspecto favorável ou em conjunção com Júpiter ou Vênus e, na hora favorável da constelação, gravar-se-á no interior do anel o que se segue: "— *Dabi — Habi — Haber — Habr —*", perfumando-o depois três vezes com perfume de segunda-feira, pode-se ficar certo de que, usado habitualmente no dedo médio da mão, é uma garantia contra a epilepsia.

MARAVILHOSOS TALISMÃS CONTRA OS VENENOS E ANIMAIS VENENOSOS

O talismã de que vou falar está gravado a seguir e é o primeiro depois dos sete dos números misteriosos dos planetas. É de uma eficácia maravilhosa contra os venenos, dando à pessoa que o usa um pressentimento do perigo próximo que a ameaça, sentindo uma palpitação de coração que adverte do perigo. É também muito eficaz como garantia contra a mordedura de todos os animais e insetos venenosos. Eis de que maneira se deve fazê-lo. Faz-se uma pequena placa de ouro fino bem purificado e polido num domingo, à hora favorável da constelação. Gravam-se nela as figuras que estão representadas no modelo que apresentei no local acima marcado.

Perfuma-se depois três vezes com o perfume próprio ao domingo, sob os auspícios do Sol. E depois de envolvido num pedaço de tecido de seda conveniente, deve ser sempre usado numa pequena bolsa ou numa pequena caixa muito limpa. Pode-se, se quiser, gravar sobre o reverso da placa um Sol dardejando os seus raios sobre diversos insetos: sapos, lagartas, etc.

EXPLICAÇÃO DOS QUATROS OUTROS TALISMÃS DE QUE SE APRESENTAM AQUI OS MODELOS GRAVADOS

Extraí muito cuidadosamente as figuras destes quatro talismãs de um excelente manuscrito original da Biblioteca Imperial de Innsbruck. O primeiro, que representa um rosto humano, com características hebraicas, é bom para se conseguir a proteção e familiaridade dos duendes, dos distribuidores das riquezas e das honras; deve ser formado ao domingo, sob os auspícios do Sol, sobre uma placa de fino ouro, com as cerimônias do perfume à hora em que se souber que o planeta está numa situação favorável e, sobretudo, em boa relação com Júpiter.

O segundo, onde se vê a figura de um braço que sai de uma nuvem, deve ser formado a uma segunda-feira, sob os auspícios da Lua, sobre uma placa de prata pura e bem polida, com as cerimônias convenientes do perfume e à hora da constelação favorável. É bom para garantir os viajantes contra todos os perigos da terra e do mar e, principalmente, dos insultos dos brigões, dos piratas e dos obstáculos.

O terceiro deve ser formado à terça-feira sob os auspícios do planeta de Marte, com as cerimônias do perfume convenientes e à hora da constelação favorável, estando Marte em conjunção com Júpiter, ou encarado benignamente de Vênus. É muito eficaz para garantir o êxito das expedições militares, para encantar as armas de fogo de modo que elas não possam prejudicar aqueles que as usam. Deve ser gravado sobre uma placa de ferro purificado e bem polido.

O quarto deve ser formado à quarta-feira, sob os auspícios de Mercúrio, sobre uma fina placa de mercúrio fixo, com as cerimônias convenientes ao planeta e à hora da constelação favorável, estando Mercúrio em conjunção ou em relação benigna

com Vênus ou com a Lua. A sua virtude e propriedade é de tornar afortunados nos jogos e nos empreendimentos de negócios aqueles que o usem.

Protege também os viajantes dos insultos dos brigões e dissipa ou descobre as traições urdidas contra a vida da pessoa que dele se muniu.

PARA FAZER A VERDADEIRA ÁGUA DA RAINHA DA HUNGRIA

Põe-se num alambique uma libra e meia de flores de rosmaninho bem frescas, meia libra de flores de poejo, meia libra de flores de manjerona, meia libra de flores de lavanda, e por cima de tudo isto três pintas de boa aguar- dente. Fecha-se bem o alambique para evitar a evaporação e põe-se o mesmo em repouso, durante vinte e quatro horas, em esterco de cavalo bem quente. Põe-se depois a destilar em banho-maria. A utilização desta água é tomá-la uma ou duas vezes por semana, de manhã em jejum, cerca de um dracma, com qualquer licor ou bebida, e de com ela se lavar o rosto e todos os membros onde se sente qualquer dor ou debilidade. Este remédio renova as forças, torna o espírito clarividente, dissipando as fuliginosidades, conforta

a vista e conserva-a até a velhice decrépita, faz parecer jovem a pessoa que a usa. É admirável para o estômago e o peito, esfregando-a sobre esses órgãos. Este remédio não deve ser aquecido, quer se utilize por poções ou por fricções. Este receita é a verdadeira que foi dada a Isabel, rainha da Hungria.

DIVERSAS MANEIRAS PARA SE FAZEREM ÁGUAS EXCELENTES PARA TIRAR AS BORBULHAS DA CARA E LIMPAR BEM A FACE TANTO DO HOMEM COMO DA MULHER

Envolve-se em salitre um pano fino que tenha sido temperado em água clara e tocam-se as borbulhas com o dito pano temperado. Há uma água que é aconselhável para embelezar a face e que recomendo de preferência à que acabo de descrever do salitre. Em duas pintas de água fazem-se cozer favas fiagelárias até ficarem quase reduzidas a pasta. Põe-se essa água num alambique e juntam-se dois punhados de morrião, dois punhados de argentina, uma libra de vitelo picado com seis ovos frescos e, sobre tudo isso, meio litro de vinagre branco. Destila-se esta mistura em banho-maria e obter-se-á uma água excelente para dissipar os vermelhões do rosto, lavando-o à noite e de manhã. Sei que existe uma infinidade de pessoas que receiam que estas destilações as envelheçam prematuramente, mas eis uma que faz parecer jovem a pessoa de uma idade avançada. Amassa-se pão com três libras de farinha de frumento e uma libra de farinha de favas com leite de cabra sem fermento muito acre. Depois de ter sido cozido no forno, retira-se-lhe todo o miolo, que se embebe bem em leite de cabra e seis claras de ovos aplicadas com uma esponja. Acrescente-se uma onça de casca de ovo calcinada e bem misturada. Feito isto, destila-se num alambique em fogo forte e ter-se-á uma excelente água para rejuvenescer; desde que se esfregue todos os dias o rosto com ela, ele ficará unido e polido como se fosse um espelho. Aqueles ou aquelas que têm o rosto escuro ou um pouco crestado poderão torná-lo branco como a neve, utilizando a verdadeira água de Veneza, que se faz da seguinte maneira: arranjam-se duas pintas de leite de vaca negra no Inês de Maio, uma pinta de água de vinha destilada, oito limões e quatro laranjas picadas, duas onças de açúcar cristalizado, uma meia onça de bórax bem pulverizado, quatro

cebolas de narciso piladas e põe-se tudo isso a destilar e retificar em banho-maria e conserva-se a água numa garrafa bem tapada.

REQUINTADA POMADA PARA EMBELEZAR O ROSTO SEM RECEIO DE QUE CRESTE EM SEGUIDA. USA-SE COMO O CREME

Arranjam-se trinta pés de carneiro e seis pés de vitelo a que se retira toda a carne, conservando-se apenas os ossos, que são longos. Trituram-se o melhor possível e ter-se-á cuidado com o tutano que neles se encontra. Põem-se a cozer bem num grande vaso de barro novo, tendo-se o cuidado, no começo da fervura, de retirar cuidadosamente a espuma, para se obter o resíduo sem gordura. Depois de terem fervido durante três horas, deixam-se arrefecer bem e depois, com uma colher de prata, retira-se a gordura formada à superfície do vaso, sem deixar nenhuma. Arranja-se uma quantidade semelhante de gordura de barriga de cabrito e, se as duas gorduras pesarem uma meia libra, acrescenta-se uma dracma de bórax e outro tanto de alúmen de rocha calcinado, duas onças do óleo de quatro sementes frias e deixa-se ferver tudo junto numa pinta de vinho branco que seja bem claro e, deixando arrefecer, lava-se depois toda a superfície da gordura que tenha congelado, torna-se a lavar e a limpar diversas vezes em água-de-rosas, até que se torne muito branca, guardando-se então em pequenos potes de faiança, para ser utilizada.

COMPOSIÇÃO DE UM SABONETE PARA O ROSTO E PARA AS MÃOS QUE TORNA AGRADÁVEL A PESSOA QUE O USA

Arranja-se uma libra de íris de Florença, quatro onças de estoraque, duas onças de sândalo citrino, uma meia onça de grãos de cravinho, outro tanto de canela fina, uma noz-moscada e doze grãos de âmbar pardo. Reduz-se tudo a pó fino, passado pela peneira. O âmbar cinzento mistura-se separadamente. Arranjem-se depois duas

libras de bom sabão branco, que se deve raspar e pôr em três meios litros de aguardente, para temperar, quatro ou cinco dias. Tritura-se em seguida com água de flores de laranjeira e faz-se com ele uma massa com amido fino passado pela peneira e só então se deve misturar o âmbar pardo dissolvido com um pouco de alcatira liquefeita em perfume. E com essa massa formam-se sabonetes, que se põem a secar á sombra, fechando-os depois em caixas com algodão.

PARA FAZER BOA ÁGUA-DE-ANJOS QUE PERFUMA COM O SEU AGRADÁVEL ODOR

Arranje-se um grande alambique e ponha-se dentro dele as seguintes drogas: benjoim, quatro onças; estoraque, duas onças; sândalo citrino, uma onça; grãos de cravinho, duas dracmas; dois ou três pedaços de íris de Florença; metade de uma casca de limão; duas nozes moscadas; canela, meia onda; duas pintas de boa água-de-rosas; meio litro de água de flores de laranjeira; meio litro de água de meliloto. Põe-se tudo num alambique bem selado e destila-se em banho-maria e esta destilação é uma água-de-anjos maravilhosa.

LUZ QUE SE RELACIONA COM A MÃO-DE-GLÓRIA, PARA ADORMECER TODOS AQUELES QUE ESTIVEREM NUMA CASA

Arranje-se quatro onças de uma erva chamada serpentina, ponha-se a dita erva num vaso de barro bem vedado e, em seguida, a digerir no ventre de cavalo, isto é, em esterco quente, durante quinze dias. Ela estará então transformada em pequenos vermes vermelhos, dos quais se extrai um óleo, segundo os princípios da arte, e com esse óleo guarnece-se uma lâmpada que, quando estiver acesa num quarto, provocará sono e adormecerá tão profundamente quem nele se encontrar que não se conseguirá acordar ninguém enquanto a lâmpada permanecer acesa.

OS SEGREDOS

EIS MAIS ALGUNS SEGREDOS CURIOSOS EXPERIMENTADOS

ENCONTRADOS NO GABINETE DE UM CURIOSO PELA NATUREZA

SEGREDO MARAVILHOSO PARA FAZER O QUADRANTE OU BÚSSOLA SIMPÁTICA, PELO QUAL SE PODERÁ ESCREVER A UM AMIGO DISTANTE E DAR-LHE A CONHECER AS INTENÇÕES, NO MESMO MOMENTO, OU NO MOMENTO SEGUINTE EM QUE SE TIVER ESCRITO

Façam-se duas caixas de aço fino (semelhantes às caixas vulgares da bússola de mar) que sejam do mesmo peso, grandeza e aspecto, com um bordo suficientemente grande para pôr a toda a volta todas as letras do alfabeto. Coloca-se um sustentáculo no fundo, para aí pôr uma agulha como num quadrante vulgar. Deve-se ter o cuidado de deixar as caixas bem polidas e bem limpas, e depois procura-se, entre diversos magnetes finos e bons, um que tenha, do lado que se estende para sul, veios brancos e o que se achar mais longo e mais estreito divide-se em duas partes, o mais iguais que for possível, para se fazerem duas agulhas para as duas caixas. É necessário que sejam da mesma espessura e do mesmo peso, com um buraquinho para serem colocadas em equilíbrio sobre o sustentáculo. Tendo-se feito tudo isto,

dar-se-á então uma das caixas a um amigo com quem se quiser travar correspondência e marcar-se-lhe-á uma hora de certo dia da semana, ou uma hora em todos os dias, se quiser, mas isso seria talvez um pouco maçador, porque, quando quiserem falar um com o outro no próprio gabinete, é preciso que um quarto de hora, ou uma meia hora, uma hora até, antes da marcada com o dito amigo se coloque imediatamente a agulha sobre o suporte da caixa e se olhe para ela durante esse tempo. É necessário que haja uma cruz, ou qualquer outra marca no começo do alfabeto, para se saber, quando a agulha estiver sobre essa marca, da intenção de se iniciar o diálogo, pois é necessário que ela se mova por ela própria, depois de amigo que está afastado a ter posto sobre essa marca sempre antes de começar. Assim, o amigo, para dar a conhecer a sua intenção ao outro, girará a sua agulha sobre uma letra e, ao mesmo tempo, a agulha do outro colocar-se-á sobre a letra semelhante, pela relação que as duas têm entre si. Quando se quiser dar a resposta é necessário fazer o mesmo e, quando se tiver acabado, repor-se-á a agulha sobre a mesma marca. Note-se que, depois de se ter falado, se deve ter o cuidado de colocar a caixa e a agulha, separada- mente, em algodão, numa caixa de madeira e protegê-las, sobretudo da ferrugem.

PARA FAZER UMA ESPINGARDA TER UM ALCANCE DUPLO DO SEU USUAL

Deve-se, por exemplo, para duas onças de boa pólvora, acrescentar uma onça de pimenta branca, pilada grosseiramente, e misturar bem tudo. Carrega-se a espingarda com a dita pólvora, um pouco mais que a carga usual e, além da pólvora, acrescenta-se cânfora, que se terá batido bem. Põe-se então por cima a bala, envolvida em papel. Uma pistola terá um alcance semelhante ao de uma espingarda. Arranja-se também uma erva que se chama *psyllium.* É um grão que se colhe nos signos do Leão. Tem a semente pequena como a mostarda e deve ser queimada no cano da espingarda, avermelhando o cano como numa forja, e está pronto.

MANEIRA DE FAZER UM XAROPE PARA CONSERVAR A VIDA

Arranje-se oito libras de suco mercurial, duas libras de suco de borragem — caules e folhas — doze libras de mel de Narbonne ou outro, o melhor da região, ponha-se a ferver tudo junto. Uma fervura para espumá-la e passa-se à destilação de Hipocrates e clarifica-se.

Põe-se à parte em infusão, durante vinte e quatro horas, quatro onças de raiz de genciana, cortada em fatias, em três meios litros de vinho branco sobre cinzas quentes. Agita-se de tempos a tempos, e passa-se depois este vinho por um pano, sem o espremer.

Misture-se esta cozedura com os ditos sucos, com o mel, deixando ferver docemente e cozer até atingir a consistência de xarope. Põe-se depois a arrefecer numa terrina envernizada, e depois em garrafas que devem ser conservadas num lugar temperado, para se utilizarem como foi dito, tomando todas as manhãs uma colherada.

O xarope de que vos falo nesta memória prolonga a vida, restabelece a saúde contra todas as espécies de doenças, mesmo a gota, dissipa o calor das entranhas e, quando no corpo não existir mais do que um pequeno pedaço de pulmão, estando o resto estragado, ele mantém o bom e restabelece o mau. É bom contra as dores de estômago, contra a ciática, as vertigens, a enxaqueca e, normalmente, para as dores internas.

Tomando todas as manhãs apenas uma colher deste xarope, pode-se estar certo de não precisar nem de médico nem de boticário e passar-se-ão os dias da vida destinada por Deus com uma feliz saúde, pois que ele possui tal virtude que não suporta corrupção, nem mau humor no corpo, fazendo evacuar tudo suavemente, por baixo.

Este segredo foi dado por um pobre camponês da Calábria àquele que foi nomeado por Carlos V para general desse belo exército naval que ele enviou à barbárie. O bom homem tinha 132 anos de idade, segundo assegurou ao general. O qual, tendo-se hospedado em sua casa e observando a sua tão avançada idade, se informou da sua maneira de viver e da de vários dos seus vizinhos, que eram quase

todos tão idosos como ele, mas tão espertos e fortes como se não tivessem mais de

trinta anos, ainda que, além do mais, confessassem que haviam levado uma vida bastante libertina.

Um conde da Alemanha, doente há treze anos, foi curado; o eleitor da Baviera, condenado e abandonado pelos médicos do Império, a marquesa de Brandeburgo, paralítica desde há nove anos, a duquesa de Fribourg, tendo ficado enfraquecida depois de uma longa doença, e diversas outras pessoas de qualidade, cujo número é quase infinito, enfim, todos aqueles que o usaram tiveram uma experiência feliz das suas faculdades.

PARA AUMENTAR O SABÃO

Arranje-se dez potes de água, seis libras de soda de Alicante e duas libras de carvões de amêndoas em cinza. De tudo isso faça-se uma lixívia, que se guardará.

Depois, arranje-se dez libras de sabão cortado aos bocados. Ponham-se numa caldeira sobre um lume brando até que fundam. Feito isto, lance-se por cima dez libras da dita lixívia e deixe-se ferver em conjunto dez ou doze vezes. Arranje-se depois goma de amido, que se dilui na dita lixívia, e lance-se tudo na caldeira onde o sabão fundiu e onde se deitou a dita lixívia, mexa-se bem e deixe-se levantar fervura. Prepara-se depois uma caixa de madeira feita expressamente, lance-se dentro um pouco de flor de cal viva, e despeje-se por cima a matéria fundida e deixe-se secar a sombra e bem ao ar.

NOTA: a goma de amido serve apenas para embranquecer a matéria e dar-lhe a cor do sabão.

PARA AUMENTAR O AÇAFRÃO

Prepare-se onça e meia de aguardente, duas dracmas de açúcar fino, meia dracma de salitre. Ponha-se tudo ao lume e acrescente-se então uma onça de açafrão.

E, depois de se ter mexido a dita decocção, deixa-se a mesma secar ao sol e obter-se-á

um belo aumento.

PARA AUMENTAR EM METADE A PIMENTA PILADA

Deve-se misturar com a pimenta do grão de cárdamo outro tanto de grão do paraíso.

PARA AUMENTAR A CERA BRANCA

Arranja-se dez libras de cera branca. Depois de fundida, acrescenta-se-lhe três libras de farinha de íris bem peneirada e mexe-se vigorosamente. Incorpora-se tudo com uma espátula de madeira.

PARA AUMENTAR O ALMÍSCAR; GUARDE O SEGREDO

Arranje-se ruibarbo, bem velho e apodrecido. Pulverize-se e corte-se em bocados. Deixe-se ferver em água comum, mexendo sempre, até que adquira a consistência da teriaga. Deixe-se secar por ele mesmo, à sombra, e misture-se isto com almíscar.

PARA A PINTURA DOS CABELOS, QUANDO ELES SÃO DEMASIADO ARDENTES, OU PARA AS PLUMAS BRANCAS, QUANDO ESTÃO MANCHADAS

Arranje-se litargírio de ouro em pó. Ponha-se em água e mexa-se bem com um bastão. Deixe-se ferver e, na água fervente, ponham-se os cabelos. Se puser pouco litargírio, a cor não ficará forte. Se puser muito, a cor será mais forte. Não é necessário deixá-lo ferver, é suficiente que o conjunto esteja bastante quente. Se ferver, a operação far-se-á mais depressa, mas não tão bem.

VERNIZ DE OURO, ADMIRAVELMENTE BELO, TENDO TANTO OU MAIS BRILHO QUE O VERDADEIRO DOURADO, DURANTE O MESMO TEMPO

Para duas partes de bom álcool de vinho retificado, ou um pouco mais, se quiser que o verniz não seja vermelho, poder-se-á também diminuir um pouco o peso da goma-laca, que o torna vermelho.

Arranje-se quatro onças de goma-laca em grãos e duas onças de goma-guta em pó; num frasquinho misture-se com o álcool de vinho e faça-se reduzir tudo a um terço num lume forte. Para se usar, põe-se uma camada do dito verniz sobre aquilo que se deseja dourar: madeira, metal, livro, ou outra coisa. Coloca-se depois muito cuidadosamente uma camada de metal falso em folha, deixando secar tudo. E, quando estiver seco, pôr-se-á uma nova camada do dito verniz sobre a folha do dito metal e deixa-se em seguida secar, continuando assim até que a douradura tenha adquirido a cor necessária.

NOTA: é preciso utilizar um pincel.

NOTA: para se obter êxito, deve-se começar também por uma camada, como se faz nos quadros.

CONTRA AS AREIAS, PARA CURÁ-LAS E IMPEDI-LAS DE AUMENTAREM. RECEITA EXPERIMENTADA

Prepare-se uma pinta de água da chuva, duas colheradas de cevada mondada e um pedaço de alcaçuz do tamanho de uma mão, bem batido.

Deve-se deixar tudo isto temperar durante um dia e, depois, pô-lo a ferver até que a cevada comece a desfazer-se. Tomem-se, todas as manhãs e à noite, quatro colheradas, com oito colheradas de leite de vaca, da maneira que se toma o café.

PARA LIMPAR OS DENTES E AS GENGIVAS E FAZER CRESCER A CARNE

Prepare-se uma onça de mirra, bem pilada, duas colheradas de mel branco do melhor e um pouco de salva verde, bem pulverizada, e esfregue-se com a mistura os dentes, à noite e de manhã.

CONTRA O MAU HÁLITO

Tome-se, à noite ao deitar, um pedaço de mirra, do tamanho de uma avelã, que se deixa derreter na boca.

PARA A FEBRE TERCEIRA E QUARTA

Cardo bendito ou *cardus benedictus*, absinto e açafrão. Lance-se por cima água a ferver e beba-se da maneira como se faz ao chá, todos os dias, um pouco antes de a febre vir, ela passará rapidamente.

SEGREDOS MARAVILHOSOS PARA CONSERVAR SEMPRE A SAÚDE

Os quais devem ser tomados e compostos sob a influência das estrelas, para curar em pouco tempo as enfermidades abaixo escritas.

Arranjem-se, à hora do Sol, que é o autor da vida, quatro ramos de arruda, nove grãos de zimbro, uma noz, um figo seco e um pouco de sal. Pile-se tudo junto e coma-se em jejum, diversas vezes.

PARA SABER SE UM DOENTE VIVERÁ OU MORRERÁ

Diversos são os julgamentos que se fazem para se saber se um doente deve viver ou morrer. Mas publicarei o presente sinal infalível, o qual pode ser usado por toda a gente, que dele extrairá uma firme opinião. Arranje-se uma urtiga e ponha-se a mesma na urina do doente, imediatamente depois de o doente a ter feito e desde que não esteja corrompida e deixe-se a urtiga na dita urina, durante vinte e quatro horas. Se depois se encontrar a urtiga seca, é sinal de morte e se encontrar verde é sinal de vida.

PARA PROTEÇÃO CONTRA A GOTA

Este mal é causado por Saturno. Tome-se, à hora de Marte ou de Vênus, a erva chamada matricária, que deve ser pilada e misturada com uma gema de ovo cozida à maneira de omelete e come-se em jejum, e isto é uma proteção contra a gota.

PARA AS FÍSTULAS

Este mal é causado por Marte. Arranje-se, à hora de Saturno ou de Júpiter, os seus inimigos, uma raiz de lírio, reduzida a pó, que se mistura com a cinza de ostras queimadas, banha de porco e aplica-se sobre a fístula.

PARA LAVAR AS MANCHAS DAS BEXIGAS

Este mal é causado por Marte. Arranje-se, à hora da Lua, Mercúrio, Saturno ou Júpiter, os seus inimigos, litargírico, raízes de canas secas, farinha de grão-de-bico, farinha de arroz. Pile-se e misture-se essas drogas com óleo de amêndoas doces e gordura de carneiro liquefeita e unte-se então o rosto com a mistura e deixa-se assim durante toda a noite e manhã, e lava-se depois com água quente.

PARA A PEDRA DA BEXIGA

Este mal é causado pela Lua. Arranjem-se, à hora de Marte ou de Mercúrio, escorpiões. Põem-se num vaso de barro novo, que tenha a boca estreita, e levam-se ao forno, que não deve estar muito quente, durante seis horas; retire-se depois e pile-se rapidamente.

PARA AS DORES DAS CÓLICAS

Este mal é causado pela Lua. Arranje-se, à hora de Marte ou de Mercúrio, os seus inimigos, o fruto do loureiro e faça-se com ele um pó e dê-se a beber o peso de duas dracmas com vinho aromático. Isto retirará a dor.

PARA A DIFICULDADE DE URINAR

Este mal é causado pela Lua. Arranje-se, à hora de Marte ou de Mercúrio, seus inimigos, a folha e semente de trevo e de abrótono e deixe-se ferver em água, decocção à qual se deve acrescentar uma cantárida sem cabeça, com os pés e asas reduzidos a pó, e beber-se-á uma colher desta mistura. O que fará urinar.

PARA A HIDROPISIA

Este mal é causado por Saturno. À hora de Marte ou de Vênus, seus inimigos, mate-se um faisão recolha-se o sangue e dê-se a beber ao doente dois copos desse sangue. Ele curar-se-á infalivelmente.

PARA AS DORES DE ESTÔMAGO

Este mal é causado pelo Sol. À hora de Marte, de Mercúrio ou da Lua, seus inimigos, mate-se uma galinha. E retire-se a membrana que se encontra no estômago, faça-se um pó com ela, dando-o a beber com vinho. É um bom remédio.

FIM

Tabela do nascer do sol sobre a dezessete províncias.

Janvier.	1	8	1
	3	7	58
	9	7	55
	13	7	50
	17	7	45
	21	7	41
	25	7	34
	29	7	28
Février.	2	7	21
	6	7	4
	10	7	6
	14	6	58
	18	6	50
	25	6	43
	26	6	36
Mars.	2	6	27
	6	6	19
	10	6	1
	14	6	3
	18	5	55
	22	5	47
	26	5	39
	30	5	2
Avril.	3	5	25
	7	5	17
	11	5	9
	15	5	1
	18	5	53
	23	4	46
	27	4	40

Mai.	1	4	33
	3	4	27
	9	4	20
	13	4	13
	17	4	6
	21	4	2
	26	3	52
	29	3	53
Juin.	2	3	49
	6	3	46
	10	3	44
	14	3	42
	18	3	41
	22	3	41
	26	3	41
	30	3	42
Juillet.	4	3	45
	8	3	48
	12	3	51
	16	3	55
	20	3	59
	24	4	3
	28	4	9
Août.	1	4	17
	19	5	23
	15	4	29
	17	4	37
	21	4	24
	25	4	44
		4	56
		4	59

Septembre.	2	5	13
	6	5	21
	10	5	29
	14	5	37
	18	5	45
	21	5	53
	26	6	9
	29	6	11
	30	6	14
Octobre.	8	6	26
	12	6	32
	16	6	40
	20	6	47
	24	6	55
	28	7	3
Novembre.	1	7	10
	5	7	17
	9	7	24
	13	7	30
	17	7	36
	21	7	42
	25	7	48
	29	7	52
Décembre.	3	7	57
	7	8	9
	11	8	3
	15	8	4
	19	8	5
	27	8	5
	9	8	4
	21	8	2

Tabela de amanhecer em Itália e França.

Mois	Jour	Ital. heu.	Fr. heu.
Janvier.	1		
	7	15	7
	8		
	39	14	7
Février.	1		
	9	1	6
	20		
	25	12	6
Mars.	1		
	10	12	6
	11		
	34	11	5
Avril.	11		
	31	9	4
Mai.	1		
	4	9	4
	15		
Juin	1	8	4
	30	8	4
Juillet.	1		
	6	8	4
	7		
	31	9	4
Août.	1		
	13	9	4
	14		
	31	11	5
Septembre.	1		
	12	11	5
	12		
	30	12	6
Octobre.	1		
	13	12	6
	24		
	31	14	7
Novemb.	1		
	14	14	7
	14		
	30	15	7
Déc.	1		
	31	15	7